

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



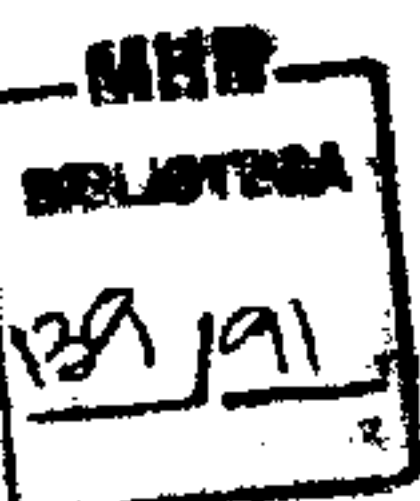
ANAIIS
DO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. XIII

1952



1964



BIBLIOTECA DO M.H.N.
EXEMPLAR-RESERVA

SUMÁRIO

	Pág.
JENNY DREYFUS — Medalhões franceses — Séculos XV a XIX”	5
OTÁVIA CORRÊA DOS SANTOS OLIVEIRA — “O Néo-Rocó no Museu Histórico	119
HERCULANO GOMES MATHIAS — “Machado de Assis e o jogo de xadrez”	143
DULCE CARDOZO LUDOLF — “Nova diretriz dos Museus”	191
GILDA MARINA DE ALMEIDA LOPES — “1.º Compromisso Constitucional”	203
SIGRID PORTO DE BARROS — “A mensagem cultural do Museu”	219
MARFA BARBOSA VIANNA — “A estátua mais bonita da Guanabara nas coleções do Museu Histórico”	231
ANTÔNIO PIMENTEL WINZ — “A moeda fiduciária da Divisão de Numismática e Sigilografia do Museu Histórico Nacional”	249
THEREZINHA DE MORAES SARMENTO — “Um Auto-retrato no Museu da República”	271

A P Ê N D I C E

MARIA DE LOURDES RODRIGUES DE CARVALHO — “A coleção Nilo Peçanha”	281
---	-----

* * *

Fotos: Eduardo de Los Rios, João de Oliveira Rocha e Roberto Maia

“MEDALHÕES FRANCESES”

SÉCULOS XV A XIX

JENNY DREYFUS

(Conservador-Chefe do M. da R.)

INTRODUÇÃO

O catálogo de medalhas francesas que ora apresentamos, corresponde a uma pequena parcela da belíssima coleção do Museu Histórico Nacional.

Foi por nós organizado num período em que trabalhamos na Seção de Numismática.

Estamos certos que trará bastante interêsse aos estudiosos e particularmente aos colecionadores sempre à procura de bibliografia sôbre assunto tão escasso entre nós.

MEDALHÕES FRANCESES

1 — MEDALHÃO DE LUIZ XII E ANA DE BRETANHA — 1499

FELICE-LYDOVICO-REGNANTE-DUODECIMO-CESARE-ALTERO-GAVDET OMNIS-NACIO. “Sob o feliz reino de Luiz XII, tôdas as nações gozam de um outro Cesar”.

Busto à direita de Luiz XII, sôbre a cabeça um barrete guarnecido de uma coroa de flores de liz, trazendo o colar da ordem de S. Miguel. Campo semeado de flores de liz. No exergo, um leão, símbolo da cidade de Lyon.

R/ LVGDVN-REPÚBLICA-GAÜDETE-BIS-ANNA-REGNANTE-BENIGNE-SIC-FVI-CONFLATA-1499. Quando a república de Lyon se regosijava por ocasião do segundo reinado da boa rainha Ana, eu fui assim fundada em 1499”.

Busto à esquerda de Ana de Bretanha, coberta por um véu curto sôbre o qual está colocada a corôa real. O campo do medalhão é semeado à direita de flôres de liz (casa de França) e à esquerda de arminhos (casa de Bretanha). No exergo, um leão.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 115 m/m.

s/a — (atribuída a Nicolas Le Clerc et Jean de Saint-Priest).

NICOLAS LE CLERC — Escultor de Lyon; viveu entre os séculos XV e XVI. De 1490 a 1510 fez numerosos trabalhos de ornamentação e de escultura. Dêle só se possui a medalha com as efígies de Luiz XII e Ana de Bretanha, feita em colaboração com o artista Jean de Saint-Priest. Daí a razão dêsse medalhão ser atribuído a êle, embora não assinado.

Bibliografia:

Benézit --- Diction. Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs etc de tous les temps et de tous les pays sous la direction de.

Le Normand — Trésor de numismatique et etc. — Médailles et Monnaies.

2 — LUIZ XI -- 1469

DIVUS-LUDOVICVS-REX-FRANCORVM. “O divino Luiz rei dos franceses”.

Busto à direita, de Luiz XI, com chapéu.

R/ ORDINIS-INSTITVTOR-SANCTI-MICHAELIS “Fundador da ordem de S. Miguel”. No exergo: 1469. No centro, o escudo das armas de França (campo de azul, 3 flôres de liz de ouro) encimado por uma corôa real, circundado pelo colar da ordem de S. Miguel.

Gravador: Francisco Laurana.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 65 m/m.

Nota — A primeira medalha que apresenta uma efígie francesa. (Le Normand — Monnaies et Médailles — pg. 280).

FRANCISCO LAURANA — Escultor italiano que viveu no século XV Trabalhou a Serviço da casa de Lyon, de 1461 à 1466. Gravou as medalhas de Carlos IV, do rei Renato, de Joana de Laval e de muitas outras pessoas da côrte. Esteve esculpindo em Nápoles em 1471 e em 1475, já de volta à França, fez o túmulo de Carlos IV. No Museu do Louvre há dêle, um escudo com as armas de René de Anjou.

Bibliografias M. Paul de la Roche — Henri Dupont.

E. Benézit — Dictionnaire Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs etc. de tous les temps et de tous les pays sous la direction — 2.º volume — Paris, 1913.

M. Charles Le Normand — Trésor de Numismatique e de glyptique sous le direction de ... vol. I — Médailles françaises — de Charles VII à Henri IV — Paris 1858.

Em 1552, a guerra estourou entre a França e o Império, por causa dos ducados de Parma e Plaisance; a República de Siena foi posta nesse ano sob a proteção de Henrique II, que se apossou de Metz, de Toul e de Verdun. No ano seguinte foi tomado Hesdin.

Nota — Esta medalha no anverso, é uma cópia exata da peça de Laurana, porém, antedatada pois foi trabalhada por gravador do século XVI. Informação colhida em: Les medailleurs des XV et XVI Sles por Alfred Armand.

3 — MEDALHA DE JOÃO PARISOT DE LA VALETTE

Nasceu em 1494. Grão-mestre da ordem de Malta em 1557. Faleceu em 1568. Medalha francesa. Artista italiano.

F-IONNES-DE VALETTE-M-HOSP-HIE. “Irmão de João de La Valette Grão-mestre dos hospitaleiros de Jerusalem”.

Busto à esquerda de Jean Parisot de La Valette, cabeça descoberta, vestido com uma armadura.

R/ Nabeo Te. “Eu te possuo”.

Um elefante caminhando na água carregando uma torre onde se encontra uma mulher que estende as mãos a cavaleiros que descem de suas galeras e beijam a tromba do elefante, atraz do qual se vê uma palmeira.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 59 m/m.

Segundo A. Armand (Medailleurs ital. du XV et XVI siècles) esta peça foi feita por Antonius Marius.

ANTONIUS MARIUS ---- Copista e iluminista do XV e XVI século. Nasceu em Florença. Um dos artistas mais fecundos da sua época. Trabalhou sobretudo para pessoas altamente colocadas. Os espécimens mais conhecidos de Marius, acham-se na biblioteca de Florença. Embora fôsse o artista um bom copista e um bom calígrafo, foi um excelente miniaturista.

Nota — Em Benèzit há um engano de data, onde se lê 1449 a 1451, deve ser 1519 a 1551.

Bibliografia:

E. Benezit — Trésor de Numismatique.

A. Armand — Les med. ital. du XV et XVI.

A. Armand, diz que as peças mais conhecidas dêsse medalhista são do ano 1560. Mesmo se recuássemos um século, esta medalha não poderia ser cunhada por êle.

4 — MEDALHÃO DE CLÁUDIA DE FRANÇA — 1499-1524

CLÁUDIA-REGIS-FR-L-XII-FILHA-FELIX. “Cláudia, rainha de França, filha venturosa de Luiz XII”.

Busto à esquerda de Cláudia, cabeça coberta.

Peça uniface.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 100 m/m.

CLÁUDIA DE FRANÇA — Rainha de França, primogênita das filhas de Luiz XII e de Ana de Bretanha. Nascida no castelo de Romorantin em 1499; prometida em casamento a Carlos V, casou por fim, com seu primo, Francisco (depois Francisco I); ligeiramente coxa e de fisionomia insignificante embora doce e piedosa. Não teve a menor influência nem sobre o espírito nem sobre a corte de seu faustoso marido. Faleceu no castelo de Blois em 1524, tendo apenas 26 anos, deixando 7 filhos.

Bibliografia:

Enciclopédia.

5 — FRANCISCO DE TOURNON

F-DE-TVRNONE-S-REP.-1535-CARD-ETA-46 “F. de Cournon S Rep (sic) 1535 — Cardeal na idade de 46 anos”.

Busto à esquerda, longa barba, sobre a cabeça um boné de uso nos séculos XV e XVI. No exergo, a data — 1535.

Uniface.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 71 m/m.

s/a.

FRANCISCO DE TOURNON — Além de cardeal, em 1530 a 1562, foi homem de Estado e diplomata francês. Nascido na cidade de seu nome em 1490. Presidiu o colóquio de Poissy em 1561. Protegeu os sábios e os literatos e criou o Colégio de Tournon. Faleceu em 1562.

6 — MEDALHÃO DE FRANCISCO I — FR 1537

FRANCICVS-I-D-G-FRANCOR-REX-1537 “Francisco I, por graça de Deus, rei dos Franceses”.

Busto de 3/4 à esquerda, de Francisco I, barbado, com um chapéu chato com plumas pelissa de gola larga sôbre a qual passa uma corrente com um medalhão.

Uniface.

Bronze.

Bom estado de conservação.

s/a. Entretanto foi gravado por Rameli.

BENEDETO RAMELLI — Ourives. Trabalhou em Lyon em 1537 e lá cunhou a medalha de Francisco I; nas contas reais aparece em 1538, o pagamento de uma medalha de ouro de Francisco I, igual a que acabamos de descrever.

Bibliografia:

Trésor de Numismatique etc. — Les médailleurs italiens des XV^o et XVI^o siècles — Alfred Armand — Paris 1830.

7 — MEDALHA DE HENRIQUE II — 1552

HENRICVS-II-GALLIARVM-REX-INVICTISS-P-P. “Para as cousas feitas corajosamente e com felicidade para a Itália, a Alemanha e a França”.

Uma quadriga caminhando para a direita, carregando, sentadas a Vitória e a Abundância. A frente, a França de

pé. No exergo: "Ex voto pub-1552". O todo dentro de um círculo de pérolas.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 54 m/m.

s/a.

Bibliografia:

Trésor de numismatique, etc.

Les medailleurs italiens etc. — A. Armand — Tomo 3.^o
— Paris 1887.

8 — MEDALHA DE CATARINA DE MÉDICIS -- 1519-1589

Busto à esquerda de Catarina de Médicis, sem chapéu, grande decote, colar ao pescoço. Sem legenda e sem reverso.

Bronze.

Estado de conservação, regular.

Dimensões: 35 x 30 mm/m, oval em alto.

s/d — s/a.

CATARINA DE MÉDICIS — Rainha de França. Nasceu em Florença em 1519. Filha de Lourenço de Médicis e de Madalena de La Tour d'Auvergne — Condessa de Bolonha. Casou, a 20 de outubro de 1533 com Henrique, filho de Francisco I e que três anos mais tarde foi Henrique II de França. Sofreu profundamente em se ver preterida por Diana de Poitiers. Estes amôres e sua esterilidade quase lhe ocasionaram o divórcio. Em 1544, porém, nasceu-lhe um filho, que veio a ser Francisco II. Durante o reinado de seu espôso, viu-se sempre diminuída por aquela que não tinha nenhum direito sobre Henrique II. Ao enviuvar em 1550, conservou-se retirada durante o curto reinado de Francisco II, que teve por tutor em sua minoridade, o duque de Guise, e o seu irmão, o Cardeal de Lorena. Proclamado regente com a elevação ao trôno de Carlos IX (1560) foi a causadora das lutas religiosas e das complicações com o almirante Coligny, as quais originaram a matança de São Bartolomeu. Depois da carnificina, Catarina trabalhou vigorosamente para abrandar a irritação dos países onde imperava o protestantismo. O triunfo de sua diplomacia foi

a eleição de seu filho predileto, o duque d'Anjou, para o trôno da Polônia (1578). Carlos, morreu alguns meses depois e o rei da Polônia sucedeu-lhe com o título de Henrique III (1574). Do ano 1584 até a sua morte o seu papel é muito pouco conhecido. Sabe-se apenas que vendo a corôa dos Valois sem sucessor direto, formou o projeto de dar êsse trôno ao duque de Bar, único filho de sua filha Cláudia de França. Nesta luta difícil, valeu-se Catarina, dos Guises, parentes do herdeiro eventual, sendo êles próprios reconhecidos competidores do rei.

Catarina sobreviveu apenas 10 dias ao fim trágico de seus aliados, falecendo no castelo de Blois em 1589.

9 — MEDALHA DO CARDEAL DE BERULLE — 1575-1629

EMI-CARD-DE-BERVILLE-ORAT-FUND. "Eminência cardeal de Berule, fundador do Oratório".

Busto à direita do Cardeal de Berulle em trajes cardinalícios, e cabeça coberta por um solidéo.

R/ VNA MIHI COELO-REQUIES.

No exergo, um campo florido e no centro a chama ardente da fé.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 54 m/m.

CARDEAL PEDRO DE BERULLE — Nasceu em França, em 1575 no Castelo de Sérilly. Introdutor da Ordem dos Carmelitas, fundou em 1613 a Congregação do Oratório, sendo êle o primeiro da Órdem. Foi feito Cardeal pelo Papa Urbano III; Maria de Médicis o nomeou presidente do conselho da regência. Foi encarregado por Luiz XIII de ir à Roma pedir dispensa para o casamento de sua irmã Henriqueta, com Carlos I da Inglaterra, que era protestante. Em 1626, nomeado embaixador da Espanha, negociou o Tratado de Mouçon. Richelieu invejoso de sua situação, conseguiu afastá-lo da Côte, retirando-se para a Congregação do Oratório. Caiu morto em pleno sacrifício da missa no dia 2 de outubro de 1629. Protetor desvelado das letras, animou

Lejay a publicar sua “Bíblia Poliglota” e foi o defensor de Descartes. Suas obras foram publicadas em 1644.

Bibliografia:

Trésor de Numismatique.

Encyclopédie.

10 — MEDALHÃO DE IANUS MARESCHALUS

IANVS-MARESCHALVS-ANIMVS-CHRIS-SALE

Busto à direita de Ianus Mareschalus, barba em pera, cabelos curtos, sem chapéu, com uma capa aberta e drapeada deixando ver um gibão abotoado com a gola Medicis.

Bronze dourado — belo trabalho.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 68 m/m x 55 m/m — Oval em alto.

s/d — s/a — Uma das faces da medalha.

11 — MEDALHA DE PEDRO BERETINI — 1596-1669

PETRUS-BERETINVS-E-CORTONNA. “Pedro Beretini e Cortona”

Busto à direita sem chapéu, veste uma capa fechada, apenas levemente aberta no peito, vendo-se 3 botões do gibão. No exergo: Cheron FR.

R/ Bene-Svper-Virtvs te Coronat-Anna GR.

Um anjo deitado mostrando uma corôa de estrêlas.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 70 m/m.

CHARLES FRANÇOIS CHÉRON --- Pintor e gravador em talho doce em incavo e em baixo relêvo. Nasceu em Luneville a 29 de maio de 1635 e morreu em Paris em 1698. Este artista viveu muito tempo em Roma depois veio para Paris onde Luiz XIV o nomeou seu primeiro gravador. Era membro da Academia em 1676.

PEDRO BERRETINI — Conhecido por Pedro Cortona. Pintor e arquiteto italiano, nasceu em Cortona em 1596 e morreu em Roma em 1669. Foi um dos últimos grandes ecléticos da Itália. A mandado de Urbano II, pintou a abóboda da grande sala do Palácio Barberini. O Grão-duque Fernando II, confiou a Cortona a decoração das novas salas do Palácio Pitti e Inocêncio X mandou que êle pintasse o teto da grande sala do Palácio Panfili. Como arquiteto executou várias obras de valor. O Louvre possui alguns quadros dêsse artista.

Bibliografia:

Enciclopédia.

2.º Catálogo del Museu B. Borghesi n.º 2 — pg. 75.

12 — REVERSO DA MEDALHA DE HENRIQUE-DUQUE DE LONGUEVILLE — 1642

R/AN.GEN.-BORBONIA-D-LONG-S-D-NO-VICASTRI — “Ana Genoveva de Bourbon, duquesa de Longueville, princesa soberana de Neufchatel”.

Busto à esquerda da duquesa de Longueville, cabeça descoberta, colar de grossas pérolas ao pescoço, grande decote. Vestido drapeado nos ombros.

Apenas o reverso.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 54 m/m.

ANA-GENOVEVA DE BOURBON CONDÉ-DUQUESA DE LONGUEVILLE — Nasceu no torreão de Vincennes, onde seu pai estava prisioneiro em 1619. Filha de Henrique II de Bourbon e de Carlota de Montmorency. Foi educada no convento das Carmelitas e apareceu na Côte em 1635, fazendo-se notar pela sua rara beleza. Em 1642 casou com o duque de Longueville que já tinha 46 anos. Êste, apesar de casado preferiu Mme. de Montbazon, abandonando muito a sua espôsa. Esta, porém, viveu na época do galanteio, tendo tido várias aventuras. De seu preferido La Rochefoucauld, teve um filho em 1649. Seu papel foi saliente na Fronda, negociando com o Parlamento, arranjando a retirada da Côte para

St. Germain, instalando-se na casa da Câmara, com o duque de Bouillon e, por fim, colaborando no tratado de 11 de março de 1649, entre a Corte e a França. Depois da prisão de seus dois irmãos, não conseguiu levantar a Normandia. Fugiu para o Havre e refugiou-se na Holanda. De volta à França, mais tarde, assistiu ao triunfo de Mazarino. Abandonada por La Rochefoucauld, sentiu-se profundamente, retirando-se da Corte, renunciando à política e ao mundo. Começou então a freqüentar com assiduidade as Carmelitas, dando-se nessa ocasião a morte de seu filho Carlos Paris de Orléans (sucessor de seu pai), na passagem do Reno. (1672) Resolveu então entrar para o convento onde veio a morrer 5 anos depois. Além desse filho teve Luiz Carlos de Orléans que se fez padre e 2 filhas mortas ainda solteiras.

Bibliografia:

Enciclopédia.

Trésor de Numismatique.

13 — MEDALHÃO DA DUQUESA DE LONGUEVILLE

Busto à direita da Duquesa de Longueville, Ana Genevieve de Bourbon. Cabeça descoberta, grande decote, vestido drapeado nos ombros, brincos às orelhas.

Sem legenda — s/d — apenas uma face — No exergo:
a) — J. Warin.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Bronze dourado.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 185 m/m.

DUQUESA DE LONGUEVILLE — Vide ficha n.º 12.

J. WARIN — Um dos melhores gravadores e um dos mais jeitosos monetistas do mundo. Nasceu em Liège em 1609. A êle se deve os belos “luizes” que, pela sua circunferência certa e igual, mereceram a admiração de todo o mundo. Estes “luizes” foram cunhados no Louvre. Foi Warin que conseguiu substituir definitivamente pela prensa, o proces-

so arcáico do cunho, moeda ao martelo empregado quase até o fim do reino de Luiz XIII. Warin faleceu em Paris em 1672 (Escola flamenga).

Bibliografia:

Benezit.

La Monnaie — Fernand Mazerolle — “L’hotel des Monnaies” — Paris 1907.

Trésor Numismatique — Med. Fr. — n.º 2.

14 — MEDALHÃO EFIG. DE CÍCERO — (1604-1672)

M. TVL. CÍCERO

Busto de Cícero à direita, cabeça descoberta, peito desnudo. Dentro de um círculo de pérolas.

No exergo: a) Varin.

Bronze dourado.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 105 m/m.

Apenas uma face.

VARIN — Vide ficha n.º 13.

CÍCERO — Marco Túlio Cícero, político, orador e escritor latino. Nasceu em Arpinum 106 A.C. Fêz brilhantes estudos sob a direção do grande orador Crasso e do jurisconsulto M. Scaevola. Em Roma cursou aulas de retórica. Aos 26 anos estreou em processos criminaes, defendendo um parricídio. Seu êxito foi invulgar. De Roma seguiu para Atenas e ali, durante 6 meses, entregou-se à filosofia com Ático. Mais tarde foi para Rhodes, causando admiração aos gregos pela sua eloquência. De volta a Roma e apenas com 30 anos entrou para o Senado. Unido mais tarde à Catilina não tardando a concorrer contra êle ao consulado, denunciando as tramas de seu rival, obrigando-o a deixar Roma, sendo seus cúmplices mortos pelo povo. Foi proclamado Pai da Pátria, porém, a sua excessiva vaidade o desacreditou. Perseguido exilou-se, sendo confiscados os seus bens e sua casa arrasada, refugiando-se em Tessalônica. Dez meses mais tarde por exigência do povo voltou triunfante

à Roma. Unido a Pompeu, consagrou-se a trabalhos literários donde saíram seus grandes artigos sobre arte e oratória. Mostrou indecisão na luta entre César e Pompeu, inclinando-se, no entanto, para Pompeu. César vencedor, procurou aproximar-se de Cícero, que o não repeliu. Era casado com Terência de quem se divorciou para casar com uma menina muito rica. A perda de sua filha Túlia, desesperou-o, porém, a morte do ditador lançou-o no combate e viram-no aplaudir a morte daquele que acabava de exaltar. Ao se formar o triunvirato, a cabeça de Cícero foi a prêmio. Em sua vila Fórmia, foi surpreendido pelos soldados triúnviros que o agarraram. Morreu com a mais admirável firmeza. A sua cabeça foi por ordem de Antônio (um dos triúnviros) exposta na tribuna oratória. Morreu no ano de 43.

Bibliografia:

Benezit.

Enciclopédia.

L'hotel des Monnaies — Fernand Mazerolle.

Trésor Numismatique — M. Fr. n.º 2 — PP — XXVI
n.º 5.

15 — MEDALHÃO EFIG. DE SÊNECA — Varin 1604-1672

LVC.-AN-SENECA

Busto à direita de Sêneca, vasta cabeleira, barba.

No exergo: a) Varin.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 100 m/m.

VARIN — Vide n.º 13.

SÊNECA — “O filósofo” Lucius, de Armoeus, nasceu em Córdoba, no ano 2 da nossa era. Muito jovem era levado para Roma por seu pai o qual foi seu professor de retórica, fazendo dêle um mestre em estilo. Os seus primeiros êxitos no foro inquietaram Calígula que pensou em o mandar ma-

tar, foi no entanto dissuadido por uma jovem que lhe disse estar êle tísico e prester a morrer. Aconselhado por seu pai, abriu uma escola de filosofia, atraíndo o que Roma possuía de mais brilhante. Entre seus alunos destacava-se pela assiduidade, Júlia, que foi morta a mandado de Messalina, enciumada, e Sêneca, bem que inocente, exilado para a Córsega. Ali passou 8 anos, aproveitando-os para escrever. A revolução do palácio que fez de Agripina espôsa de Cláudio, chamou-o a Roma, onde foi nomeado preceptor de Nero, filho da nova Imperatriz. Sua influência se fez sentir nos 5 primeiros anos do govêrno daquele príncipe. Sua ambição fê-lo aceitar vários atos indignos do imperador, entre êles o assassinio de Agripino. Marido de uma mulher ilustre, deixava-se arrastar em amores degradantes. Comprometido na conspiração de Pisa, que tendia a colocá-lo no trono, foi forçado a se suicidar abrindo as veias. Sua mulher, Paulina, quis acompanhá-lo na morte, chegando a abrir as veias, porém, impedida a tempo ainda viveu alguns anos. Sêneca foi um dos gênios mais vigorosos e mais originaes da literatura antiga. Um homem de idéias avançadas que reconhecia no escravo, um homem igual aos outros. Faleceu no ano 66 em Roma.

16 — MEDALHA EFIG. DE JÚLIO ROMANO

— Varin — 1664-1672

IVLIVS ROMANVS

Busto à esquerda de Júlio Romano, cabeça descoberta. densa barba.

No exergo: a) Varin.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Medalhão de ferro, uniface.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 102 m/m.

VARIN — Vide n.º 13.

JÚLIO ROMANO — Cujo verdadeiro nome era Júlio Pippi de Jannuzzi, pintor da escola romana, nasceu em Roma em 1842. Com 10 anos entrou para as oficinas de Rafael, tendo pintado vários trabalhos no Vaticano. Foi com Penni,

herdeiro de Rafael, encarregado de terminar os trabalhos daquele, levando 3 anos para acabar a obra do mestre. Em seguida abriu uma oficina em Roma, onde executou grandes obras. Como arquiteto, também muito produziu. Complicado em um caso de gravuras de Marco Antônio, foi obrigado a fugir, refugiando-se em Mântua, sob a proteção de Frederico Gonzaga. Naquela cidade abriu uma oficina, celebrizando-se bem depressa. Acabou as fortificações de Mântua. A sua obra importante nesse gênero foi a construção do Palácio da Fé. Mântua deve-lhe também a reconstrução da sua catedral. Cumulado de honrarias pelo Duque de Mântua, não se consolou com a sua morte em 1540. Preparava-se para regressar a Roma, quando foi levado por curta enfermidade em 1546. Mestre potente e fecundo, Júlio Romano mereceu as severidades da crítica contemporânea. De uma parte a facilidade, de outra a brutalidade, foram os seus dois escolhos. Suas obras estão espalhadas pelas principais galerias de arte da Europa.

Bibliografia:

Enciclopédia.

Trésor — M. Fr. n.º 2 — PP — XXVII — n.º 3.

Benézit.

L'hotel des Monnais — Fernand Mazerolle.

17 — MEDALHÃO EFIG. DE TICIANO — Varin 1604-1672

“Verdadeiro retrato de Ticiano” — Busto de 3/4 de Ticiano. Cabeça coberta por um barrete, grande barba, indumentária da época.

No exergo: a) Varin.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Uniface.

Ferro.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 105 m/m.

VARIN — Vide n.º 13.

TICIANO VICELLI — Nasceu em Piave de Cadore em 1477. — Começou a estudar a pintura com Sebastião Gueato, ce-

ramista hábil, depois com Gentil Bellin e por fim com Giorgio. Aproximadamente ao ano 1506, depois que produziu o imenso quadro da Assunção da Virgem, conhecido como sua obra prima, Ticiano foi chamado à Ferrara pelo Duque Afonso d'Este. No período em que esteve naquela corte, guarneceu de pinturas o palácio do Castello, e fez o célebre retrato de Lucrecia Borgia. Algum tempo depois, Leão X, tentou em vão aproximá-lo de sua corte, sucedendo o mesmo com Francisco I. No ano de 1529, Ticiano foi à Bolonha para fazer o retrato do Imperador Carlos V, que recompensou o seu talento com uma boa pensão, a Cruz de Cavalheiro, e um diploma de Conde Palatino. Em 1545, foi à Roma, viagem em que os grandes e mesmo o Papa lhe deram provas de grande estima. Ticiano, em seguida, seguiu com Carlos V à Espanha e consagrou o resto de sua vida ao rei Felipe II. Trabalhava ainda, apesar de sua idade avançada, quando em 1576 a peste o levou, com a idade de 99 anos. As suas cinzas foram depositadas na Igreja de Frari, em Veneza, onde se conservam até hoje.

Bibliografia:

Trésor de Numismatique — med. itali.

Les Medailleurs ital. — Alfred Armand.

L'hotel des Monnais — Fernand Mazerolle.

Benézit — Trésor — med. fr. — n.º 2 — PP XVII — n.º 2.

18 — MEDALHÃO DE HENRIQUE II — 1559

HENRICVS II — GALLIAR-REX-CHRISTIANISS — 1559 “Henrique II, rei muito cristão de França”.

Busto de três quartos, de Henrique II, cabeça coberta por um chapéu com pluma. Brinco às orelhas. Barba. Veste de gala, capa e colar de duas voltas.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

s/a — Atribuído a *Germain Pilon*.

Medalhão fundido, de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 165 m/m.

Uniface.

GERMAIN PILON — Escultor, nascido em Paris mais ou menos em 1535. Artista fecundo que trabalhou com o mesmo talento, o mármore, a pedra, o bronze, a madeira. Filho de escultor de quem foi também aluno. Pilon ocupou um lugar de destaque na cõrte francesa. Fêz o túmulo de Francisco I na Abadia de São Luiz. Trabalhou também no túmulo de Henrique II. Em 1571, recebeu o título de escultor do rei Carlos IX. Seu trabalho foi constante e deve-se a êle quase tôdas as medalhas anônimas da segunda metade do século XVI. Êste, de Henrique II, tem como data o ano de 1559, ano da morte do rei. As igrejas de Paris estão cheias de baixos relêvos, executados por êsse artista. Foi muito estimado por Carlos IX e nomeado por êle condutor, controlador geral na arte da escultura das moedas do rei e como tal admitido na Casa da Moeda em 1573. Seu ofício o obrigava a fornecer ao gravador modêlos em cêra, daí a razão de muitas peças modeladas por êle não serem assinadas. Faleceu em Paris em 1590.

Bibliografia:

Benézit.

Le Normand — Trésor de Numismatique.

19 — MEDALHÃO COMEMORATIVO DO NASCIMENTO
DE LUIZ XIII — 1601

PROPAGO IMPERII — “Regeton de la Royauté”. “Rebuta-lho da Realeza”.

O rei Henrique IV, face à face com a rainha Maria de Médicis, dão-se as mãos, vestidos como Marte e Palas, ambos trajando à Romana o jovem filho, nú, experimenta levantar o capacete de seu pai; com o pé direito pisa um golfinho. Encima, uma águia espalmada trazendo no bico a coroa real, descendo sôbre a criança.

No exergo: a) G. DUPRÉ F. — Esta foi a primeira peça fundida por Dupré, quando contava apenas 25 anos.

Medalhão em bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 195 m/m.

s/d.

GUILHERME DUPRÉ — Nasceu em Sissone perto de Laon em 1576. Foi o mais célebre medalhista francês. Hábil escultor. Este artista deixou em seus medalhões, uma galeria iconográfica onde a beleza e o interesse igualam, os deixados pelos medalhistas da Renascença italiana. Pode mesmo figurar ao lado de Pisanello. O sucesso brilhante d'este grande artista e a sua mercê na côrte foi graças à medalha descrita acima, feita aos 25 anos de idade. Cartas patentes as mais elogiosas lhe delegaram o direito exclusivo de a fundir e por a venda, assim como tôdas as medalhas que elle fundisse a seguir. Elle próprio só fundia, como faziam os mestres italianos e era por esse motivo que conseguia a perfeição na execução. Naquele tempo a moda em França era ter o seu retrato em medalha. Tôdas as pessoas importantes do reinado de Henrique IV e de Luiz XIII tiveram assim os seus retratos medalhados por Dupré. As suas moedas, quanto as efígies são também as mais belas da série real francesa. Faleceu em 1630.

Bibliografia:

Trésor n.º 2 — M. Fr.

Le Normand — Pl-XX-bio — n.º 2

Ce que racontent les Monnaies et Médailles — Jean D. Benderly — Paris 1911.

Benézit.

Há trabalhos de Dupré na Biblioteca Nacional de Paris, no Louvre, no M. do Palácio de Chantilly, em Turim, no vestibulo do Palácio Real. — Max Bernhart em seu livro *Medaillen und Plaketten* — Berlim, 1911, faz confusão quanto ao nome do artista pois se refere a Georges Dupré, e não a Guilherme. Georges Dupré era pintor e viveu de 1807 a 1853. Há também um Georges Dupré escultor que viveu do século XVIII ao século XX.

20 — MEDALHÃO DE HENRIQUE IV E MARIA
D^{AS} MÉDICIS — 1605

HENRIC-III-R-CHRIS-MARIA-AUGUSTA — “Henrique IV rei cristão e Maria Augusta”.

Busto de 3/4 de Henrique IV, conjugado ao de Maria de Médicis, de perfil. Henrique traz a cabeça descoberta,

fronte larga, barba espessa; veste armadura, e jogado sobre os ombros um manto. Traz ao pescoço a insígnia da Ordem do Espírito Santo. Maria de Médicis tem a cabeça descoberta, apenas guarnecida de um enfeite. Traja vestido com uma belíssima gola Médicis. Medalhão de bronze e fundido.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 193 m/m.

No exergo: *a*) G. DUPRÉ — 1605.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Uniface.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

HENRIQUE E MARIA — Henrique, rei de França, casou com Maria de Médicis em 1600, restabelecendo com êsse ato a influência francêsa na Itália. Em 1601 houve a guerra com a Saboia de onde resultou a anexação de Bress ao domínio real. Henrique foi morto por um fanático de nome “François de Ravailac, e Maria de Médicis, acusada, porém sem provas, de ter feito parte da conspiração tramada em torno de seu marido. O certo é que, duas horas após o seu falecimento, foi Maria reconhecida pelo parlamento francês como regente e começou desde logo uma política contrária a do seu marido. Henrique IV nasceu no Castelo de Pau em 1553 e faleceu em Paris em 1610. Maria de Médicis, nasceu em Florença em 1573 e morreu em Colônia em 1642.

Bibliografia:

Trésor — M. Fr. — n.º 2 — Pl-XX — n.º 1.

Le Normand.

Benézit.

Jean de Benderly.

21 — MEDALHÃO DE FRANCISCO IV — DUQUE
DE MANTUA — 1612

FRAN-III-D-G-DVX-MANT-V-MONT-PER-III-AN-I-AET-XXVI

Busto à direita de Francisco IV — Duque de Mantua, cabeça descoberta, bela gola Médicis, armadura, echarpe sobre a armadura.

No exergo: a) G. DUPRÉ-F. — 1612.
O todo dentro de um círculo de pérolas.
Medalhão de bronze fundido.
Bom estado de conservação.
Dimensões: 165 m/m.
G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

22 — MEDALHÃO DO CARDEAL RICHELIEU — 1585-1642

ARMANDVS IOANNES CARDINALIS-DE-RICHELIEV — “Armando João-Cardenal de Richelieu”.

Busto à direita do Cardeal de Richelieu, com vestes cardinalícias; cabelos longos e barba em pera.

Medalhão de bronze fundido.
Bom estado de conservação.
Dimensões: 190 m/m.
Uniface.
s/d — s/a.

CARDEAL DE RICHELIEU — Armando João Duplessis, cardeal duque de Richelieu, nasceu em Paris a 5 de setembro de 1585. Muito jovem entrou para a ordem e foi sagrado em Roma em 1607. Deputado do Clero aos Estados Gerais, em 1614, conquistou as boas graças de Maria de Médicis, que o nomeou o seu primeiro esmoler. Nomeado também capelão da jovem rainha Ana d'Austria. Em 1616, o marechal d'Ancre, então todo poderoso, confiou-lhe o encargo de secretário de Estado. Richelieu acompanhou a rainha a Blois, por ocasião de seus primeiros revezes; foi depois exilado em Avignon e mais tarde novamente chamado à corte e nomeado cardeal em 1622 e também admitido no conselho. Os detalhes dos acontecimentos registrados durante a administração de Richelieu pertencem à história de França; citaremos apenas a data dos principais fatos. Tomada de La Rochelle, 1628. Edital dando aos protestantes plena liberdade de culto, e que lhes recusa direito de assembleias políticas, 1629. Expedição de Saboia, 1629 e 1630. Fundação da Academia Francêsa, 1635. Criação da Companhia das Índias, 1636. O cardeal de Richelieu, morreu em dezembro de 1646.

Bibliografia:

Trésor Numismatique — Mod. Fr. n.º 2.

23 — MEDALHÃO DE PEDRO JEANNIN — 1618

PETRUS JEANNIN-REG-CHRIST-A-SECR-CONS-ET-SAC-AERA-PRAEF
— “Pedro Jeannin, membro do conselho privado do rei
muito cristão superintendente das finanças”.

Busto à direita de Pedro Jeannin. Cabeça descoberta,
veste toga, deixando ver os botões da blusa. Barba espessa.

No exergo: a) G. DUPRÉ — 1618.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Medalhão de bronze fundido.

Uniface.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 195 m/m.

PEDRO JEANNIN — Magistrado e estadista francês, nasceu em Autun em 1540. Advogado em Dijon e membro do Parlamento de Borgonha. Graças a sua influência, conseguiu impedir a matança de São Bartolomeu naquela cidade. Conselheiro e depois presidente do Parlamento de Dijon, procurou reconciliar Mayenne com Henrique IV. Membro do Conselho deste rei e intendente das Finanças do mesmo reinado. Jeannin esteve presente em todos os atos políticos de Henrique IV. O mais belo episódio de sua vida, foi a embaixada na Holanda durante a qual concluiu um tratado de aliança ofensiva e defensiva entre a França e os Estados Gerais das Províncias Unidas, obrigando a Espanha a reconhecer como potência soberana as Províncias Unidas, concluindo com elas uma trégua de 12 anos. Superintendente das Finanças no Reinado de Luiz XIII, tentou restabelecer a harmonia entre Luiz XIII e Maria de Médicis. Faleceu em Paris em 1642.

Bibliografia:

Benezit — Trésor — M. Fr. n.º 2.

Encyclopédia — Pl — XVI n.º 2.

Le Normand.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

24 — MEDALHA DE HENRIQUE III — 1579

HENRICVS-III-D-G-FRANCORVM-ET-POL-REX — “Henrique III, de Valois pela graça de Deus, rei dos Francêses e da Polônia”.

Busto à direita de Henrique III, coroado de louros, revestido de sua armadura. No exergo: 1579. O Trésor de Numismatique “Medailles Françaises” n.º 1, pág. 17, plancha XXIII n.º 5, reproduz essa mesma medalha, porém com a data 1570. A que o Museu possui tanto pode ter a data 1579, como ter um 0 (zero) mal gravado. Parece-nos, no entanto, tratar-se mesmo da data 1579.

R/Dentro de uma coroa de louros: FOEDE-RE CVM HELVETHIS ET RAETHIS RENO — “Responda a aliança com os Suíços e os Grisões”.

No exergo: MDLXXXII.

Medalha de bronze.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 41 m/m.

S/a.

Em 1582, os embaixadores dos Suíços e das Ligas “Grises” vieram renovar a aliança entre a sua nação e o rei. A medalha descrita faz parte das que foram distribuídas aos embaixadores naquela ocasião. Como se vê pela descrição, foi aproveitado para o verso da medalha uma cunhagem já existente com data de 1579.

25 — MEDALHA DE CARLOS IX — 1566

CAROLVS-IX-D-G-FRANCOR-REX — “Carlos IX por graça de Deus, rei dos franceses”.

Busto à esquerda de Carlos IX, coroado de louros, veste armadura. No exergo: 1566.

R/SIT-NOMEN-BENEDICTVM — “Que o nome do Senhor seja abençoado”.

Duas colunas entrelaçadas por uma faixa onde se lê: “PIETATE-ET-IVSTITIA” “Pela piedade e justiça”. Entre estas duas colunas e acima, a coroa real; no campo 3 flores de

liz, colocadas como no escudo das armas de França (duas e uma).

No exergo: A — Esta letra indica que esta peça, na qual o aspecto é o mesmo que o das moedas, foi cunhada no “Hotel das Moedas de Paris”.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 36 m/m.

s/a.

O “Trésor de Numismatique” “Médailles françaises” n.º 1 — pg. 12 — Pl — XVIII n.º 5, mostra um exemplar, cujo reverso é muito semelhante, porém o verso traz o busto à esquerda de Carlos IX, desnudo, coroado de louros com a data 1568.

26 -- MEDALHA DE CARLOS IX — 1565

CAROLVS-IX-GALLIARVM-REX-CHRISTIANISS — “Carlos IX, rei muito cristão de França — 1565”.

Busto à direita de Carlos IX, coroado de louros e revestido de uma armadura.

R/KATHARI-REGIN-HENRI-II-VXOR-FRANCIS-ET-CAROL-REGVM-MATER — “Catarina, rainha, mulher de Henrique II e mãe dos reis Francisco e Carlos”.

Busto à esquerda de Catarina de Médicis, cabeça coberta por um toucado, vestido da época.

Bronze.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 37 m/m.

s/a.

CARLOS IX — Filho de Henrique II e de Catarina de Médicis; nasceu em 27 de junho de 1550, em S. Germain en Laye; sucedeu em 5 de dezembro de 1560 a Francisco II, seu irmão. Este príncipe teve primeiramente o nome de seu padrinho, o imperador Maximiliano II, porém, quando confirmado, recebeu o nome de Carlos. A rainha-mãe admi-

nistrou o reinado durante a sua minoridade e o rei de Navarra, Antônio de Bourbon, recebeu o título de tenente-general. No ano de 1563, o rei obteve a maioridade e em 1570 desposou Elizabeth, filha do imperador Maximiliano II. No domingo, 24 de agosto de 1572, teve lugar o massacre de São Bartolomeu. A guerra civil durava ainda, quando o rei morreu em Vincennes a 30 de maio de 1574, após um reinado de 13 anos e meio, com apenas 24 anos. Só deixou como filho legítimo, uma filha que morreu com 5 anos e meio.

Enciclopédia.

Trésor de Numismatique — méd. fr. — I.

27 — MEDALHA DE LUIZ XIII — 1610

LVDOVIC-XIII-D-G-REX-GALL-ET-NAVAR-HENR-MAGNI-FIL-P-FAVG — “Luiz XIII pela graça de Deus, rei cristão da Galia e de Navarra, piedoso filho de Henrique o Grande”.

Busto à direita de Luiz XIII, cabeça coroada de louros, revestido de sua armadura, sobre a qual se vê a insígnia da Ordem do Espírito Santo.

No exergo: a) G. DUPRÉ — 1610.

R/ORIENS-AVGV-STI-TVTRICE-MINERVA — Exergo: ANN-NAT-CHR C/ D 'O CX — O rei cresce sob a tutela de Minerva.

Maria de Médicis na figura de Minerva, de pé voltada para a esquerda, mostra um ramo de oliveira a seu filho, olhando à esquerda para o rei Luiz XIII representado como Apolo menino, de pé, de frente, olhando à direita, desnudo irradiado, apontando à sua mãe o globo crucigero flordealisado. O todo dentro de semi-círculo de pérolas. No exergo: ano do nascimento de Cristo — 1610.

Medalha de bronze, oval em alto.

Muito bem conservada.

Dimensões: 57 m/m x 43 m/m.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

Esta medalha é em alusão à regência de Maria de Médicis.

Bibliografia:

Rondot-etc-Trésor — M. Fr. n.º 2 — Médicis — A — IV — n.º 5.

28 — MEDALHA DE LA VALETTE DUQUE D'EPERNON
— 1610

A LA VALETA-D'ESPERN-P-ET-TOT-GALPEDIT-PRAET

Busto à direita de João Luiz de Nogaret de La Valetta, cabeça descoberta, barba em pera, fardado. a) G. Dupré — 1610.

R/ INTACTVS-VIRINQVE.

Como figura central um leão sentado sobre as patas trazeiras, olhando à direita para uma figura de mulher que aproxima da fera uma tocha acesa, como a subjagá-la. À dextra também se vê uma tocha acesa. À esquerda surge o início de uma floresta.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 55 m/m.

G. DUPRÉ — Vide ficha n.º 19.

JOÃO LUIZ DE NOGARET DE LA VALETTE-DUQUE D'EPERNON — Estadista francês. Nasceu em 1554. Distinguiu-se nas guerras civis do começo do reinado de Henrique III. Muito talentoso, foi contemplado com numerosíssimas honrarias e cargos. Quando Henrique IV subiu ao trono, Epernon fez-lhe uma oposição terrível sob o pretexto de escrúpulos religiosos. Apesar disso o rei escolheu-o para missões importantes. Dizem que Epernon foi um dos instigadores do assassinio de Henrique IV. Era favorável à regência de Maria de Médicis e isto, valeu-lhe novos cargos e recompensas. Governador de Guiana, cargo, até então somente exercido por príncipe de sangue. Um novo conflito, desta vez com o cardeal de Landis, fê-lo cair de uma vez em desagrado. Foi casado com Margarida de Foix Candale. Faleceu em Loches no ano de 1642.

29 — MEDALHA DE HENRIQUE IV E MARIA
DE MEDICIS — 1603

HENR-III-R-CHRIST-MARIA-AUGVSTA. “Henrique IV rei cristão e Maria Augusta”.

Busto de Henrique IV, conjugado, ao de Maria de Médicis, ambos de perfil para a direita. Henrique traz a cabeça descoberta, barba espessa; veste armadura, vendo-se ao peito a ordem do Espírito Santo. Maria de Médicis tem a cabeça descoberta, apenas um enfeite a guarnecer. Do traje, vê-se apenas uma parte de sua gola Médicis, toda de renda.

No exergo: a) G. Dupré — 1603.

R/ Propago Imperi — 1604 — Rejeton de l’Empire.

O rei Henrique IV, vestido de guerreiro antigo, face à rainha Maria Augusta revestida dos atributos de Minerva, dão-se as mãos. Entre êles o filho, Luiz XIII, esforça-se por colocar um pesado capacete sobre a cabeça. Está desnudo, e com o pé direito pisa um golfinho. Ao seu lado uma grande couraça; descendo sobre a criança, uma águia espalmada, trazendo no bico a corôa real.

Medalhão de bronze dourado.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 67 m/m.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

HENRIQUE IV E MARIA DE MÉDICIS — Vide ficha n.º 20.

LUIZ XIII — Chamado o Justo nasceu em Fontaineblau em 27 de setembro de 1601, sucedeu a seu pai em 14 de maio de 1610 e foi sagrado em Reims a 14 de outubro do mesmo ano. Êste rei recebeu o cognome de Justo, porque nasceu no signo da balança. Saiu da tutela de sua mãe, Maria de Médicis, em virtude do tratado de Santa-Menebould assinado em 1614 e sua maioridade foi reconhecida pelo parlamento, em 2 de outubro do mesmo ano. Luiz XIII casou com Ana d’Austria em 22 de novembro de 1615. Faleceu em Saint-Germain em 14 de maio de 1643, deixando 2 filhos, Luiz XIV, seu sucessor, e Filipe de Orleans.

Bibliografia:

Trésor de Numismatique — M. Fr. n.º 2 fl.

Jean D. Benderly — III n.º 4.

Le Normand.

30 — MEDALHA DE CARLOS-DUQUE DE NEVERS
E DE RETHHEL — 1608

CAROLVS DVX NIVERNEN-ET-RETHELEN-P-FRANCIAE

Busto à direita de Carlos, Duque de Nevers, cabeça descoberta, veste armadura com uma echarpe atravessando-lhe o peito.

No exergo: a) G. Dupré — 1608.

R/ NEC RETRO GRANDIOR NEC DEVIO.

Legenda encimada pelo zodíaco, vendo-se os seus signos: leo, virgo, balança e cancer. No centro do zodíaco o sol em sua carreira, projetando seus raios sôbre globo terrestre ladeado de estrelas. Na parte inferior da medalha, a metade do globo terráqueo encimado por nuvens.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 54 m/m.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

CARLOS I — DUQUE DE NEVERS — Pertencente à família Gonzaga, família italiana da Idade Média — Duque de Nevers e Rethel pelo casamento de Luiz de Gonzaga com Henriqueta de Cleves, herdeira do ducado de Nevers e do condado de Rethel. Carlos I viveu de 1580 à 1637. Em 6 de abril de 1631 em consequência do tratado de Cherasco, tornou-se Carlos possuidor dos Ducados de Mântua e de Montferrat. No mesmo ano perdeu os dois filhos tidos do seu casamento com Catarina de Lorena. Carlos de Gonzaga, instituído duque de Nevers e Rethel em 1585, que havia sido reconhecido em 27 de janeiro de 1628, soberano de Mântua e de Montferrat, teve negado pelo Imperador Fernando II e investidura dêsses dois ducados, dando êsse di-

reito ao duque de Guastalla. Depois de vários revesses conseguiu restabelecer seu ducado sobre os dois reinados com a invasão da Alemanha por Gustavo Adolfo.

Bibliografia:

Encilopédia.

Trésor — M. Fr. — 2.^o Fl X, n.^o 1.

31 — MEDALHA DE MARIA DE MÉDICIS — 1615

MARIA-AVG-GALLIA-ET-NAVARR-REGINA. “Maria Augusta rainha de Galia e de Navarra”.

Busto à direita de Maria de Médicis cabeça coberta por um chapéu da época, vestido com bela gola médicis; colar ao pescoço, brincos às orelhas e com uma cruz no peito.

No exergo: G. Dupré — 1615.

Peca um tanto incáva, dando um certo relêvo ao finíssimo trabalho.

R/SERVANDO DEA FACTA DEOS “Ela conserva seus deuses sendo a mãe”.

Em um navio ostentando uma bandeira flordelisada, sacudido pelas vagas e pelo sôpro de dois ventos opostos, Cibele (representando Maria de Médicis) segura o timão da nau e acalma os passageiros, membros da família real, sob os principais traços dos deuses do Olimpo.

Bibliografia:

Bronze.

Ótimo estado de conservação.

Dimensões: 64 m/m.

M. Rondot.

Trésor — M. Fr. n.^o 2 — Pl. V n.^o 4.

G. DUPRÉ — Vide n.^o 19.

MARIA DE MÉDICIS — Rainha de França, filha do grão-duque de Toscana, Francisco II e de Joana, arquiduquesa d'Austria. Nasceu em Florença a 26 de abril de 1573. Casou com Henrique IV em 1600. Foi coroada em Saint Denis a 13 de maio de 1610 e no dia seguinte Henrique foi assassinado; a rainha assumiu à regência do reino imediata-

mente, em 1617, Maria de Médicis se viu obrigada a deixar a Côrte, conseguindo mais tarde retornar ao seu lugar, tomando parte nas questões de Estado. Perdeu novamente a confiança do rei seu filho, sendo, então, exilada. Morreu em Colonha em 1642, quase na miséria.

Bibliografia:

Trésor de Numismatique.
Le Normand.

32 — MEDALHÃO DE MARIA DE MÉDICIS — 1624

MARIA AVGVSTA GALLIAE ET NAVARRAE REGINA “Maria Augusta, rainha de Galia e de Navarra”.

Busto à direita de Maria de Médicis, sôbre a cabeça um toucado da época, brinco às orelhas e colar ao pescoço. Vestido decotado, com uma riquíssima gola médicis. Ao peito uma cruz singela. No exergo: G. Dupré 1624. O todo dentro de um círculo de pérolas. Apenas uma face do medalhão. (Legenda invertida).

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 105 m/m.

Bibliografia:

M. Fr. — Trésor n.º 2 Pl. VII n.º 2.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

MARIA DE MÉDICIS — Vide ficha n.º 31.

33 — MEDALHA DE MARIA DE MÉDICIS — 1624

Cópia em tamanho reduzido do medalhão anterior, porém completa.

MARIA AVG.-GALL-ET-NAVAR-REGINA.

Busto à direita de Maria de Médicis, sôbre a cabeça um toucado da época, brincos às orelhas e colar ao pescoço; vestido com uma belíssima gola médicis; ao peito uma cruz singela.

No exergo: G. DUPRÉ — 1624 — O todo dentro de um círculo de perolas.

Nota — Há uma pequena diferença na renda do vestido; a do medalhão é mais rica, e a legenda é abreviada, o que não se dá na outra.

R/ No exergo: LAETA DEVM PARTV “Feliz pelo nascimento dos deuses”.

No centro a rainha, os príncipes e princesas seus filhos, com os atributos dos principais deuses, (a rainha em Cibele, tendo em uma das mãos o cetro e na outra a esfera e sobre a cabeça uma corôa mural de onde sai o veu, Luiz XIII em Júpiter, o duque de Orleans em Marte e as três princesas em Juno, Diana e Tétis). Acima da rainha aparece o carro de Hélios.

O todo dentro de um círculo de pérolas.

Bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 54 m/m.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

MARIA DE MÉDICIS — Vide ficha n.º 31.

Bibliografia:

Trésor M. Fr. n.º 2 Fl. V n.º 4.

34 — MEDALHA DE LUIZ XIII -- 1626 (ou(segundo Trésor, 1623)

LVDOVIC-XIII-D-G-FRANCOR-ET-NAVARRAE REX “Luiz XIII pela graça de Deus, rei de França e de Navarra”.

Busto à direita de Luiz XIII, cabeça descoberta, cabelos revoltos, armadura e ao pescoço uma gola médicis. No exergo: G. Dupré — 1626.

R/ VT-GENTES-TOLLAT-QVE-PREMAT-QVE “Para elevar ou rebaixar as nações. No exergo: 1626.

A figura da Justiça sentada tendo à dextra o gládio e a sinestra a balança. Ao alto no campo, balanças em meio e várias estrêlas.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 61 m/m.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

LUIZ XIII — Vide n.º 29.

Bibliografia:

M. Rondot — Les médailles et les graveurs de monnaies.

Trésor — M. Fr. n.º 2 Pl. VI n.º 3.

35 — MEDALHA DO CARDEAL MAZARINO — 1640

IVLIVS-CARDINALIS-MAZARINVS “Júlio Mazarino Cardeal”.

Busto à direita do Cardeal Mazarino, cabeça coberta por um solidéu, vestido com o hábito cardinalício. No exergo: Varin — 1640.

Uniface.

Medalhão de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 91 m/m.

JEAN VARIN — Vide n.º 13.

CARDEAL MAZARINO — Júlio Mazarino, nasceu a 14 de julho de 1602. Seguiu primeiramente a carreira militar e entrou para a ordem somente em 1632. Enviado à Corte de França na qualidade de núncio extraordinário da Santa Sé, agradou muito ao Cardeal de Richelieu. Chamado novamente à Roma em 1636, sustentou abertamente os interesses da França junto à Corte de Roma. Voltou em 1639, e em 1640, foi enviado à Saboia com o título de embaixador extraordinário. Concluiu um tratado em 1641, com a duquesa de Saboia; recebeu no mesmo ano o chapéu cardinalício. O Cardeal de Richelieu ao morrer, o recomendou por tal forma ao rei Luiz XIII, que este lhe deu a direção de todos os negócios do reino. Foi em seguida do Conselho da Regência e conservou sua influência sobre o espírito da rainha mãe. O Cardeal Mazarino, ficou na direção dos negócios do reino, até a sua morte que se deu a 9 de março de 1661.

Bibliografia:

Trésor Numismatique I.

36 — MEDALHA DO CARDEAL DE RICHELIEU — 1630

ARMANDVS-IOANNES CARD-DUX-DE RICHELIEU “Armando João, Cardeal Duque de Richelieu”.

Busto à direita do Cardeal de Richelieu, solidéo sobre a cabeça e vestes cardinalícias.

R/ TANDEM VICTA SEQVO “Vencido enfim eu o sou”.

A Fr. segurando com a mão uma espada, e com a outra uma palma, sentada em uma quádriga, atrás da qual está acorrentada a Fortuna; a Fama, tocando uma trombeta, da qual cai uma bandeira com as armas de Richelieu, segura as rédeas; a Victória descendo do céu vem colocar uma coroa de louros sobre a cabeça da Fé. Esta medalha cujo reverso é cunhado com Luiz XIII ou com Richelieu, foi feita em 1639, em memória do sucesso que o rei e seu ministro obtiveram sobre o duque de Sabóia e o rei da Espanha, que violando o tratado de Suza se apossara do ducado de Mantua.

No exergo: WARIN — 1630.

Bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 75 m/m.

JEAN WIRIN — Vide n.º 13.

Bibliografia:

Trésor Méd. Fr. n.º 2 Pl. XXI n.º 3.

37 — ANA D'AUSTRIA E LUIZ XIV MENINO — 1638

ANNA-D-G-NAV-REG-RE-R-MATER-LVD-XIV-D-G-FR-ET-NAV-REG-CHR. “Anna pela Graça de Deus, rainha de França e Navarra e mãe de Luiz XIV pela Graça de Deus, rei cristão da França e de Navarra”.

Busto à direita de Ana d'Austria, cabelos cobertos por um véu que lhe cai sobre as espáduas; o infante voltado à

esquerda, com fardamento real, cabelos em caixos, olha para sua mãe.

R/ OB-GRATIAM-DIV-DESIDERATI-REGNI-ET-SICVNDI-PARTUS.

No exergo: QVINTO-CAL SEPT -- 1638 "Em ação de graças pela ajuda do nascimento real, tão longamente desejado — 5 de setembro de 1638".

Vista do portico da Igreja de Val-de-Grace.

Bronze claro.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 95 m/m.

s/a — (porém atribuída a warin).

Ana d'Austria havia feito um voto, durante os 22 anos que durou sua esterilidade, de levantar uma igreja se ela conseguisse ser mãe. No dia 8 de setembro de 1638, deu a luz a um filho que veio a ser Luiz XIV. A rainha só pagou sua promessa depois da morte do rei seu marido e no dia 1 de abril de 1645, acompanhada por seu filho, colocou solenemente a primeira pedra da igreja Val-de-Grace. As obras começadas na minoridade do rei, foram interrompidas pelos barulhos da Fronda em seguida continuada com grande atividade, terminando em 1665. François Mansard foi o 1.º arquiteto do Val-de-Grâce e ofereceu à rainha uma planta igual a que vemos na medalha. Mercier o sucedeu, e corrigiu erroneamente o projeto do seu predecessor.

ANA D'AUSTRIA — Rainha de França filha de Felipe III da Espanha e de Margarida d'Austria. Nasceu em 1615. Richelieu não a suportava, porém foi muito amiga de Mazarino, a quem na minoridade de Luiz XIV, concedeu todos os poderes. Há autores que afirmam ter ela casado secretamente com ele. Faleceu em 1666.

Bibliografia:

Trésor — M. Fr. n.º 2 Fl. XXII n.º 2.

38 — MEDALHÃO DE AFONSO DE RICHELIEU — CARDEAL DE LION — 1617

ALPHONSVS-S-R-F-CARDINALIS-LVGDVNENSIS "Afonso, padre da Santa Igreja Romana S. R. F. Cardeal de Lion".

Busto à direita do Cardeal Afonso, sobre a cabeça um solidéo trajes cardinalícios. No exergo: Warin — 1617.

Bronze.

Uniface — forrado.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 103 m/m.

JEAN WIRIN — Vide n.º 13.

AFONSO — Conhecido por Cardeal de Lion, era filho de Francisco du Plessis e irmão do célebre Cardeal de Richelieu. Nasceu em 1582 ou 83. Foi nomeado bispo de Luçon em 1595 porém recusou a mitra e entrou para a Grande Chartreuse em 1602. Seu irmão o tirou de lá para lhe dar o arcebispado d'Aix em 1623 e em 1625 o de Lion. Cardeal em 1629 e grande esmoler de França, cumpriu uma missão em Roma em 1635. Destacou-se pelo seu desvelo durante a epidemia de 1628. Deixou uma ótima reputação tanto em relação a honestidade, quanto a sua piedade cristã.

Bibliografia:

Trésor — Med. Fr. n.º 2 Fl. XXXX 2.º.

39 — MEDALHA DA RECONQUISTA DE CAIENA — 1676

LVDOVICVS-MAGNVS-REX-CHRISTIANISSIMVS “Luiz, o Grande, rei muito cristão”.

Cabeça à direita de Luiz XIV, cabeleira basta.

No exergo: J. Mauger.

R/ BATAVIS CAESIS. Exergo: CAYANA RECUPERATA M-DC-LXXVI “Caeina retomada e os holandeses batidos no mês de dezembro de 1676”.

Netuno segura com a mão direita o tridente erguido contra o forte e com a mão esquerda pega um estandarte semeado de flôres de liz. Netuno surge em meio a cavalos marinhos.

Medalha de bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 41 m/m.

J. MAUGER — Jacques Mauger, gravador em Paris, natural de Diepe, trabalhou na segunda metade do século XVII.

40 — MEDALHA DE RECONQUISTA DE CAIENA — 1675

LYDOVICVS-MAGNVS-REX-CHRISTIANISSIMVS “Luiz o Grande rei muito cristão”.

Cabeça à direita de Luiz XIV, basta cabeleira.

No exergo: J. Mauger.

R/ BATAVIS CAESIS. Exergo: CAYANA RECUPERATA M-DC-LXXVI “Caiena retomada e os holandeses batidos no mês de dezembro de 1676”.

Netuno segura com a mão direita o tridente erguido contra o forte e com a esquerda segura um estandarte semeado de flôres de liz. Netuno surge em meio a cavalos marinhos.

Medalha de prata.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 41 m/m.

J. MAUGER --- Vide ficha n.º 39.

Os francêses depois do ano de 1664 possuíam socegadamente Caiena, apenas defendida por um pequeno forte. Em 1675 uma grande frota holandesa veio atacá-los e o governador por falta de recursos foi obrigado a render-se. Luiz XIV no ano seguinte, mandou uma potente esquadra, comandada pelo conde d'Estrées, vice-almirante de França. A esquadra partiu do forte de Brest em começos de outubro e chegou a 17 de dezembro atracando junto ao forte. O Conde d'Estrées mandou que seus homens desembarcassem, dividindo-os em dois corpos. Os holandeses estavam cercados e o governador achava que devia manter o cerco. O Conde d'Estrées, porém, ordenou um ataque durante a noite e o conduziu com tanto vigor que em menos de meia hora o forte foi tomado e o governador e toda a guarnição aprisionados.

Bibliografia:

Natalis Rondot — Les méd. et grav. de m. p. MDCCCIV.

Histórico de Médailles Sur les principaux évènements du regne entier de Louis le Grand -- Paris Imprimerie Royale M. DCCXXIII.

41 — MEDALHA COMEMORATIVA DA BATALHA
DE CASSEL — 1677

LVDOVICVS-MAGNVS-REX-CHRISTIANISSIMVS “Luiz o Grande rei muito cristão”.

Cabeça à direita de Luiz XIV, cabelos longos.

R/ VICTORIA AD CASTELLVM MORINORVM.

Vitória alcançada perto de Cassel em 11 de abril de 1677. O duque de Orleans trás ao rei uma palma e o rei por sua vês, coloca-lhe uma côroa sôbre a cabeça.

No exergo: MDCXXVII.

Bronze.

Regular estado de conservação.

Dimensões: 40 m/m.

Esta medalha deve ser uma cópia porque é fundida quando tôdas as peças já eram feitas ao balancim e além do mais não apresenta a beleza e a nitidez das peças cunhadas no período de Luiz XIV — s/a.

DUQUE DE ORLEANS — Recebeu ordens para cercar St. Omer enquanto o rei punha cêrco a Cambrais. O príncipe de Orange, desanimando de salvar Cambrais seguiu com seus homens em socorro de St. Omer e colocou-se na parte alta de Cassel. Ao saber de sua marcha, o duque de Orleans deixou as tropas deante da praça e com inferioridade seguiu para combatê-lo. Ao rei só restava a cidadela de Cambrais a conquistar; mandou-lhe então o marechal de Luxemburgo com as duas companhias de seus mosqueteiros e a dos granadeiros à cavalo, seguidos por um destacamento de 9 batalhões. O inimigo estava em vantagem quanto ao local ocupado. Apesar de haver um riacho a atravessar, o duque de Orleans atravessou-o com suas tropas e conseguiu uma brilhante vitória. Os inimigos foram postos em fuga sendo o próprio príncipe de Orange obrigado a fugir.

Bibliografia:

Hist. de

Medailles sur les principaux événements du règne de Louis le Grand — Paris — Imprimerie Royale.

42 — MEDALHÃO DE JEAN WARIN — 1609-1672

IOANNES VARINVS.

Busto à direita de Jean Warin — Auto retrato.

Bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 92 m/m.

Uniface.

S/d — s/a.

JEAN WARIN — Vide n.º 13.

43 — MEDALHÃO DE MATEUS CHAPPUIS — 1651

MATHEVS-CHAPPUIS-IN-CYRIA-LVGDUNEN-SI-CONS “Mateus Chappuis — Conselheiro da Curia de Lion”.

Exergo: WARIN — 1651.

Busto à direita de Mateus Chappuis, tendo um solideo na cabeça e trajes cardinalícios.

Medalhão de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 105 m/m.

Uniface.

JEAN WARIN — Vide n.º 13.

Bibliografia:

Med. Fr. n.º 2 Pl. VVV n.º 3.

44 — MEDALHÃO DE LUIZ FAULCON DE RIS — 1647

IO-LDV-FALCO-RIZIVS-SENATVS-NEVSTRIHE-PRINCEPS.

Busto à direita de Faulcon de Ris. Grande cabelcira, bigode e mosca.

Medalha de bronze dourado.

Regular estado de conservação.

Dimensões: 97 m/m.

Uniface.

No exergo: WARIN — 1647.

JEAN WARIN — Vide n.º 13.

FAULCON DE RIS — Primeiro presidente do parlamento da Normandia. Senhor de Riz; Marques de Charleval; Conde de Bacqueville etc. Era da antiga casa de Faulcon de Riz, da qual um ramo obteve alta dignidade em Florença. Morreu em 18 de março de 1663.

Bibliografia:

Trésor — Medalha Fr. n.º 2 Fl. XXX n.º 3.

45 — MEDALHA COM A EFIGIE DE CATARINA BERTON

CATHERINE BERTON — Busto à direita de Catarina Berton, grande decote, colar ao pescoço.

Moldura colocada posteriormente; estilo Luiz XVI.

Bronze — Uniface.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões:

JEAN WARIN — Vide n.º 13.

46 — MEDALHÃO DE MICHEL LETELLIER — 1678

MICHA-LETELLIER-FR-CANCELLARIVS-1678 “Miguel Letellier, chanceler de França”.

Busto à direita de Michel Letellier, vestes cardinalícias, solidéo sobre a vasta cabeleira, uma mosca no queixo.

Ostenta ao peito a comenda da Ordem do Espírito Santo. No exergo: a) BERTINET.

A esta peça foi adaptado posteriormente um reverso com as armas completas dos Letellier, que são: de azul, 3 lagartos de prata, trepantes com um chefe cosido de vermelho, carregado de três estrelas de ouro, encimado por uma coroa de Marquês e circundado pelo colar da Ordem do Espírito Santo. Encima a coroa de Marquês um elmo de frente com grade fechada e sobre este uma coroa de barão; por timbre um sol irradiado, ladeado por um listel com o seguinte mote: ILLDVS-SPLENDORE MICAN. O escudo que é oval está sobreposto a dois cetros flordelisados. Por fundo, o manto real semeado de lagartas e estrelas e forrado de arminho. A este fundo é preso uma moldura Luis XVI formando o painel do medalhão.

Medalhão em bronze dourado.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 111 m/m.

As armas foram gravadas em metal dourado de boa qualidade.

BERTINET — (1653-1686 — periodo em que foi conhecido). Seu verdadeiro nome era *Francisco Bertinetti*, porém, muito mais conhecido sob o nome de Bertinet. Nasceu em Óstia perto de Roma. Foi 1.º secretário do superintendente Fouquet. Bertinet era um excelente musicista, modelador e escultor geitoso. Teve uma vida muito agitada. Fez grandes medalhões de bronze modelados e fundidos com a effigie de Luiz XIV, de Maria Teresa e de vários personagens. Embora hábil, era considerado em segundo plano dos medalheiros franceses. Assinava seus trabalhos e seu nome em caracteres italianos ou em capitais. Morreu em Roma.

MICHEL LE TELLIER — Importante homem de Estado francês, nasceu em Paris em 1603. Foi ministro de Luiz XIV, pai do Marquês de Louvois. Durante longo tempo secretário de Estado da Guerra, trabalhando com assiduidade e senso na reorganização da armada monárquica. Nomeado em 1677 chanceler e guarda do sêlo. Faleceu em Paris em 1685. Michel Le Tellier — III.º de nome, marquês de Barbezieux, senhor de Chaville e de Louvois, filho mais velho de Michel Le Tellier II do nome conselheiro na Côte de Aides

e de Claudio Chauvelin, nasceu a 19 de abril de 1603. Le Tellier foi primeiramente conselheiro no grande conselho, depois procurador do rei no Chatelet de Paris, em 1631. O Cardeal Mazarino, ligou-o a sua sorte e o nomeou secretário de Estado de Guerra. Permaneceu fiel ao seu protetor e se retirou dos negócios ao primeiro insucesso do Cardeal; porém, quando Mazarino saiu do reinado, o regente reteve Le Tellier ao seu lado. Depois da morte de Mazarino conservou as funções de secretário de Estado, conseguindo em 1666, ser substituído pelo marquês de Louvois, seu filho. Morreu em 1685 com 83 anos. Elisabeth Turpin de Vauvedron, sua mulher, teve vários filhos e entre eles François Michel, marquês de Louvois e Charles Maurice, arcebispo e duque de Reims. Bossuet fez a oração fúnebre de Le Tellier.

Bibliografia:

Trésor — Med. Françaises — n.º 2 Pl. XIX n.º 1.

Frans Larousse.

M. Rondot.

La Science heroïque-Marc de Wilson — Paris M. DC. LXIX.

47 — MEDALHÃO COM A EFÍGIE DE MARCO
ANTÔNIO — 1612

MARCVS ANTONIVS MEMMO-DUX-VENETIARVM “Duque ou Doge de Venesa”.

Busto à direita de Marco Antônio. Indumentária de Doge; longas barbas. No exergo: DUPRÉ — 1612.

Medalhão de bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 91 m/m.

Uniface.

G. DUPRÉ — Vide n.º 19.

MARCO ANTÔNIO — Foi eleito Doge de Veneza com a idade de 76 anos. Durante sua administração a república esteve em guerra com os Uscoques, piratas que moravam entre a Istria e a Dalmácia, em 1615, com Fernando, Arquiduque de Áustria, ao qual os Ministros favoreciam as piratarias dos Uscoques. Morreu em 1615.

48 — MEDALHA DE STRASBURGO FORTIFICADA
— 1683 (L.XIV)

LVDOVICVS MAGNVS REX CHRISTIANISSIMVS “Luiz o Grande Rei muito cristão”.

Cabeça de Luiz XIV à direita grande cabeleira.

No exergo: a) BRETON.

R/ CLAVSA GERMANIS GALIA — “A França fechada aos alemães”.

O mapa da cidade de Strasburgo e, marcadas tôdas suas fortificações. Exergo: ARGENTORI ARCES AD RIENVVM M DC LXXXIII “Strasburgo fortificada sôbre o Rêno 1683”.

Medalha de bronze.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 35 m/m.

As razões que levaram Luiz XIV a não descuidar de seus direitos sôbre Straburgo o obrigaram a promover o mais ràpidamente possível a garantia de sua posse. Por ordem sua, foi preparado na alta Alsácia todo o material necessário para construir a cidadela. Esta construída e reunida ao grande número de obras feitas com a mesma rapidez, tiraram por completo a vontade ao inimigo de disputar ao rei, sua nova conquista.

BRETON — ou Le Breton (... 1648) gravador. Gravou uma medalha com a efígie de Luiz XIV com a data 1648. Parece se tratar de Horacio Le Breton, segundo Rondot.

Bibliografia:

Natalie Rondot — Paris MDCCCIV.

Benèzit — cita um *Etienne Breton* mestre escultor em Lion, 1683-1685.

49 — MEDALHA DE CARLOS LEBRUN — 1684

CAR-LEBRVN EQVES PRIMVS PICTOR REGIS “Carlos Lebrun, primeiro pintor do rei”.

Busto à esquerda de Carlos Lebrun. Cabeça descoberta, cabelos longos. Sob o corte do ombro: a) T. BERNARD. No exergo: MDCLXXXIV.

R/ HAE TIBI ERVN ARTES “Êstes serão teus instrumentos de gloria” (alusão à palavra “Artes” que em latim significa ao mesmo tempo, belas artes ou qualquer espécie de indústria). Um vaso antigo, uma coluna partida, compassos, um martelo, uns panos drapeados e uma paleta.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 55 m/m.

T. BERNARD — Thomas II Bernard (1675-1713) Gravador do rei e de suas medalhas. Nasceu em 1650. Foi recebido na Academia Real de Pintura, a 27 de março de 1700. Fez um grande número de medalhas e jetons, entre elas a medalha do Cardeal de Berulle (1677), a medalha de Colbert (1683), a medalha do Chanceler Le Tellier (1684), a medalha de Le Brun (1684 — que é a que descrevemos) e muitas outras. As medalhas são assinadas T. BERNARD, F., ou T. B.F. ou apenas T.B. em monograma. Thomas Bernard gravou os cunhos das moedas de Luiz XIV entre elas o escudo das 3 coroas assinado T.B., datado de 1709. Morreu em Paris a 23 de agosto de 1713.

Bibliografia:

Les Médailleurs et les graveurs de Monnaies etc. — Natalie Rondot Paris MDCCCIV.

LE BRUN — Pintor francês, nasceu em Paris em 1619. Discípulo de Simon Vouet foi a Itália em 1642 à custa do chanceler Seguier. Em 1648 fundou a Academia de Pintura e Escultura. No castelo de Vence, residência de Fouquet, executou diversas pinturas notáveis. Foi recomendado ao rei Luiz XIV por Mazarino. Colbert confiou-lhe de 62 à 80 a direção de todos os trabalhos executados para o rei, sendo nomeado diretor dos Gobelins. Executou em Fontaineblau pinturas notáveis que são vistas até hoje. Nomeado pelo rei 1.º pintor encarregado da reconstrução e ornamentação da pequena Galeria do Louvre (galeria de Apolo). Gastou 18 anos na ornamentação do Palácio de Versailles. Foi também nobilitado pelo rei. Após a morte de Colbert, Louvois começou a opor-se a êle. O artista deixou de aparecer na Côte e caiu em melancolia. Foi levado para Montmorency (Gobelins) onde faleceu em 1690. Criador do estilo Luiz XIV.

Bibliografia:

Benezit.

Enciclopédia.

50 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE A. DES HOULIÈRES

A. DE LA GARDES DES HOULIÈRES.

Busto à esquerda de A. des Houlières. Grande decote.

R/ Um monumento tumular, vendo-se uma deusa mitológica com seus atributos e a inscrição: “Poète M — 1694”.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 28 m/m.

s/a.

51 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE PASCOAL QUENEL
— 1718

PASCH.-QUENEL-PRESB-ORAT-D-J-PARISINUS-AET-84.

Busto à esquerda de Pascoal Quenel com suas vestes de presbítero.

No exergo: Um escudo de suas armas ladeado por “Ano MDCCXVIII”.

Peça fundida em chumbo patinado.

Uniface.

Bom estado de conservação.

Dimensão:

Sob o corte do braço: a) S. CURÉ F.

SIMION CURÉ — (1706-1734). Ourives, gravador e cinzelador em Paris, Nasceu em Ivry perto de Paris, aproximadamente em 1681. Gravou de acôrdo com os modelos de Garnier, um conjunto de medalhas com a efígie de homens de letras do XVII.^o e XVIII.^o século. As medalhas de Curé eram gravadas ou fundidas. Assinava S. CURÉ F., CURÉ, CURE. Morreu em 1734.

PASCOAL QUENEL --- Teólogo e moralista francês nasceu em Paris em 1634. Doutor da Sorbonne em 1657, entrou para a congregação do Oratório, envolvendo-se logo nas questões teológicas do tempo. Nomeado diretor da Instituição de Paris, publicou o esboço de um livro que adquiriu grande importância nas questões jansenistas e jesuitas. Esta obra obteve aprovação do bispo de Chalons-sus-Marne e da Sorbone, porém, depois de imprimi-la foi intimado pelo arcebispo de Paris a deixar aquela cidade. Em 1678, negou-se a assinar o formulário e doutrinas jansenistas, refugiando-se em Bruxelas. Prêso por ordem do Arcebispo de Malines, foi solto por um amigo, chegando a ser chefe do partido jansenista. Em 1708, declarado heretico e sedicioso, foi condenado por Inocêncio XI. Faleceu em Amsterdam em 1719, depois de ter constituído na Holanda uma pequena Igreja jansenista que subsistiu até nossos dias. Há, do padre Quenel, além de suas "Reflexões morais", várias obras de teologia.

Bibliografia:

Enciclopédia.

Rondot.

52 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XV — 1743

LVD-XV-REX CHRISTIANISSIMVS.

Cabeça de Luiz XV à direita, coroado. No exergo: a) M.

R/ AB OBICE MAIOR — Vista de uma cidade e no exergo: "Extraordinaire des guerres — 1743".

Medalha de prata.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 28 m/m.

M. MARTEAU — François Joseph Marteau (1730-1759) Ourives gravador de medalhas do rei. Gravou uma série de medalhas de Luiz XV e Luiz XVI. Assinava Marteau, F. M. e M.

Bibliografia:

Rondot.

53 e 54 — MEDALHAS PRODUTO DAS MINAS
DE FRANÇA — 1723 e 1727

LUD-XV-D-G-FR-ET-NAV-RE-(BD) — “Luiz XV por graça de Deus rei de França e Navarra”.

Um triângulo formado por dois LL adossados e coroados, intercalados por 3 flôres de liz. No centro do triângulo uma vaquinha.

R/ Dentro de uma cartela: “PRODUIT DES MINES DE FRANCE”.

No exergo: 1723.

Medalhas (jetons) de cobre feitas com cobre das minas de França.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 28 m/m a de 1723 e 30 m/m a de 1727. A de 1723, sendo o modulo menor, não pegou bem a gravação.

As iniciais BD devem ser do gravador.

55 — MEDALHA DO CHEVALIER D'ORLÉANS — 1721

GENERAL DES GALERES — LE CHEVALIER D'ORLÉANS.

Escudo oval com as armas dêsse titular: campo azul com as três flôres de liz de ouro das armas de França, encimadas por um lambel de vermelho e com bastonete no centro do campo. Chefe de vermelho com uma cruz de prata. Encimado por uma coroa de duque. O escudo é sobreposto a uma comenda da cruz de Malta e sobre âncoras. Pende do escudo uma insignia da Ordem de Malta.

R/ MARE PRAESTAT EUNTI — Uma galera de 5 remos, com um cupido sentado à tolda da proa. No exergo: GALERES — 1721.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 29 m/m.

s/a.

CHEVALIER D'ORLÉANS — Luiz, duque de Orléans, filho de Filipe, regente de França. Nasceu em Versailles em 1703. Usou o título de duque de Chartres até a morte de seu pai. Desde muito jovem mostrou grande pendor pelas letras e ciências. Em 1718 nomeado por seu pai para o Conselho da Regência; Em 1719, Governador do Delfinado; em 1721, leve a patente de coronel general de infantaria; em 1724 casou com Augusta Maria Joana, princesa de Baden que faleceu 2 anos depois. Em 1742 retirou-se definitivamente para o convento de Santa Genoveva. Mostrou-se muito caritativo; traduziu os salmos e as epistolas de São Paulo e completou o seu gabinete de história natural, legando-o ao sábio Guettard. Faleceu em Paris em 1752, sendo sepultado no cemitério de Val de Grace.

Bibliografia:

Enciclopédia.

56 — MEDALHA COMEMORATIVA DA SAGRAÇÃO

LUDOVICUS XV-REX-CHRISTIANISSIMUS — “Luiz XV rei muito cristão”.

O rei de pé, em trajes reais, coroado, segurando com a mão esquerda seu cetro e com a direita apoiada a uma haste ou a um grande cetro terminado pela imagem da Justiça.

No campo: D. V. (Duvivier). No exergo: M-DCC-XXII.

R/ REX COELESTI OLEO UNCTUS — “O rei ungido com o óleo celeste”.

Sagração de Luiz XV. O Arcebispo de Reims ungindo a fronte do rei que se acha ajoelhado.

No exergo: REMIS 25 OC 1722 “Em Reims, a 25 de outubro de 1722”.

No domingo 25 de outubro, Luiz XV foi sagrado e coroado em REIMS pelo arcebispo daquela diocese, Armando Julio de Rohan Guimenes. As cerimônias da sagração foram impressas e formam um volume muito grande in-folio.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão 41 m/m.

Bibliografia:

Médailles françaises — 3.^o volume — página 40 —
ns. 1 e 4.

Trésor de Numismatique.

57 — MEDALHA DE TURGOT — 1732

DE LA IRE PRTE DE MRE MICII-TURGOT PREST AUX. REQ. DU.
PALAIS — 1732.

Escudo oval campo de arminhos e fretado, encimado por uma coroa de marquês e por suportes, 2 licornes. Sob a pata do licorne a) DV.

R/Dentro de uma cartela, um escudo oval com as armas de Paris em campo de vermelho, uma caravela de 3 mastros, com um chefe de azul semeado de flôres de liz de ouro. No exergo: LA VILLE DE PARIS.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 29 m/m.

D. V. — Gravador e medalhista, nasceu em Liège a 7 de fevereiro de 1687. Morreu em Paris a 30 de abril de 1761. Foi nomeado gravador do rei e hospedado no Louvre. Em 1718, veio a ser membro da Academia.

MIGUEL ESTEVÃO TURGOT — Magistrado francês, nasceu em Paris em 1690. Sua família, originária da Escócia, tinha ido viver na Normandia no tempo das cruzadas. Foi Conselheiro de um parlamento de Paris em 1711; Presidente da Câmara em 1717; Preposto dos mercadores desde 1729 até 1740; Conselheiro de Estado em 1737 e Presidente do Grande Conselho em 1741. Mandou construir em Paris um grande esgôto na margem direita do Sena, alargou e prolongou o Cais do Relógio ligando-o à margem direita por uma bela ponte de pedra, e fez levantar o grande plano de

Paris que tem o seu nome. Também mandou construir a ponte da rua de Grenelle. Foi nomeado membro da Academia das inscrições em 1743. Faleceu em Paris em 1751.

Bibliografia:

Benezit.

Encyclopédia.

58 — LOJA INGLESA N.º 204 (maçonica)

“L'ANGLAISE N.º 204. FONDÉE EN 1732 O & DE BORDEAX”

Um escudo de vermelho carregado de 3 torres de ouro, colocadas 2 e 1 separadas por uma asna de azul, por sua vez carregada de um compasso de ouro. Ladeada por dois ramos encimados por uma fita acima da qual se ve uma estrêla de 5 pontas tendo no centro a letra G. A estrêla irradiada.

Exergo: a) STERN.

R/ “CHARITÉ UNION SAGESSE”.

Um esquadro irradiado tendo no centro um prumo.

Medalha em vermeil (cobre dourado).

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 27 m/m.

59 — MEDALHA COMEMORATIVA — REI DE FRANÇA
(1.ª raça)

“CARIBERT ROY DE FRANCE”.

Busto à esquerda de Cariberto, cabeça coroada com coroa real.

R/ “8-NÉ-521-SUCCEDE 561-PAIX CONTINUELLE-MORT 570-PREMIÈRE RACE”.

No exergo: P.

“Nasceu em 521, sucedeu em 561, páz contínua, morto em 570, primeira raça”.

Medalha em AR.

Bom estado de conservação.

Dimensão 33 m/m.

CARIBERTO I — Filho primogênito de Clotário I. Por morte do rei, em 562, o reino de França foi dividido entre seus 4 filhos, tocando a Cariberto o reino no qual Paris era a Capital.

Distinguiu-se entre os príncipes do seu tempo, pela brandura de seus costumes e sua cultura literária. Morreu sem descendência em 567. Na medalha as datas não combinam com as biografias encontradas, porém, trata-se de uma pequena diferença.

Bibliografia:

Enciclopédia.

Précis Chronologique de l'Hist. de France, por M. Thèodore Toussenel. — Paris 1844.

60 — MEDALHA COMEMORATIVA — THIERRI II — REI DA 1.^a RAÇA

THIERRI II — ROY DE FRANCE.

Busto à esquerda de Thierry II, cabeça coroada com coroa real.

R/ 20-NÉ-715-SUCCEDE-721-DEFAITE ENTIERE DES SARRASINS
PRÉS DE TOUR-732-MORT-738-PRÉMIERE RACE.

No exergo: P.

Nasceu em 715, sucedeu em 721, derrota completa dos sarracenos perto de Tours em 732, morto em 738. Primeira raça.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 33 m/m.

THIERRY IV — Denominado de Chelles (715). Rei de Neustria e de Austrasia em 713. Filho de Dagoberto III. Pela morte de Chilperico II, em 720, Carlos Martel tirou-o do mosteiro de Chelles onde tinha sido educado para proclamá-lo rei. Não reinou senão de nome e, Carlos Martel não lhe deu sucessor. Faleceu em 732 (731).

Nota: Deve haver um engano na medalha, pois se trata de Thierry IV e não II.

Bibliografia:

Enciclopédia.

61 — MEDALHA COMEMORATIVA DO 3.º CENTENÁRIO
DA IMPRENSA — 1740

IOH-GUTTENBERG-IOH FAUSTUS.

Bustos defrontados de Guttenberg e de Fausto, cabeças cobertas, longas barbas. Sob a linha: TYPOGRAPHIAE INVENTORES MAGONTIACI-MCXXXL.

R/ARS VICTURA DUM LETTERIS MANEBIT PRETIUM.

A imprensa sentada, ladeada à direita pelas armas da cidade de Mogência e a esquerda por uma prensa. Sob a linha: ANNO TYP.SAECVL.III-GRATA POSTERITAS EXECUDIT-MDCCXL.

No exergo: α) I DASSIER-F.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 42 m/m.

I. DASSIER — Jean Dassier — ... 1710-1763. Filho de Domenico Dassier e de Sarah Legrand. Nasceu em Genebra. Aluno de Maujer de Roethers; voltou à Genebra onde trabalhou com seu pai. A partir de 1720 suas obras tornaram-se pessoais. Dassier esteve em França e na Inglaterra onde trabalhou em medalhas. Dêle é conhecida uma série de medalhas de personagens francêsas ilustres. Esta deve pertencer à série referida. Assinava I. DASSIER F.; I. D. F. e também I. D. Gravador da Casa da moeda de Genebra. Faleceu naquela cidade em 12 de novembro de 1763.

Bibliografia:

Rondot — pág. 339.

62 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE CORNEILLE
FONTENELLE — POUSSIN — 1744

P. CORNEILLE-FONTENELLE-N-POUSSIN.

Os três bustos conjugados à direita dos três grandes personagens.

No exergo: a) DE PAULIS. F.

R/ TRIA LIMINA PANDIT — Um pantheón tendo no exergo:
SCIENT-LIT-ET ART-ACADEMIA REGIA ROTHON — 1744.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 33 m/m

DE PAULIS — Alexis-Joseph De Paulis. Gravador em medalhas em Paris, aluno de Cartellier. Nasceu em 1790.

P. CORNEILLE — Um dos maiores poetas trágicos franceses. Nasceu em Ruão em 1606 e faleceu em Paris em 1684.

FONTENELLE — Bertrand Le Bovier --- Cientista, filósofo, poeta e dramaturgo francês. Filho de um irmão de Corneille. Nasceu em Ruão em 1657 e faleceu em Paris em 1757.

POUSSIN — Pintor francês, nasceu em Andelys em 1594 e morreu em Roma em 1665. Mestre da pintura clássica.

63 — MEDALHA COMEMORATIVA DA INSTITUIÇÃO DA ORDEM DE SÃO LUIZ

ST. LOUIS ROI DE FRANCE.

No exergo: a) GAYRARD DO PUYMAUBIN D.

Busto à direita de Luiz XI; trajes majestáticos e coroado.

R/ ORDO MILITARIS-S-LVDOVICI A LUDOVICO MAGNO INSTITUTUS-M.DD.XCIII.

No exergo: a) LEVEQUE.

A ordem de São Luiz. Uma cruz octógona, maçanetada, tendo no medalhão central uma espada flambel atravessando uma coroa de louros encimada pela legenda: "BEL-LICAE VIRTUTIS PRAEMIUM" "Recompensa do valor". — :/d.

Entre os braços da cruz, 4 flôres de lis.

Medalha de bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 41 m/m.

A ordem de São Luiz foi instituída no mês de abril de 1693 por Luiz XIV, para recompensar os serviços dos oficiais e lhes dar uma distinção particular. Esta ordem foi confirmada por Luiz XV em 1719. Em comêço só se podia ser cavalciro de São Luiz, depois de ter servido dez anos, em terra ou no mar. Luiz XVI mudou êste dispositivo por um edital do mês de janeiro de 1779. O artigo 90 do mesmo dizia que independentemente do tempo de serviço, poderia ser dada a cruz de cavaleiro desta ordem deante de uma ação brilhante. Porém, foi sempre necessário a profissão de fé católica para recebe-la.

LEVEQUE — Henri — Gravador, pintor sôbre esmalte e paisagista. Nasceu em Genova em 1769. Depois de ter trabalhado em diversas fábricas empreendeu várias viagens a Espanha, Portugal e Inglaterra.

64 — HOMENAGEM AO CULTIVADOR LABORIOSO — 1747

AU CULTIVATEUR LABORIEUX — LUIX XVI.

Uma figura de mulher vestida à antiga; com a mão direita coroa o cultivador, em trajes do XVIII século e chapéu sob o braço, apoiando uma das mãos à charrua, inclina-se com respeito, e com a esquerda segura o escudo com o leopardo da Guiana. Ao fundo cultivadores na colheita.

Sôbre a linha: a) DUPRÉ.

Reverso comemorativo do 2.º casamento do Delfim — 1747.

R/ COMMUNE PERENNITATIS VOTUM (voto universal pela duração da casa real). O Amôr, acorrendo pelos ares, trás um escudo das armas da Polônia, sôbre um altar onde Himeneu acende seu faixo. A Prudência, de pé em frente à Himeneu, contempla o escudo da Polônia, ligeiramente genuflexo.

No exergo: "SECUNDE DELPHININUPTIAE" — M.D.CCXI.VII.

Sôbre a linha: a) M.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensões: 34 m/m.

6 5 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XV — 1750

LUD-XV-REX-CHRISTIANISS.

Cabeça à direita de Luiz XV, aureolado. No exergo:
a) B. DIVIV.

R/ QUO NON HAC DUCE — a proa de uma galera num mar ondulado.

No exergo: IX VIRI BURDIGALENSES COMMERCII REGUNDIS — 1750.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 30 m/m.

DUVIVIER — Pierre Simon-Benjamin du Vivier, filho de Jean du Vivier. Nasceu em Paris em 1730. Gravador de medalhas do rei, gravador geral das moedas. Nomeado para a Academia Real de Pintura em novembro de 1761. Seu cargo de gravador geral das moedas foi revogado em maio de 1791. Du Vivier tomou parte no concurso de 1791, para as moedas ditas constitucionais. Augustin Dupré conseguiu suplantá-lo e o substituiu como gravador geral. Benjamin Du Vivier gravou um grande número de medalhas, e uns 50 jetons, a partir de 1750. Assinava no tempo de seu pai, B. DUVIV., B. DUVIVIER F., depois da morte de seu pai, D. V., DUV., DUVIV., DUVIVIER F. Foi nomeado membro do Instituto em 1806 e morreu em Paris em 1819.

Bibliografia:

Rondot.

66 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XV — 1757

LUD-XV-REX-CHRISTIANISSIMUS.

Cabeça à direita de Luiz XV, laureada. Cabelos longos.
No exergo: a) F. M.

R/ ARTESIA IN ANTIQUUM DECUS RESTITUTA “O Artois restabelecido em sua antiga gloria”. A França de pé, revestida de um grande manto, e coroa sôbre a cabeça, segurando em seus braços o jovem conde de Artois, o qual ela apresenta

a Artois, representado por uma mulher que se inclina diante do jovem príncipe e lhe oferece uma coroa. A figura do Artois se apoia com a mão esquerda num escudo com as armas dos antigos condes de Artois: de França antigo, com o lambel de três pingentes carregado de 9 castelos de ouro. A seus pés uma coroa de conde.

No exergo: COMITE DATO MDCCLVII.

No campo: R. FILIUS (Roettiers fils).

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 41 m/m.

A 9 de outubro de 1757, a Delfina de França teve em Versailles um filho, chamado Carlos Filipe de França, Conde de Artois, e por fim rei de França sob o nome de Carlos X. Este príncipe morreu em Gratz, na Hungria, a 5 de novembro de 1836. *F. M.* — O anverso é de F. Marteaux — vide ficha 52.

ROETTIERS — R/ Carlos Norberto Roettiers, gravador, filho de José Carlos Roettiers. Nasceu em Paris a 15 de agosto de 1720. Nomeado gravador geral das moedas de França em 1753 e gravador particular da moeda de Paris em 1759. Foi recebido pela Academia Real de Pintura a 31 de dezembro de 1764. Assinava: ROETTIER FIL. F., C. N. R. FILIUS, C-N-R, C-R, ROETT-FIL, R-FILIUS. Morreu a 19 de novembro de 1772.

Bibliografia:

Rondot.

q Trésor n.º 3 — Pl — XLVIII — n.º 8.

67 — MEDALHA COM A EFFIGIE DE JACQUES DENIS
ANTOINE — 1768

J. D. ANTOINE ARCHITECTE.

Busto à direita de J. D. Antoine; grande cabeleira.

Exergo: N. P. TIOLIER.

R/ HOTEL DES MONNAIES DE PARIS.

O pórtico do “Hotel des Monnaies”.

No exergo: CONSTRUIT PAR J. D. ANTOINE ARCHIT. EN 1768.

Medalha de bronze.

Muito bem conservada.

Dimensão: 41 m/m.

.....

O 2.º Hotel des Monnaies (Casa da Moeda) no cais Conti, começou a ser construído em 1768. Vários arquitetos concorreram para este importante trabalho, tais como: *Moreaux*, arquiteto da cidade de Paris; *Boullée*, membro da Academia de Arquitetura; *Barreau* e muitos outros. Os projetos apresentados por Jacques-Denis Antoine foram os preferidos pelo rei; ele fôra o construtor do antigo “Hotel des Monnaies”. O arquiteto Antoine soube tirar um ótimo partido do plano irregular de que dispunha. Levantou no lugar designado por Luiz XV, um palácio verdadeiramente digno do monarca e da capital.

NICOLAS PIERRE TIOLIER — Filho de Pedro José Tiolier, nasceu em Paris em 1784. Foi nomeado em 1816 gravador geral das moedas em seguida à demissão de seu pai e por sua vez demitiu-se dessas funções em 1843. Gravou medalhas que assinava N. Tiollier F. e N. P. Tiolier F.

Bibliografia:

Rondot.

L’Hotel des Monnaies par Fernand Mazerolle — Paris — 1907.

68 e 69 — MEDALHAS COMEMORATIVAS DA COLOCAÇÃO DA 1.ª PEDRA DO “HOTEL DES MONNAIES”

LUDOVICUS XV REX CHRISTIANISSIMUS — “Luiz XV rei muito cristão”. Busto à direita de Luiz XV, coroado de louros.

No exergo: a) G. N. ROETTIERS FILIUS F.

R/ AURO ARGENTO AE RI FLANDO FERIUNDO “Para talhar e bater o ouro, a prata e o bronze”.

Vista do “Hotel des Monnaies” de Paris. Sobre a linha do exergo: C. N. ROETTIERS FILIUS F.

Exergo: Aedes Aedificatae M.DCC.LXX — “Edifício construído em 1770”.

Medalha de cobre.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 64 m/m.

C. N. ROETTIER — Vide ficha n.º 67.

No dia 30 de abril de 1771, lançaram a 1.^a pedra do “Hotel des Monnaies”, em nome do rei, pelo abade Ferray, controlador geral das Finanças; foi selada uma caixa de cedro contendo espécimens das diversas moedas reais correntes, de ouro, prata, prata e cobre, desde o *liard* até os duplos luizes de ouro, assim como provas em ouro; prata e cobre de uma medalha comemorativa de grande modulo, cunhada naquela ocasião. (É justamente a medalha que aqui estudamos). Desta medalha há dois exemplares, sendo um deles um pouco mais claro.

Bibliografia:

Trésor n.º 3 — Pl. 41 — n.º 1.

L’Hotel des Monnaies par Fernand Mazerolle — Paris — 1907.

70 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XV — 1770

(Pedra fundamental — Hôtel des Monnaies).

LUD XV-REX CHRISTIANISS.

Cabeça à direita de Luiz XV, laureado.

No exergo: a) B. DUVIVIER.

R/ AURO ARGENTO AE RI FLANDO PERIUNDO.

O “Hôtel des Monnaies” vendo-se o cais, que nunca chegou a ser construído. Sobre a linha do exergo: L. LEONARD F.

Exergo: AEDES AEDIFICATAE M. DCC. LXX.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 41 m/m.

B. DUVIVIER — Vide n.º 65.

L. LEONARD — Laurent Léonard, gravador da moeda de Paris em comissão; gravou medalhas. 1757-1774. Leonard foi um dos que auxiliou a construção do “Hôtel des Monnaies”.

Bibliografia:

Rondot.

71 — MEDALHA REPRESENTANDO O TUMULO DE
MAURÍCIO DA SAXÔNIA — 1777

A maquete do tumulo de Maurício da Saxônia, vendo-se ao alto, de pé, sua silhueta recoberta de uma armadura. Em baixo, seu esquife ladeado por duas carpideiras e, no pedestal as armas da casa de Saxe. O escudo faxado e brocante sôbre o todo o crancelim.

No exergo: PIGALE-SCULPTER-ALTOREFER-GRAVEUR. Bem ao alto: MAURÍCIO SAXONI

R/ TOMBEAU DU MARÉCHAL DE SAXE DANS L'ÉGLISE ST. THOMAS A STRASBOURG e dentro de um círculo de pérolas: MAURITIO SAXONI-CURLANDIAE DUCI-SUMMO REGIORUM EXERCITO PRAEFECTO-SEMPER VICTORI-LUDOVICUS XV-VICTORiarum AUCTOR ET IPSE DUX PONI JUSSIT-OBIT XXX.NOV.AN.MD.CCL.AETATIS LV.

Medalha de bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 61 m/m.

s/d.

MAURÍCIO DE SAXE — Guerreiro francês conhecido por Marechal de Saxe. Nasceu em Gozlar (Saxe) em 1636. Filho natural do eleitor da Saxônia e da Condessa Aurora de Koenigs-Mench. Começou a servir aos 12 anos no corpo auxiliar polaco no Cerco de Lille. Em 1710 fez a campanha com Pedro o Grande, contra Carlos VII e, serviu depois no exercito de seu pai. Foi para a França onde obteve do regente o posto de marechal de campo. Em 1726, eleito duque de Curlandia em Mittau; foi obrigado a abandonar o ducado em consequência de uma forte resistência no próprio Mittau, e voltou à França. Depois de várias campanhas, na Polônia Boemia etc., foi nomeado marechal de França, indo servir no exército do Norte, conquistando parte da Flandres,

submetendo uma parte da Holanda, sendo-lhe dado o título de marchal general dos exércitos francêses, o govêrno da Alsácia e a propriedade do domínio de Chambord. Teve várias aventuras ruidosas, entre elas com Ana Ivanova, mais tarde Imperatriz da Rússia, com Adriana Lecouvreur, com a duquesa de Bovillon etc. Faleceu em Strasburgo na Igreja de S. Tomas. Tinha casado em 1741 com Ana Vitória de Loeben, de quem se separou pouco depois sem ter tido filhos.

72 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE MAURÍCIO DE SAXE.

MAURIT SAXO GALL MARISC.GEN.D.CURI ET SEM.

Busto à esquerda de Maurício de Saxe; veste armadura.

No exergo: a) MULLER.

R/ No topo a inscrição da medalha anterior, o túmulo de Maurício de Saxe, vendo-se ao fundo, as janelas ojivais da igreja de Strasburgo. Maurício de pé, vestido com sua armadura. Mais abaixo a sarcófago aberto, ladeado e seguro pelas carpidceiras. No sopé, as armas da casa de Saxe: o escudo faixado com um crancelim brocante.

Medalha de Chumbo.

Estado de conservação regular.

Dimensão: 55 m/m.

s/d.

MULLER — (Johannes-Friedrich-Wilhelm). Gravador. Nasceu em Stuttgar em 1782. Filho e aluno de Johan-Gothard Muller. De 1802 à 1806, trabalhou na Academia de Belas Artes de Paris. Viajou depois para a Itália, depois voltou a Stuttgar e foi nomeado em 1814, professor da Academia de Dresde. Faleceu em Pirna em maio de 1816.

Esta medalha é cópia da anterior, um pouco modificada.

Bibliografia:

Benezit.

73 — SAGRAÇÃO DE LUIZ XVI — 1775

LUDOVICUS XVI. REX CHRISTIANISSIMUS “Luiz XVI rei muito cristão”.

Busto de Luiz XVI vestido para a sagração, coroa real sôbre a cabeça. Sob a manga, *a*) B. DUVIVIER F.

R/ DEO CONSEGRATORI (A Deus que o consagrou).

A Religião carregada por uma nuvem, segurando com uma das mãos a Eucaristia irradiada e com a outra a Santa Anfora; desce sôbre um altar diante do qual está ajoelhado o rei, rezando, e unge-lhe a testa; à direita do altar, o cetro e a coroa sôbre um coxim.

Sob a linha do exergo: UNCTIO REGIA REMIS XI JUN. MDCCLXXV “Sagração do rei em Reims, a 11 de junho de 1775”.

Atraás do altar: *a*) GAT (Gatteaux).

Medalha em AE.

Bom estado de conservação.

Módulo médio.

Dimensão 37,5 m/m.

B. DUVIVIER — Vide 65.

GATTEAUX — (Nicolau Maria) — Gravador de medalhas. Nasceu e morreu em Paris (1751-1832). Executou várias medalhas do reinado de Luiz XV. A êle foi confiado o trabalho de gravura para bilhetes de loteria, bem como para estampilhas. Inventor de uma máquina engenhosa muito útil aos escultores. Suas medalhas lembram sempre fatos e personagens históricos.

Nota — Luiz XVI foi sagrado em junho de 1775 com todo o ritual da antiga monarquia. As cerimônias se estenderam de 11 à 15 de junho.

Bibliografia:

Médailles françaises — pg. 274.

Trésor de Numismatique — M. Fr. — Vol. 3 — Pr. 52.

74 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XVI — 1776

Cabeça do rei, busto desnudo.

R/ LIBERT BELL — Num sino de igreja e no exergo: 1776.

Medalha em AR.

Pequeno módulo.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 18 m/m.

75 — LUIZ XVI — 1781

Homenagem a cidade de Strasburgo — LUDOVICUS-XVI-FR
-ET-NAV-RX.

Cabeça de Luiz XVI de perfil para a direita, colo desnudo, longa cabeleira.

R/ ARGENTORATUM FELIX VOTIS SECULARIBUS-MDCCLXXXI,
dentro de uma coroa de louros.

76 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE PIERRE ANDRÉ
DE SOUFFREN — 1784

P. AND. DE SOUFFREN ST. TROPEZ CHEV. DES ORD. DU. ROY.
GR. CROIX DE L'ORDRE DE ST. JEAN DE JERUS. VICE AMIRAL DE
FRANCE.

Cabeça à esquerda de De Souffren, descoberta, cabelos longos atados. No exergo: *a) dupré. F.*

R/ Ao alto um escudo com as armas da Provença. Campo azul com uma flôr de liz e um lambel. Dentro de uma coroa de louros a inscrição: "LE CAP PROTÉGÉ TRIN QUE-
MALE PRIS GOUDELOUR DÉLIVRÉ L'INDE DÉFENDUE SIX COMBATS
GLORIEUX-LES ETATS DE PROVENCE ONT DECERNE CETTE MÉDAILLE
M. DCC. XXXIV.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Diensão: 50 m/m.

AUGUSTIM DUPRÉ — Nasceu a 6 de outubro de 1748. Desde menino mostrou sua vocação para o desenho. Muito cedo começou a trabalhar em uma manufatura de armas e ali mostrou logo suas raras aptidões. Indo em seguida para o curso de cinzelura e de escultura abertos em Santo-Estevão, conseguiu facilmente ser o aluno favorito. Aos 20 anos, sob o pretexto de fazer como seus antecessores, viajar pela França, deixou sua terra natal. Em Lyon começou a praticar a grande arte. De Lyon êle segue para Paris e ali e emprega como simples aprendiz. O pouco tempo que lhe resta de seus afazeres, procura se aperfeiçoar na arte do desenho. Despedido do emprêgo foi obrigado a trabalhar escondido e estudar também. Em seus estudos faz conhecimento com Jacques Dumont. Turgot ao subir como ministro, dá liberdade ao trabalho e Dupré poudé então trabalhar abertamente. Instala-se no quarteirão dos ourives num período de transição. O estilo Luiz XIV está morto, o de Luiz XV começa a dar lugar ao de Luiz XVI. Em todo o caso cultivou mais o Luiz XIV, daí talvez a sua originalidade de independência de estilo. Foi gravador de medalhas e medalhista da Academia Real de Pintura e Escultura.

Bibliografia:

Trésor 3 — LV.

Aug. Dupré — Charles Launies.

77 — MEDALHA MAÇÔNICA -- 1785

L. DES AMIS INCORRUPTIBLES A. L'ORDE PARIS

O pelicano ladeado por símbolos maçônicos.

No exergo: 16 EJ — DU 8 EM — 5785.

R/ As iniciais JA (monograma) dentro de uma cadeia de prata.

Medalha de AR.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 27 m/m.

78 — MEDALHA COMEMORATIVA DA JUNÇÃO DOS RIOS
ESCAUT E SOMME — 1785

LOUIS XVI ROI DE FRANCE ET DE NAVARRE

Busto à direita de Luiz XVI, cabeça descoberta, longos cabelos atados, fardado, vendo-se a capa flordelisada jogada, do ombro ao peito. O tosão de ouro ao pescoço e uma banda de grã-cruz à tira-colo.

R/ JONCTION SOUSTERRAINE DE L'ESCAUT A LA SOMME.

Um tunel aberto, por onde escoia a água de um dos rios que vem se juntar ao outro. Sôbre o tunel sentado e recostado a uma bilha de onde escorre água (simbolizando o rio) ve-se Netuno com seu tridente invertido. Da boca do tunel voando em direção a Mercurio, um Amor carregando os atributos daquêle que está sentado e encostado também a uma bilha de onde jorra água. (o mesmo simbolismo).

No exergo: LA PROVINCE DE PICARDIE M.D.CCLXXXV.

Esta medalha deve representar a ligação dos rios facilitando o comércio.

Medalha de bronze.

Muito bom estado de conservação.

Dimensões: 56 m/m.

Na linha do exergo: a) DUPRÉ F.

A. DUPRÉ — Vide n.º 76.

Em 1782, Dupré comemora a junção subterrânea dos rios Escalda e Somme, com composição alegórica de grande habilidade. A maquete em cera de módulo bastante grande, está, atualmente no Museu Carnavalet.

Bibliografia:

Augustin Dupré por Charles Saunder.

79 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE GALOIS DE LA
TOUR — 1788

C-J-B- DES GALOIS DE LA TOUR PRESIDENT AU PARL-ET INTENDANT DE PROVENCE.

Dentro de uma coroa, busto à direita do presidente des Galois de La Tour. No exergo: a) DUPRÉ F.

R/ DECERNÉE PAR L'ASSEMBLÉE DES COMMUNES DE PROVENCE
EN 1788.

Um personagem representando o Terceiro Estado, segurando na mão esquerda uma pá e um caduceu, símbolo do Comércio e da Agricultura, e na outra uma coroa de louros, perto deste personagem, uma meia coluna com as armas de Provença, sôbre ela encontra-se uma esfera e perto da qual estão colocados um compasso, um esquadro e uma espada.

No exergo: LE TIERS ETAT DE PROVENCE A CHARLES JEAN BAP. DES GALOIS DE LA TOUR INTENDANT DU PAYS SON AMI DEPUIS PLUS DE QUARANTE ANNÉES.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 54 m/m.

A. DUPRÉ — Vide 76.

CARLOS-JOÃO-BATISTA DES GALOIS DE LA TOUR — Nasceu em Paris a 11 de março de 1715. Seguiu a carreira da magistratura. Foi recebido conselheiro no parlamento de Aix em 1735; mestre das requisições em 1738 e presidente do grande conselho em 1740. No mesmo ano nomeado intendente da Provence, e por morte de seu pai em 1747, sucedeu-o no cargo de 1.º presidente do parlamento de Aix. Sofreu o exílio dos parlamentares em 1771. Em 1787, nomeado deputado à assembléia dos notáveis, retirou-se para suas terras com a dissolução desta assembléia. Prêso em 1793, foi conduzido à Paris e encarcerado no Luxemburgo de onde só saiu a 9 termidor. O conde de Galois de La Tour, morreu em Paris, a 24 de janeiro de 1802 com a idade de 87 anos. Tinha casado em 1748, com Maria Madalena de Aligre, da qual teve dois filhos.

Bibliografia:

Trésor n.º 3 — Pl. LVI — n.º 2.

Augustin Dupré.

Med. française — n.º 68 — Paris MDCCCXCII.

80 — MEDALHA (JETON HISTÓRICO) COM A EFÍGIE
DE JEAN PIERRE BLANCHARD — 1788

IONNES PETRUS BLANCHARD

Busto à direita de Pierre Blanchard, cabeça descoberta.
R/ IMPAVIDUS SORTEM NON TIMET UCARUAR.

Em uma segunda linha: VARSOVIAE MDCCLXXXVIII.

Um balão cativo e um paraquedas caindo ao solo perto de uma pedra com hieroglifos. Ao fundo uma pequena paisagem.

Medalha de metal dourado.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 30 m/m.

a) LOOS.

LOOS — Friedrich — Paisagista, gravador e litógrafo. Nasceu em Gratz em 1797. Aluno da Academia de Viena, Professor de desenho da Universidade de Kiel. Faleceu em Kiel em 1890.

JEAN PIERRE BLANCHARD — Aeronauta francês. Nasceu em Paris em 1793. Tinha construído uma máquina aérea quando Montgolfier intentou o balão aerostático. Dedicando-se a aperfeiçoar esta máquina, inventou o paraquedas e realizou diversas ascensões na Europa e na América. Em uma dessas ascensões caiu, morrendo; isto, em Paris em 1809. Sua mulher acompanhou-o várias vezes, morrendo anos depois também de uma queda por se ter incediado o balão. Esta medalha é comemorativa de uma de suas exibições em Varsóvia.

81 — MEDALHA — COMEMORATIVA DA CHEGADA
DO REI LUIZ A PARIS — 1789

LOUIS XVI ROI DES FRANÇAIS

Busto à direita de Luiz XVI. Cabeça desnuda, longos cabelos atados. Banda de gran-cruz à tira-colo.

No exergo: VILLE DE PARIS.

R/ JY FÉRAI DESORMAIS MA DEMEURE HABITUELLE.

De pé para a direita, o rei acompanhado pela cidade de Paris, representada por uma mulher de túnica e coroa mural, que o conduz em direção à Tulherias deante da qual há uma considerável massa humana, seguido mais atrás pela rainha e seu filho o Delfim. Acima de linha do exergo: ARRIVÉE DU ROI A PARIS LE 6 OCT 1789.

Medalha de bronze.

Muito bo mestado de conservação.

Dimensão: 53 m/m.

B. DUVIVIER — Vide n.º 65.

1789 — LUIZ XVI — Volta do rei de Versaile. Época em que inaugura a 2.^a fase do seu reinado, quando transformava em monarquia constitucional. Porém, mal aconselhado por Neker a quem tornara a chamar, comete uma série de faltas que tornaram inevitável a catástrofe de que foi vítima.

Bibliografia:

Medailles Modernes 1789-1900 — Pl. 3 — n.º 7.

Encyclopédia.

Médailles Françaises — n.º 10 — pg. 299.

82 — JACQUES NECKER — 1789

JACQUES NECKER GEENEVOIS NÉ EN OCTOBRE MDCCXXXII

Busto de Necker, de perfil para a esquerda, cabeça descoberta em indumentária da época.

Sob a manga, a) INSCIUM S. DUVIVIER (gravado a revelia por Duvivier).

R/ VOEU PUBLIC SATISFAIT.

No campo em 7 linhas: ÉLEVÉ AU MINISTÈRE DES FINANCES EN OCTOBRE 1776, RAPPELÉ EN AOUST 1788 ET POUR LA III ME FOIS EN JUILLET 1789.

Dentro de uma coroa de carvalliç atada com uma fita pendente.

No exergo: OFFERT A LA NATION PAR B. DUVIVIER.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 41 m/m.

J. NECKER — Financista e homem de Estado. Nasceu em Genova em 1732 e morreu na Suíça em 1804. Começou sua vida como empregado de banco. Subiu rapidamente, tornando-se banqueiro. Emprestou dinheiro ao Tesouro e especulou sobre o trigo. Conseguiu fabulosa fortuna; embora hábil financista era desinteressado, sendo mais homem de talento do que grande homem. Esforçou-se em reduzir as despesas suprimindo um grande número de cargos. Teve, em resumo, uma vida muito atribulada e depois de exercer altos postos, perdeu o prestígio sendo exilado para Bruxelas e depois para Bâle de onde foi novamente chamado, alguns dias depois da tomada da Bastilha. Recebido em Paris em meio à aclamação do povo. Porém, novamente tido por suspeito, deixou o poder em 1790. Retirou-se para a Suíça onde escreveu a apologia de seu ministério, intitulado "Sob a administração de Mr. Necker, por êle próprio.

83 — MEDALHA REPRESENTANDO O CERCO DA BASTILHA — 1789

SIEGE DE LA BASTILLE

A turba e a soldadesca fazendo fogo contra a fortaleza da Bastilha, defendida pelos soldados do rei. Na linha do exergo: ANDRIEU F. — n.º 1

No exergo: PRISE PAR LES CITOYEN DE LA VILLE DE PARIS LE 14 JUIET. 1789.

Uniface.

Medalhão em chumbo patinado.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 86 m/m.

JEAN BERNARD ANDRIEU (med. Bonaparte). Gravador de Paris, nasceu em Bordeaux em 1761. Tomou parte no concurso de 1791 e gravou um grande número de medalhas, principalmente para a série de medalhas de Napoleão 1.º. Morreu em 1822.

TOMADA DA BASTILHA — O Governo ainda tinha com êle a fôrça e por essa razão mandou vir tropas a Versailles e ainda quiz que marchassem sôbre Paris onde a desordem imperava. Paris estava cheia de miseráveis e famintos. Os parisienses receosos de um golpe da fôrça impediram que as tropas reais entrassem na cidade e se organisassem para defendê-la. A Bastilha, prisão do estado estava guarnecida naquele momento, apenas com os inválidos e alguns Suíços, de modo que os parisienses assim que tiveram armas foram sôbre as Bastilhas. Todo o exército de Paris, resumia-se em dois regimentos; um dêles; os guardas francêses, juntou-se ao povo, em lugar de combatê-lo. Assim poudo a população de Paris fazer o cêrco de uma fortaleza real e um dos dirigentes do assalto foi um sub-official do regimento real dos guardas francêses. O governo capitulou e a Bastilha, tomada e demolida imediatamente. Embora a tomada da Bastilha não representasse de si própria um grande feito, foi contudo tida como uma grande vitória para os partidários da revolução. Significava que o povo francês havia vencido o governo real pela fôrça. E assim, a tomada desta fortaleza, data o começo official da Revolução. Do 14 de julho de 1789, é que se originou o ano I da liberdade.

Bibliografia:

Ch. Seignobos — História de la Civilisation Contemporaine — Paris 1913.

ARRIVÉE DU ROI A PARIS

O coche real aclamado pela população, vendo-se ao fundo o "Palais Royale".

No exergo: LE 6 OCTOBRE 1789.

Na linha do exergo: ANDRIEU. F. — n.º 2.

Medalhão em chumbo patinado.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 86 m/m.

Uniface.

Devem ser ensaios para a cunhagem de um medalhão.

ANDRIEU — Vide n.º 83.

A 5 de maio de 1789, houve a reunião dos Estados Gerais, iniciando-se a 2.^a fase do reinado de Luiz XVI — monarquia constitucional. A 17 de junho o Terceiro Estado proclama a assembléia nacional e faz o juramento do “Jogo de Pella”. Logo após o rei ordena a reunião dos 3 Estados, porém, é um pouco tarde; a agitação já existe não só em Paris como nas Províncias. A Bastilha é tomada a 14 de julho. Para acalmar as paixões populares, a Assembléa abole os privilégios feudais (noite de 4 de agosto). A mesma Assembléa acompanha o rei à Paris em 6 de outubro e apressa-se a preparação de uma constituinte. O rei d’orante governa com os representantes da nação. Ele se torna apenas o 1.^o funcionário do Estado. Embora essas modificações, as coisas vão se agravando e culminam com a revolução em 1793.

85 -- MEDALHA COMEMORATIVA DA TOMADA DA BASTILHA — 1844

PRISE DE LA BASTILLE

Cena da tomada da Bastilha pelos cidadãos francêses.

No exergo: 14 JUILLET 1789.

R/ Uma vista do castelo de Vincennes.

No exergo: LE DONJON DE VINCENNES — a) ROGAT 1844.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 42 m/m.

DONJON DE VINCENNES — Castelo de Vincennes em documentos do século IX. Em 1164, Luiz VII alienou uma parte do bosque em favor dos religiosos da ordem de Grandmont e daí a origem do convento. Não há certeza se foi Luiz VII ou Felipe Augusto que mandou construir o 1.^o castelo real de Vincennes onde residiu São Luiz. O edifício atual data de Felipe VI e foi construído de 1337 a 1370 aproximadamente. Carlos V que ali nasceu, terminou-o. A partir de Luiz XI o torreão foi prisão de Estado, até o século XIX.

As últimas pessoas que estiveram ali detidas foram os ministros de Carlos X, em 1830 e os deputados republicanos, quando do golpe de Estado de 1851.

86 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LAFAYETTE — 1789

MRS. DE LAFAYETTE MAL. DE CAMP. COMANDANT GAL. DE LA
GDE. NALE PARNE.

Busto à esquerda de Lafayette, fardado de Marechal, cabeça desnuda.

No exergo: a) DUMAREST F.

R/ COMPE. DES GRENADIERS VOLONTAIRES DU IIIE. BATAON. VIE.
DIVON. — 1789.

O escudo de armas da cidade de Paris que são: em campo de vermelho uma nau sobre mar de azul com um chefe de azul semeado de flôres de liz de ouro, encimado por uma granada chamejante. O escudo sobre pôsto à bandeiras que repousam sobre uma coroa de louros. Ao alto um listel com o seguinte grito de guerra: "Vivre Libre ou Mourrir".

Medalha oitavada de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão 32 m/m.

DUMAREST — Rambert — Gravador em medalhas, nasceu em St. Etienne a 17 de setembro de 1750. Gravou medalhas e jetons que assinava R. Dumarest et Dumarest F. Morreu em Paris a 4 de abril de 1806.

LA FAYETTE — Mário José Motier (marquês de) General e homem político francês. Nasceu no castelo de Chavagnac em 1757. Tomou parte ativa na revolta da América depois em França, em 1789, do lado dos realistas liberais e por esse motivo teve de deixar a França. Esteve prisioneiro dos austriacos durante 5 anos em Olmutz. Teve também um papel saliente na revolução de julho de 1830. Faleceu em Paris em 1834.

Bibliografia:

M. Rondot — Méd. française n.º 13 — pg. 300.

87 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LAFAYETTE — 1789

LE GÉNÉRAL LAFAYETTE NÉ EN 7 BRE 1757

Busto à direita de Lafayette, fardado de general, cabeça descoberta. No exergo: COMDT. DE LA GDE. NATLE. PARISIENNE EN 1789.

R/ ET DE HAINE ON NE SE RAPELLE AUJOURD'HUY QUE SES MALHEURS ET LES SERVICES QU'IL A RENDUS A LA LIBERTÉ DES DEUX. MONDES.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 32 m/m.

LAFAYTTE — Vide n.º 86.

Bibliografia:

Méd. française — n.º 14 — pg. 300.

88 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LAFAYETTE
— 1789-1791

LAFAYETTE DÉPUTÉ A L'ASS. NAT. CONTITUANTE NÉ EN 1757

Busto à esquerda de Lafayette, fardado de general, cabeça descoberta. No exergo: α) DUMAREST.

R/ COLLECTION DES FRANÇAIS PATRIOTES, dentro de uma coroa de louros: IL A COMMANDÉ LA GARDE NATIONALE PARISIENNE EN 1789-1790 et 1791.

Na orla da medalha: SE VEND. A PARIS. CHEZ. MONNERON (PATENTÉ).

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 35 m/m.

DUMAREST — Vide n.º 86.

LAFAYETTE — Vide n.º 86.

89 — MEDALHA DO LICEU DE ARTES — 1792

LICÉE DES ARTS

Figura mitológica de Minerva com seus atributos.

No exergo: 1792.

R/ Dentro de uma coroa de louros e carvalho: Aux arts.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 31 m/m.

s/a.

90 — PASSAGEM DO S. BERNARDO — ANO VIII

Bonaparte a cavalo, enrolado em uma capa militar, avança entre os rochedos pronto a jogar um raio que carrega na mão direita.

No exergo sob a linha "Passage Du. Gd. St. Bernard Le XXV Floreal an VIII. À esquerda, assinado "Andrieu F.

Uma das faces da medalha (anverso).

Chumbo patinado.

Estado de conservação regular.

Dimensões: 68 m/m.

ANDRIEU — Vide n.º 83.

Bibliografia:

Méd. française pg. 323.

(referências a uma semelhante) Montigny.

Esta peça foi batida apenas em clichê. Bertrand Andrieu que a gravou, publicou um outro clichê do mesmo módulo, ao qual deve servir de par, representando a batalha de Marcngo.

Bibliografia:

Méd. da 1.ª Revolução Française.

Trésor Numismatique pg. 101.

91 — PASSAGEM DO S. BERNARDO — ANO VIII

(anverso)

BONAPARTE PREMIER CONSUL DE LA RÉPUBLIQUE FRANSE

Cabeça desnuda de Bonaparte de perfil para a direita, cabelos cortados, colocada sôbre um quadro em retângulo, representando a batalha de Marengo, ladeado por bandeiras e troféus. Na linha do exergo, a esquerda: a) Andrieu F. e a direita: An. X. Sob a linha: Bataille de Marengo le XXV Frairial An VIII.

Apenas o anverso da medalha.

Chumbo patinado.

Estado de conservação regular.

Dimensão: 68 m/m.

ANDRIEU — Vide n.º 83.

Bibliografia:

Méd. française pg. 323 (referência a uma semelhante, porém de menor diâmetro e de Montigny). Cliché sem reverso.

Nota — Estes dois concordam em tudo com a descrição de Méd. de la Révolution Française — págs. 101 e 102 — ns. 7 e 3 — havendo apenas discordância no módulo que deve ser de 68 m/m e não de 58 e 60 m/m conforme o autor do livro ou catalogador das peças.

92 — PROMULGAÇÃO DO TRATADO DE AMIENS — 1802

Em cima: “Bonaparte Premier Consul”.

à esquerda “Cambaceres Second Consul”.

à direita “Lebrun Troisième Consul”.

Bustos dos três consules, indumentária da época.

No exergo: a) JEUFFROY.

R/ Le Corps Legislatif Aux Consuls de La République Française.

No centro, em 4 linhas: “Paix Intérieure Paix Extérieure.

Sob a linha do exergo: “Arreté du 30 Floréal an X 20 Mai MDCCCII.

Medalha de bronze.
Bom estado de conservação.
Diensão 67 m/m.

JEUFFROY — Romain Vincent — Gravador das medalhas da série do reinado de Napoleão I. Era membro de Instituto. Faleceu a 2 de agosto de 1826.

Bibliografia:

Rondot — Ramsen pg. 37 — n.º 218.

93 — PAZ DE AMIENS — 1802

“NAPOLÉON BONAPARTE PREMIER CONSUL”

Cabeça laureada, de perfil para à esquerda. No corte do ombro: a) DUMAREST F.

R/ “PAIX D’AMIENS.

Napoleão na figura de Marte, segura com uma das mãos uma vitória e com a outra um ramo de oliveira, o qual êle oferece à Inglaterra, deitada apoiada a um leão.

À esquerda: a) DUMAREST.

Sob a linha do exergo: Le VI Germinal An X. XXVII Mars MDCCCII.

Medalha de bronze.
Ótimo estado de conservação.
Dimensão 50 m/m.

O tratado de paz de Amiens foi assinado a 27 de março de 1802, mas a conclusão foi oficialmente anunciada em Paris, como tendo sido realizada a 25, dia em que o Marquês Cornwallis recebeu a autorização de assinar a paz da qual êle havia assinado as preliminares no dia 7 do mesmo mês.

DUMAREST — Vide n.º 86.

Bibliografia:

Bramsen — pg. 33 — n.º 195.
Rondot.
Méd. française — pg. 337 — n.º 119.
éd. de la révolution française.
Trésor de Numismatique.

94 — TRATADO DE CAMPO FORMIO — ANO VI

“BONAPARTE GENAL. EN CHIEF DE L'ARMÉE FRANC. SE EN ITALIE”

Busto do General Bonaparte, de perfil para a direita, de uniforme sem chapéu cabeleira da época. No corte da manga: a) B. Duvivier F.

No exergo: sob a linha — “Offert a L'Institut Nation. Par B. Duvivier à Paris”.

R/ Les Sciences et les Arts Reconnaissants.

O General Bonaparte de uniforme, cabeça descoberta, com sua capa, segurando com a mão direita um ramo de oliveira, dirige-se para a direita, montado em um cavalo e conduzido por Bellone acompanhada da Prudência. A Vitória voando por detrás de Napoleão sustenta com a mão direita uma coroa sobre a fronte do general, e com a outra, carrega a estátua de Apolo do Belvedere.

Sobre a linha do exergo: a) B. Duv. e sob a linha: “Paix Signée L'An 6 Rep. FR.”.

Medalha de bronze.

Ótimo estado de conservação.

Dimensões: 57 m/m.

B. DUVIVIER — Vide n.º 65.

Bibliografia:

Méd. françaises — pg. 313 — n.º 35.

95 — BONAPARTE — 1789

BONAPARTE “GÉNÉRAL EN CHEF”

Busto de Bonaparte, de perfil para a direita de uniforme, cabeça descoberta, penteado da época.

No exergo: a) A. BOVY.

R/ Soldats: Du Haut de Ces Pyramides 40 Siècles Nous Contemplant.

Napoleão a cavalo em revista às tropas no Egito, diz a celebre frase: “Soldados, do alto dessas pirâmides, 40 séculos nos contemplam”. Ao fundo as pirâmides do Egito.

No exergo, sob a linha: Napoléon en Egypte 25 juillet — 1798”.

Sob as patas trazeiras do animal: a) A Bovy.

Medalha de cobre.

Ótimo estado de conservação.

Dimensões: 41 m/m.

A. Bovy — Antoine — Escultor e gravador. Nasceu em Genebra a 14 de dezembro de 1795. Filho de um mecânico, João-Samuel-Bovy. Entrou para o atelier de Pradier em Paris no ano de 1824. Mais tarde voltou para Genebra. Gravou medalhas, jetons e moedas. Fez também medalhões moldados e fundidos. Assinava A. Bovy.F. et A. Bovy. Sua obra compreende cerca de 200 peças. Faleceu em Genebra a 18 de setembro de 1877. Artista hábil e sincero, a par de uma ciência no desenho, pouco comum, possuía um sentimento muito perfeito do assunto e da ornamentação. Esta medalha é comemorativa da tomada do Egito.

Bibliografia:

Rondot.

96 — BONAPARTE -- ANO VI — 1797

“BONAPARTE NÉ A AJACIO LE 15 AOUT 1769”

Busto de Bonaparte, de perfil, cabeça descoberta, cabeleira da época.

R/ “La France Lui Devra La Victoire Et La Paix” em quatro linhas, dentro de uma coroa de louros.

No exergo: “An 6 La République”.

Medalha de cobre com serrilha.

Estado de conservação regular.

Dimensão: 33 m/m.

s/a.

Bibliografia:

Mé. franc. — pg. 314 — n.º 37.

97 — RESTABELECIMENTO EM ORLÉANS DO MONUMENTO DE JOANA D'ARC — 1803

“NAPOLÉON BONAPARTE PREMIER CONSUL DE LA RÉP. F.”

Busto à direita de Napoleão, fardado. Cabeça descoberta. No corte do busto: a) Duprê.

R/ A Jeanne D'Arc.

E estátua de Joana d'Arc. Sobre a face do pedestal entre dois ramos: “A Jeanne D'Arc”. No campo, dos dois lados do pedestal: J. M. Chaptal Mtre. Del'Intr. J. P.. Maret Prefet. A. E. Crignon Desormeaux. Maire. E. Gois Fils Inv. Dupré Sculp. Em baixo, em círculo: Monument Retabli a Orléans L'An XI de La Repqe.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 55 m/m.

DUPRÉ — Vide n.º 76.

Bibliografia:

Ramsen — pág. 46 — n.º 272.

98 — MEDALHA COMEMORATIVA DE UMA DATA IMPORTANTE DA CIDADE DE LILLE — 1845

“AUX LILLOIS DE 1791 — 8 OCTOBRE 1845”

Um monumento tendo no exergo a assinatura Le Comte.

R/ “Les Habitants de Lille Ont Bien Mérité de La Patrie”.

No exergo: Décret de La Convon. Natle. 12 Octobre 1792.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 26 m/m.

LILLE — Em 1792, esta cidade sofreu um novo e terrível cerco. O mais célebre dos seus cercos. A 9 de setembro o duque Alberto de Saxe Teschen, acampou seus sol-

dados deante de Lille que era defendida pelo general Ricault com seus soldados em número 5 vêzes menor. Muito foram êles ajudados pelos habitantes que, animados pelo prefeito André, não afrouxaram um instante. A artilharia da guarda nacional respondeu com êxito ao fogo do inimigo e o general austríaco tratou de levantar o cêrco à aproximação de Dumouriez, que chegava com o exército de Valmy. A convenção felicitou por decreto os habitantes de Lille.

Le comte. — Narcisse — Gravador ao buril. Nasceu em Paris. Aluno de J. B. Regnault e de Lignon, Gravou assuntos históricos. Expositor do Salon de 1824 à 1835; 3.^a medalha em 1833 e 2.^a em 1846.

Bibliografia:

Benezit — 3.^o

99 — MEDALHA DA CONVENÇÃO NACIONAL — 1792

(ensaio monetário)

LIBERTÉ FRANÇOISE

A cabeça da liberdade à esquerda. Cabelos soltos, a cabeça apoiada a um bastão tendo na ponta um barrete frígio. No corte do ombro: a) Galle.

No exergo: L'An I de La R-F.

R/ Dentro de uma coroa de fôlhas de carvalho:: A La Convention Nationale par les Artistes Reunis de Lion — Pur Métal de Cloche Frappée en MDCCXCII.

Medalha feita com o metal dos sinos.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 39 m/m.

Em meio as lutas da Revolução formou-se um partido republicano pouco numeroso, porém com o auxílio dos suburbios de Paris, apoderou-se das Tulherias e forçou a Assembléia a proclamar a queda do rei e a convocar uma nova assembléia, a *Convenção* (10 de agosto de 1792). A Convenção tomou a si o governo e o dirigiu por meio de

comitê eleitos dentre seus membros. Ela teve que refazer uma Constituição sem realeza. Foi a Constituição de 1793, redigida rapidamente por uma comissão e votada pela Convenção sem grande discussão. Os autores eram os discípulos de Rousseau e partiram do princípio que somente o povo é soberano e deve exercer sua soberania diretamente.

....*Galle* — André — Gravador, nasceu em Saint-Etienne em maio de 1791. Foi gravador em Lyon na fábrica de botões de Paul Le Cour. Fabricante de Botões em Lyon de 1785 à 1790 sob a firma Galle ainé Volozan et Cie. Estabeleceu-se em Paris e gravou um grande número de medalhas. Eleito membro do Instituto. Em 1792 inspirou-se na Revolução para o seu ensaio de moedas de metal de sino onde se vê a cabeça da Liberdade — que tem mais de medalha do que de moeda (é justamente a que acabamos de estudar). André Galle faleceu em Paris a 22 de dezembro de 1844.

Bibliografia:

Rondot.

Hist. de la civilisation contemporaine — Ch. Seignobos.

100 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XVI

(Morte) — 1793

LOUIS XVI ROI DE FR. IMMOLÉ PAR LES FACTUEUX

Cabeça à direita, de Luiz XVI, coroada de louros.

No exergo: a) F. L.

R/ Pleurés et Vengés Le: De uma nuvem celeste, desprende-se um raio que cai sobre uma urna onde se acha encostada e em prantos, uma carpideira. Aos pés da urna os atributos reais caídos.

No exergo: Le XXI Janvier MDCCXCIII.

Medalha de prata.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 30 m/m.

s/a.

Nota — 1792 — A 10 de agosto o povo invade as Tulhérias e Luiz XVI é encerrado na prisão do Templo com sua família. Dalí só saiu para comparecer perante a Convenção Nacional e subir à guilhotina. Acusado de traição foi defendido por Tronchet, Malesherbes e Séze é condenado a morte por 387 votos contra 334. É guilhotinado em 21 de janeiro de 1793.

101 — MEDALHA COMEMORATIVA DA CONFEDERAÇÃO DOS GUARDAS NACIONAIS DE ORNE — 1791

MOURONS POUR LA DEFENDRE ET VIVONS POUR L'AIMER

Um fuste da coluna sustentando uma pira incandescente. Na coluna já muito gasto se lê: "Patrie".

No exergo: A Alençon Le 14 Juillet 1791.

R/Dentro de uma coroa de fôlhas de carvalho: Confédération des Gardes Nationaux du Département de L'Orne.

Medalha de cobre, estado de conservação regular.

Dimensão: 38 m/m.

s/a.

102 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XVI E MARIA ANTONIETA — 1793

LUD XVI D. G. FR. ET. NAV. REX. MAR. ANT-AUSTR-REG

As cabeças conjugadas para a direita de Luiz XVI e Maria Antonieta. No exergo: Fati Iniqui. No corte do braço as iniciais C.H.K.

R/ An Est Dolor Par Dolori Nostro, dentro de uma faixa.

O rei despede-se dolorosamente de sua família antes de ser guilhotinado; vê-se ajoelhados a seus pés, sua filha Mme. Royale, e seu filho o Delfim e apoiada a êle, a rainha em prantos. Mais ao fundo a dama de honra da rainha, também chorando.

Na linha do exergo: C. H. Kuchler. No exergo: Natus XXIII Aug MDCCLIV SUCC.I Mai MDCCLXXXIV-DEGOLL XX Jan-MDCCXCIII.

Medalha de bronze dourado.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 49 m/m.

C. H. Kuchler — Gravador. Nasceu em Flandres. Trabalhou primeiramente como gravador com Mateus Bolton, fabricante de armas em Soho, perto de Birmingham, e gravou em Londres um grande número de medalhas, entre elas algumas com a efígie de Georges III. Veio em seguida se estabelecer em Paris, onde gravou também medalhas. Faleceu por volta de 1802.

Luiz XVI foi decapitado 9 meses antes de sua esposa Maria Antonieta. Sua filha mandada para a Austria e o Delfim morreu na prisão do Templo.

Bibliografia:

Rondot.

Seignobos.

Nota — Na mesma coleção há outra medalha exatamente igual, com o mesmo módulo, porém em bronze natural. Também em muito bom estado de conservação.

103 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LUIZ XVI E MARIA ANTONIETA — 1793

LUD. XVI. D. G. FR. ET NAV-REX-MAR. ANT-AUSTR-REG.

Cabeças conjugadas à direita de Luiz XVI e Maria Antonieta. No corte do braço: a) C. H. K. No exergo: Fati Iniqui.

R/ Crinemquem Rotantes Sanguineum Populis Ulularent Tristia Galli.

Cena representando a decapitação de Luiz XVI. Na linha do exergo: F. No exergo: XXI Januarius Anno MDCCXCIII.

Medalha de bronze dourado.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 51 m/m.

KUCHLER — Vide n.º 102.

Luiz XVI — morte — Vide n.º 100.

Bibliografia:

Rondot.

104 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE MARIA ANTONIETA
— 1793

MARIA ANTON. AUSTR. FR. ET NAV. REGINA.

Busto à esquerda de Maria Antonieta, cabeça descoberta, brinco à orelhas, grande decote. No exergo: Nat. 2 Nov. 1755 Not. 16 May 1770 Cor. 11 Jun. 1775.

R/ Altera Venit Victima. A carroça transportando Maria Antonieta para a guilhotina vendo-se ali mais duas vítimas. Grande multidão apupando a rainha. No exergo: dentro de uma cartela: XVI. OCT. MDCC. XCIII.

Medalha de bronze dourado.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 48 m/m.

s/a.

Embora sem assinatura parece tratar-se de uma peça de Kuchler pela semelhança de trabalho das anteriores.

Maria Antonieta — Arquiduquesa d'Austria e rainha de França. Esposa de Luiz XVI. Nasceu em Viena em 1755. De educação não muito esmerada, foi confiada mais tarde à solicitude do abade Vermont. Casou com o Delfim em maio de 1770, que foi rei 4 anos depois. A princípio bem acolhida, porém, com o tempo e devido a vários fatores surgiu o partido dos descontentes. Formou-se em pouco uma reação sustentada por libelos e panfletos. Sua política inspirada pelos conselhos do embaixador da Áustria, Mercy d'Argenteau e de sua mãe Maria Tereza, muito contribuiu para esse ambiente creado. O povo brutalmente a chamava a "Austriaca". Por outro lado, exagerava nas despesas com prazeres e luxo, ligando-se com a princêsa

de Lamballe em uma amizade pouco discreta assim como a condessa Julia de Polignac. As intimidades muito exclusivas do Trianon e o seu desdem pelo cerimonial de Versailles, fizeram com que ela encontrasse a maior oposição dentro da própria côrte. Em 1778 Maria Antonieta deu à luz uma menina (Mme. Royale) e a sua vida sofre uma transformação. Começou a diminuir os caprichos custosos. Era porém muito tarde, a calúnia já havia feito a sua obra. Em 1781 naseu um delfim doente que pouco viveu, mas em 1785 a sucessão do trono foi assegurada pelo nascimento do Duque de Normandia que havia de ser Luiz XVII. Naquele mesmo ano deu-se o processo do colar da rainha. No dizer de Goethe e de Napoleão, foi a datar dessas intrigas de Mme. de La Motte e do Cardeal de Rohan que a rainha ficou irremediavelmente perdida. A passo e passo a infeliz rainha subiu o seu doloroso calvário, começado com as jornadas de outubro de 1789, 20 de julho, 10 de agosto e por fim 16 de outubro de 1793 em que sentada em uma prancha com as mãos amarradas e segura pelo carrasco, “subiu ao patíbulo”.

105 — MEDALHA COM A EFIGIE DE MARIA ANTONIETA
— 1793

MARIE ANTOINETTE-REINE DE FRANCE

Busto à esquerda de Maria Antonieta, vendo-se em seu peito um medalhão com o retrato de Luiz XVI. No exergo
a) LOOS.

R/ Jacuse Le Juge L'Extermine.

A figura da justiça tendo a balança na mão direita, o fiel pendendo muito mais para o lado da esquerda. Na mão esquerda um faixo acêso. No exergo: Le XVI Octobre MDCCXCIII.

Medalha de cobre, bom estado de conservação.

Dimensão: 31 m/m.

LOOS — Vide n.º 80.

Bibliografia:

Benezit.

106 — O GENERAL ALEXANDRE BEAUHARNAIS — 1793

ALEXE. BEAUHARNAIS GAL. CHIEF DE L'ARMÉE DU RHIN EN 1793

Busto de General Beauharnais, de perfil para a esquerda, cabeça descoberta, de uniforme.

No exergo: Né le 12 mai 1761 décapité le 5 thor — An 2

R/le Roi part le 21 juin 1791 il abandonne les rennes du gouvernement Beauharnais Président L'Assemblée Nationale Maintient le Calme et la Tranquillité Publique.

Em nove linhas dentro de uma coroa de louros.

Medalha de cobre.

Muito bom estado de conservação.

Dimensão: 34 m/m.

s/a.

Bibliografia:

Méd. française pg. 306 — n.º 8 — diferença 2 m/m no modulo.

107 — MEDALHA DE FELIPE EGALITÉ — 1793

PHILIPPE IOSEPH ÉGALITÉ CI DEVANT DUC D'ORLEANS

O busto de Felipe Egalité; trajes civis, de perfil para a esquerda; cabeça descoberta. No corte do braço: a) *Loos*.

R/ De sa montagne enfin le monstre sur la cime reçoit par ses égaux le prix du dernier crime, em oito linhas. Logo abaixo, caídos, a espada o cetro e a coroa real. Sob a linha do exergo: Le VI novembre MDCCVCIII.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 31 m/m.

Loos — Vide n.º 80.

108 — MEDALHA DE ELIZABETH — 1794

ELISABETH DE FRANCE SOEUR DE LUIS XVI

Cabeça de Elizabeth de França, de perfil para a esquerda, cabeça coberta por uma echarpe, colo desnudo.

No exergo: a) Loos.

R/ Les Loups Sans S'Emouvoir Regardent les Faucons du Sang de la Colombe.

Um falcão devorando uma pomba e ao lado a data: 10 mai 1794.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 31 m/m.

Loos — Vide n.º 80.

109 — MEDALHA DE LUIZ — FILHO DE LOUIZ XVI
— 1795

LOUIS, SECOND FILS DE LOUIS XVI, NÉ LÈ 27 MARS 1785

Busto do menino príncipe, de perfil para a esquerda. Cabeça descoberta e cabelos soltos. No exergo: a) Loos.

R/ Uma cortina erguida, vendo-se o anjo da paz sentado, escrevendo em uma louza: Redevenu libre le 6 juin 1795. Aos pés do anjo um livro aberto onde se lê: Louis XVI-Antoinette-Elisabeth.

Medalha de AE.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 30 m/m.

Loos — Vide n.º 80.

110 — MEDALHA DE LUIZ XVII — 1795

LOUI XVII D. G. FRANC. ET NAV. REX.

Cabeça do rei menino, de perfil para a esquerda; cabelos soltos; do fitão pende uma condecoração. No corte do ombro: a) Tiolier F.

R/ Cecedit ut flos.

Um galho partido de onde pende um lírio.

Sob a linha do exergo: VIII junii MDCCXCV.

Medalha de bronze.

Estado de conservação muito bom.

Dimensão: 41 m/m.

Medalha muito expressiva. Representa a vida daquele menino rei, morto prematuramente.

Tiolier — Pierre Joseph ... 1788-1819. Gravador. Nasceu em Londres em 1763. Nomeado gravador geral das moedas, em março de 1803 e demitiu-se em 1816. Gravou medalhas. Faleceu em 1819.

Bibliografia:

Rondot — pág. 372.

111 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE LAVOISIER — 1799

ANT. LAUR. LAVOISIER.

Cabeça de Lavoisier de perfil para a direita. Cabeça descoberta, penteado da época. No corte do pescoço: a) Andrieu.

R/ République Française.

No centro, dentro de um círculo: l'an 8 pn. gen. gembre essayait de perfectionner les monnaies.

Em 6 linhas. Na orla da medalha lêse-: A la patrie aux sciences.

Medalha de cobre.

Bom estado de conservação.

Dimensão 25 m/m.

ANDRIU — Vide n.º 83.

112 — MEDALHA DO BANCO DE FRANÇA — ANO VIII
DA REPÚBLICA

LA SAGESSE FIXE LA FORTUNE

A República sob os traços de Minerva, apoiada em um escudo de forma losangada, tocando com a outra mão o hombro da Fortuna que, de sua cornópia, despeja em uma urna milhares de moedas.

R/ Banque de France an VIII, em quatro linhas dentro de uma coroa de carvalho e louro atados por uma fita pendente.

Medalha em AR — otogonal.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 36 m/m.

s/a.

113 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE BONAPARTE
— 1761-1822

BONAPARTE NÉ A AJACCIO LE 15 AOUT 1769

Busto à esquerda de Bonaparte, cabeça descoberta, fardado.

No exergo: a) ANDRIEU F.

Medalha de chumbo.

Estado de conservação regular.

Dimensão: 32 m/m.

Uniface.

ANDRIEU — Vide n.º 83.

114 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE BONAPARTE — s/d

(mesma época da precedente)

BONAPARTE IER. CONSUL DE LA REP QUE FRANCE

Exergo: Né a ajaccio le 15 aout 1769.

Busto à esquerda de Bonaparte, cabeça descoberta, fardado.

R/ Dentro de uma coroa de louros: Il affermit ses victoires honore par ses vertus fait aimer par sa modération la république et la liberté.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 32 m/m.

s/d — s/a.

No exemplar de Bramsen página 78 n.º 82 “Sur la tranche” Révolution Française — Par Lienardan 9 n.º 1. N.º 82 a mesma de Lienard porém sem inscrição na linha do exergo — é a que estudamos.

Bibliografia:

Médailles françaises — pg. 322 — n.º 67.

115 — MEDALHA COM A EFÍGIE DE NICOLAS POUSSIN
— 1594-1695

NICOLAS POUSSIN-PEINTRE-FRANÇAIS — Nicolas Poussin, pintor francês; cabeça à direita de Nicolas Poussin, cabeça descoberta, cabeleira longa. No exergo: R. Dumarest.

R/ Em campo vazio uma coroa de louros.

Medalha de bronze.

Bom estado de conservação.

Dimensão: 55 m/m.

s/d.

Nicolas Poussin — Um dos mais ilustres pintores franceses. Nasceu perto d'Andelys em 1594. Mestre da pintura clássica, autor de numerosas obras de arte. Faleceu no ano de 1665.

R/ *Dumarest* — Gravador em medalhas. Nasceu em SaintEtienne a 17 de setembro de 1750. Gravou várias medalhas e jetons. Faleceu em Paris a 4 de abril de 1806. Esta medalha é portanto trabalho do século XVIII, naturalmente comemorativa de algum centenário de Poussin.

Bibliografia:

Natalis Rondot — Les médailleurs et les Graveurs de Monnaies — Paris MDCCCIV.



























O NÉO ROCOCÓ NO MUSEU HISTÓRICO

OCTAVIA CORRÊA DOS SANTOS OLIVEIRA

Conservador Nível 17-A

Chefe da Divisão de História e Arte
Retrospectiva — D.H.A.

As lutas republicanas francesas interromperam o ritmo da produção artística do século XVIII. (1) Os artistas, exilados alguns como a maior parte da nobresa, outros tendo perdido seus bens, perseguidos por suas ligações com a realeza, pararam sua produção.

Os mais jovens e alunos dos mestres do século, já tinham lançado com a volta do greco-romano, o novo estilo que se transformaria mais tarde no Império, incrementado por Napoleão Bonaparte.

Foi o único estilo no século XIX que apresentou uma unidade e características bem determinadas. Por isso mesmo, teve influência uniforme nos países europeus onde se manteve nos palácios reais até mesmo depois da queda de Napoleão.

Fenômeno contrário se verificou nos meios burgueses onde a fabricação de seus móveis seguiu sua evolução, independentemente dos móveis aristocráticos, na época das lutas restauradoras.

(1) As lutas republicanas na França se estenderam por 15 anos. O país foi governado por uma Assembleia Nacional Constituinte (1789-1791) substituída depois por uma Assembleia Legislativa (1791-1792) e a Convenção (1792-1795), constituída de elementos revolucionários que aboliu a realeza, condenando à morte Luiz XVI e Maria Antonieta. Começa a época do Terror com lutas internas além das externas. É instalado o Diretório. Nas lutas externas triunfa o General Bonaparte que, ao voltar se tornou chefe do Poder como 1.º Consul. Em 1804 é coroado Imperador dos Francêses.

Surgiu assim um estilo “burguês” — no princípio do século XIX que, da Alemanha, depressa influenciou a burguesia europeia, dado o desenvolvimento da indústria de fabricação do móvel que o transformou de peça única em peça seriada. E a nova classe surgida — a burguesia rica — vai constituir a maior clientela dos ebanistas e fabricantes de móveis. (2)

A fabricação mecânica do móvel, permitindo embora um acabamento perfeito e mais fácil, fez perder no entanto aquela pureza da fabricação manual que dava ao móvel do século XVIII, uma leveza e uma graça sem igual. Coincidindo com êsse movimento da burguesia a restauração dos Bourbon no trono francês, — com a volta dos emigrados e alguns decoradores, manifestou-se a tendência à arte antiga. (3)

Nem Luiz XVIII nem Carlos X se interessaram pessoalmente pelos móveis do seu tempo. É aos nobres da época que se deve a criação dessa corrente, uma vez que se recusavam aceitar o luxo dos “novos ricos”. (4)

Os “novos” defendendo o romantismo que surgia, mergulharam no passado francês, começando pelo gótico: formas arquitetônicas góticas, móveis góticos e decoração gótica.

(2) Estilo burguês derivado do Império (c.1810-1840), que continuou sua evolução nos primeiros anos do século XIX. Chamou-se Biedermeier, nome satírico tirado da política da época — que passou aos móveis da burguesia da Restauração. Cadeiras de espaldar e pés curvos; armários e cômodas folheadas. Tapeçarias de tecidos de crina, percal com flôres e reps. Os sofás e divãs, como móveis cômodos, com pernas em cornucópia, braços recurvados em colo de cisne ou redondos onde se desenvolve a ornamentação abundante. O Biedermeier sofreu também a influência rococó notando-se na sua última fase uma tendência para a simplicidade das formas, ornamentação mais rica.

(3) Com a restauração a coroa volta aos Bourbon. É Luiz XVIII irmão de Luiz XVI que sobe ao trono e reina até 1815 quando Napoleão, que fugiu da ilha de Elba, luta pela reconquista do Império. Depois de cem dias, ao serem derrotadas as forças de Napoleão, recupera o trono onde permaneceu até 1824.

(4) A Luiz XVIII sucedeu seu outro irmão, conde d'Artois, que reinou sob o nome de Carlos X. Os estilos desses dois soberanos são conhecidos pelo nome de Restauração. Os estudos atuais sobre êles permitem reconstituir e definir bem suas diferentes influências. (1824-1830).

Essa volta ao passado se acentuou ainda mais sob Luiz Felipe quando se encontra tóda a sorte de elemento ornamental, inspirando-se ainda na Renascença e no Luiz XV. (5)

As madeiras claras anteriores (Carlos X), eram escurcidas ou substituídas pelas madeiras "escuras ou pretas": palissandra, ébano e acajú. Tudo isso ao lado de móveis dourados, cheios de volutas.

Não poderia haver período mais confuso para a França, êsse em que o ecletismo marcou uma época duvidosa na parte estética e artística. Essa oscilação reflete bem o momento agitado das lutas internas restauradoras.

Flores do gênero naturalista, volutas rocóco nos revestimentos e talha dos móveis, as curvas das estruturas que se acentuam mais fortemente e se definem depois da metade do século. É o néo-rocóco que na França surge com Luiz Felipe e se vai afirmar com Napoleão III, depois da queda da 2.^a República. (6)

Napoleão III continua com ricas talhas, tons escuros, seguindo portanto o mesmo tipo de Luiz Felipe. Seus móveis que vão atingir um realismo extraordinário e estimulam o capricho e zelo dos ebanistas imperiais, pecam no entanto pelo equilíbrio e graça que continuam inimitáveis. (7)

A Inglaterra sofreu também as influências da época como os demais povos, dominando-as porém com a sobrie-

(5) Com a abdicação de Carlos X a coroa de França passa para Orléans, subindo ao trono Luiz Felipe com o nome de Luiz Felipe I, rei dos Francêses. Governou até 1848 quando abdicou em favor de seu neto Conde de Paris. Porém a 2.^a República é proclamada, subindo ao poder como presidente da República, o príncipe Luiz Napoleão.

(6) Proclamada a 2.^a República a Assembléa Constituinte votou a eleição do Presidente para o qual foi escolhido Luiz Napoleão que governou até 1852. Após ter publicado uma Constituição baseada na Constituição Imperial, restaurou o Império Hereditário em seu favor, subindo ao trono com o nome de Napoleão III.

(7) O estilo Napoleão III sofre uma influência de caráter particular. A imperatriz Eugénia gostava tanto do estilo Luiz XVI que o adota pessoalmente. No palácio, ao lado de autêntico Luiz XVI que ela procura reunir, surge um Luiz XVI todo a seu gosto, com ricas obras de talha em alguns móveis, incrustações e aplicações de bronzes dourados noutros, sempre de notória exuberância, típica da época de Napoleão III. Por seu lado o Imperador entretinha-se em mandar copiar os móveis Boulle da sua predileção. Termina com a queda do Império, voltando a imperar a influência renascentista. (1870)..

dade costumeira. Recebeu a influência do estilo império francês só nos móveis das mansões aristocráticas, inspirando-se diretamente na arte antiga grega e romana. Procurou adaptar as formas dos móveis antigos às exigências modernas. Disso resultou um móvel severo, às vezes simples demais.

O estilo que dominou a Inglaterra no princípio do século XIX é conhecido como Regency e é de admirar que, apesar de influências tão diversas, o móvel inglês tenha conseguido conservar essa unidade de tipo. (8)

Sofreu também a influência que marcou os móveis dessa época — a oriental. Isso no entanto não desmerece os móveis Regency de cunho próprio, que o torna diferente dos demais móveis europeus.

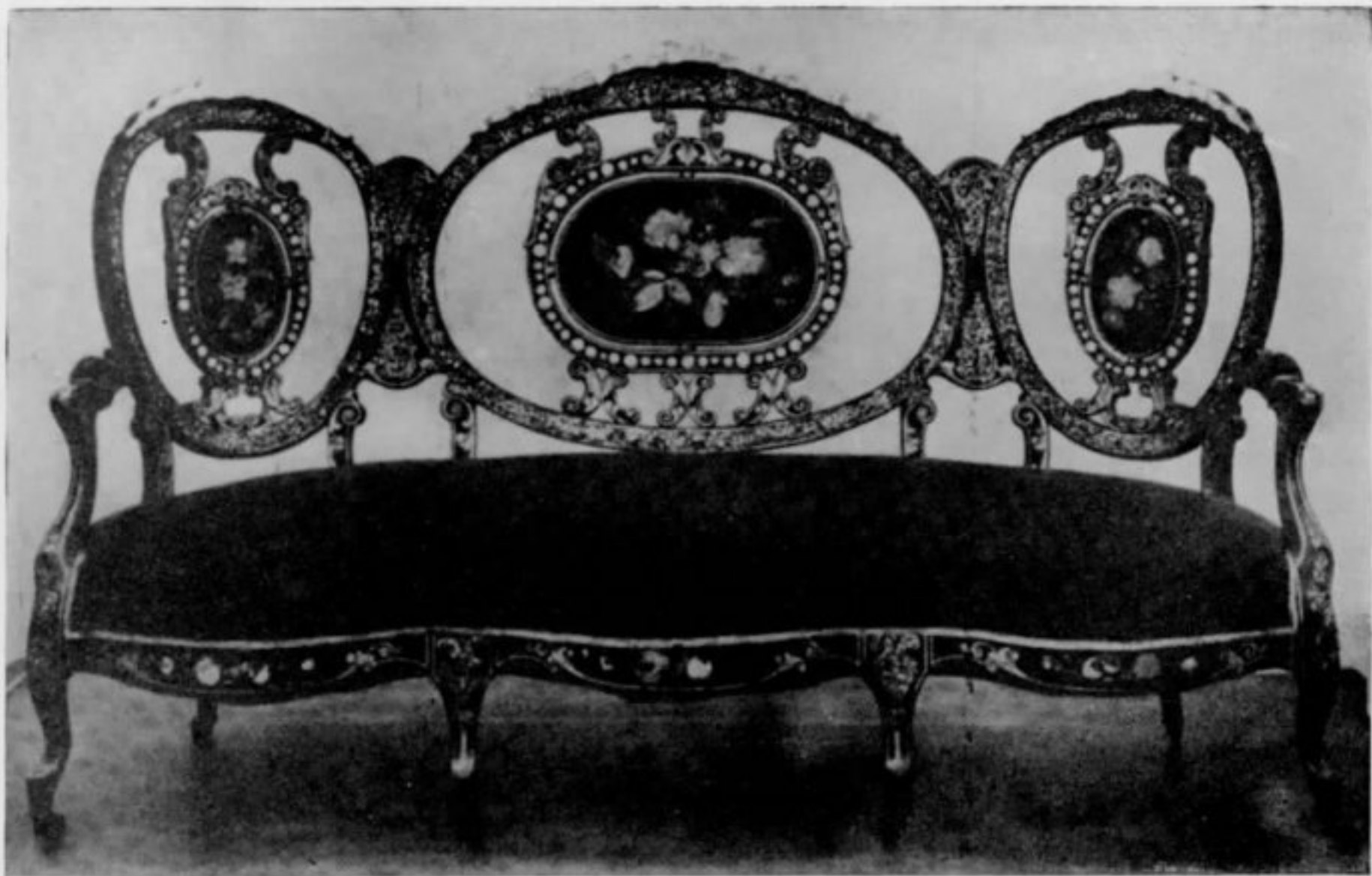
São os precursores dos móveis vitorianos do século XIX, que representaram o mobiliário moderno de então por sua perfeita adaptação ao conforto da vida cotidiana. (9)

Surgem êles na época de Luiz Felipe de França, coincidindo com a substituição do fabrico manual pelo mecânico. É notória a abundância de escultura e talha que dominam inteiramente a forma dos móveis.

Recebem também as influências das formas barrocas, néo-rococó e incrustações de madrepérola ou marfim. E um

(8) Corresponde aos estilos Diretório, Império e Restauração franceses durante as épocas de George III e George IV da Inglaterra.

(9) Os móveis vitorianos são os móveis ingleses do extenso reinado da Rainha Vitória (1835-1901). O estilo vitoriano pode ser dividido em três fases: a 1.^a que vai de 1835 a 1851, a 2.^a de 1851 a 1867 e a 3.^a de 1867 em diante. Não há dúvida nenhuma que na primeira fase desse estilo houve grande confusão, dado o maneirismo em que tinha caído o estilo Regency, terminando vulgarmente. Portanto era natural que refletisse ainda essa época caótica de toda a Europa. Foi marcada por duas características: ênfase da escultura e obra de talha; o aparecimento de novos meios para o progresso da fabricação de móveis. A obra de talha que cobria quase inteiramente o móvel, era mecânica e não manual. Surgiram novos produtos plásticos que substituíam a escultura em madeira da ornamentação do mobiliário — a massa (guta-percha) que era aposta. A 2.^a fase desse estilo se caracteriza por um repúdio completo às linhas barrocas ou rococó; pelo uso de madeiras pesadas, pela continuação da ênfase ornamental e uniformidade e consistência de estilo. Na 3.^a fase: influência das artes decorativas que vai criar a Arte Nova. Inspiram-se então na arte arquitetural gótica e depois renascentista.



Fot. n.º 1 — Sofá existente no Vitoria & Albert Museum, com pinturas, aplicações de madrepérola e "papier-mâché"

nôvo tipo de móvel vai constituir peça típica, embora seus exemplares sejam raros. (10)

O Oriente influenciou sempre nos estilos antigos, porém modificado por um sentimento criador ou típico local. No século XIX essa cópia era servil, dando uma falsa impressão da cultura oriental.

A influência rococó recaía sobretudo na forma do móvel e na decoração. Não foi uma influência uniforme e continuada porque cada um dêsses estilos a saber: Luiz Felipe, Napoleão III e a 1.^a fase da Rainha Vitória, reunia o gótico, o renascimento e o barroco.

Só a rainha Vitória, na 2.^a fase de sua época soube tirar proveito do estilo dominante, transformando e adaptando o móvel ao gosto confortável do momento, tomando então suas formas uma característica mais definida.

Não é de admirar portanto que os móveis néo-rococó não tenham tido uma dominância absoluta na época. Existiam apenas.

O Brasil recebeu também, de maneira mais modesta, a influência dos estilos dominantes no século XIX, algumas vezes de origem francesa e a maior parte de origem inglesa. Tendo em vista a influência romântica nos nossos móveis, é de se notar a raridade que constituem as peças néo-rococó no Museu Histórico Nacional.

São dois apenas os conjuntos de móveis néo-rococó de caráter histórico nas suas coleções. Pertenceu um ao Barão de Mamoré (11) e o outro ao Duque de Caxias. (12) Do

(10) Na Inglaterra surgiu a massa moldável feita de papelão e era aplicada nos móveis néo-rococó envernizados e com aplicações de madrepérola. Não teve influência real no mobiliário vitoriano. No entanto criou uma peça típica, porém de raros exemplares. (foto n.º 1).

(11) O barão de Mamoré, Ambrósio Leitão da Cunha, nasceu no estado do Pará em 1824 e faleceu no Rio de Janeiro em 1898. Foi ministro do Império de D. Pedro II em 1885, deputado por diversas legislaturas por seu estado natal, vice-presidente do mesmo e presidente de vários outros.

(12) Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima. Nasceu no antigo Porto da Estrela em 1803 e faleceu no Rio de Janeiro em 1880. Brilhante militar, ocupou várias vezes a pasta da Guerra, tendo sido também Presidente do Conselho de Ministros. É o patrono do Exército Brasileiro.

primeiro são duas cadeiras de braço da época Napoleão III. Assento de palhinha, têm as costas codiformes vasadas, ornamentadas de arabescos dourados, incrustações de madrepérula e flores pintadas sobre nácar num ramo central. (13) Pelo estilo do móvel as incrustações deveriam se prolongar pelos braços, barra, travessa e perna. O uso, e naturalmente as “antigas restaurações” fizeram desaparecer as incrustações da travessa frontal da cadeira e barra, restando apenas as do arremate das pernas.

Como os demais móveis da época Luiz Felipe e Napoleão III, as madeiras eram escuras. Ora, o uso prolongado e as sucessivas camadas de verniz para conservar o brilho, encobriram a ornamentação romântica tão em voga na 1.^a e 2.^a metade do século XIX. Estando a nosso cuidado, resolvemos fazer um trabalho de recuperação nessas peças. Uma vez desinfetadas contra o cupim, fizemos uma limpeza meticulosa e assim, embora com a pintura ressecada pelos maus tratos, conseguimos ter uma noção de como seriam na época em que ornamentavam a residência do Barão de Mamoré. (14) (Fot. ns. 2 e 3)

O conjunto que pertenceu ao Duque de Caxias corresponde à mesma época. É um néo-rococó de influência oriental na ornamentação. Consta de um sofá tipo “veilleuse”, (15) duas cadeiras de braços e uma simples. Ornamentos

(13) Com Luiz Felipe já existiam os móveis negros, pintados com dourados, flôres coloridas, alguns com incrustações de madrepérula. Sob Napoleão III, ao lado do Luiz XV, do capitonado e do pseudo-Bouille, surgem essas cadeiras leves de formas vasadas e profundamente ornamentadas. Aparecem também as cadeiras fabricadas com a pasta de papel (*papier-mâché*), que, envernizadas recebem o mesmo tipo de ornamento. Há exemplares com assentos forrados de crina, reps., veludo ou palhinha. Podiam ter travessa ou não. (Ver desenhos 1, 2, 3 e 4).

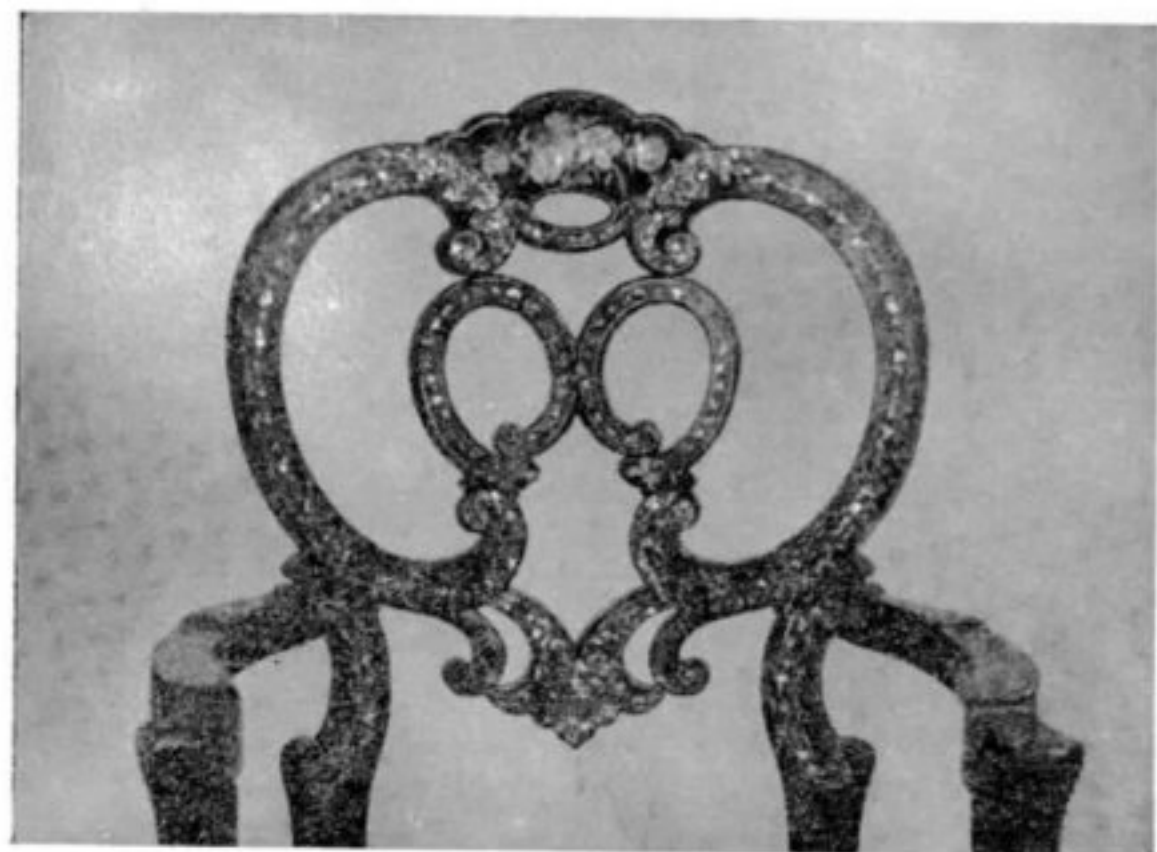
(14) O Barão de Mamoré residia em Laranjeiras à Rua Cosme Velho 21. Apesar de ter havido na época muitos fabricantes de móveis “ao gosto moderno”, acreditamos no entanto terem estes sido importados. Havia firmas no Brasil que eram filiais de outras francesas e outras ainda que se dedicavam à importação de mobiliários e acessórios.

(15) Vveilleuse — Tipo de sofá ou cama de repouso cujos braços de altura desigual, são ligados por um encosto inclinado. A veilleuse foi muito usada no século XVIII seguida da meridiana no princípio do século XIX até 1830. O presente exemplar tem apenas encosto de um só lado e cuja forma rococó se termina bruscamente. É de

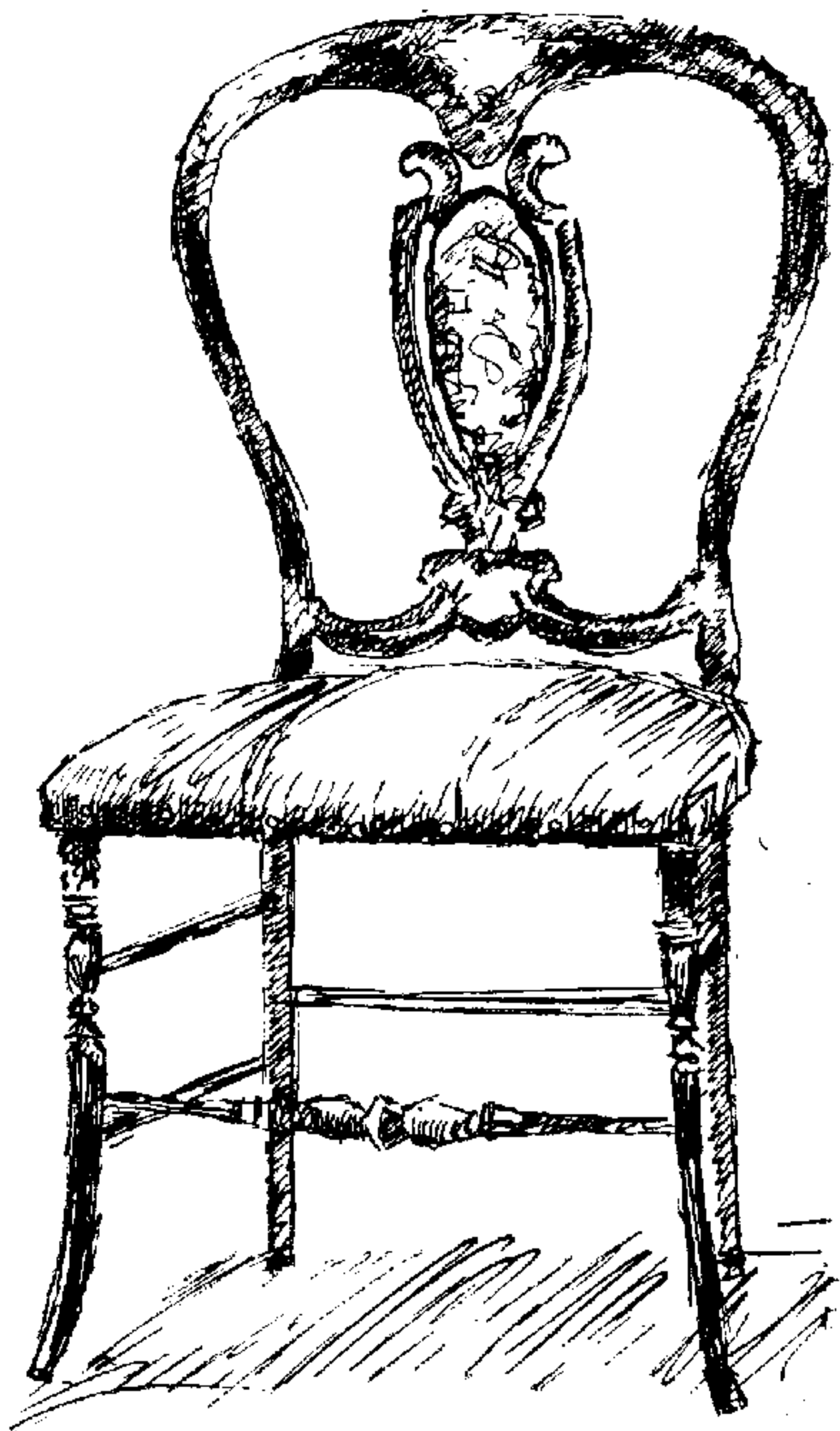


Fot. n.º 2 — Cadeira do Barão de Mamoré. Madeira preta pintada com incrustações de madrepérola, encobertas pelas camadas de verniz e óleo.

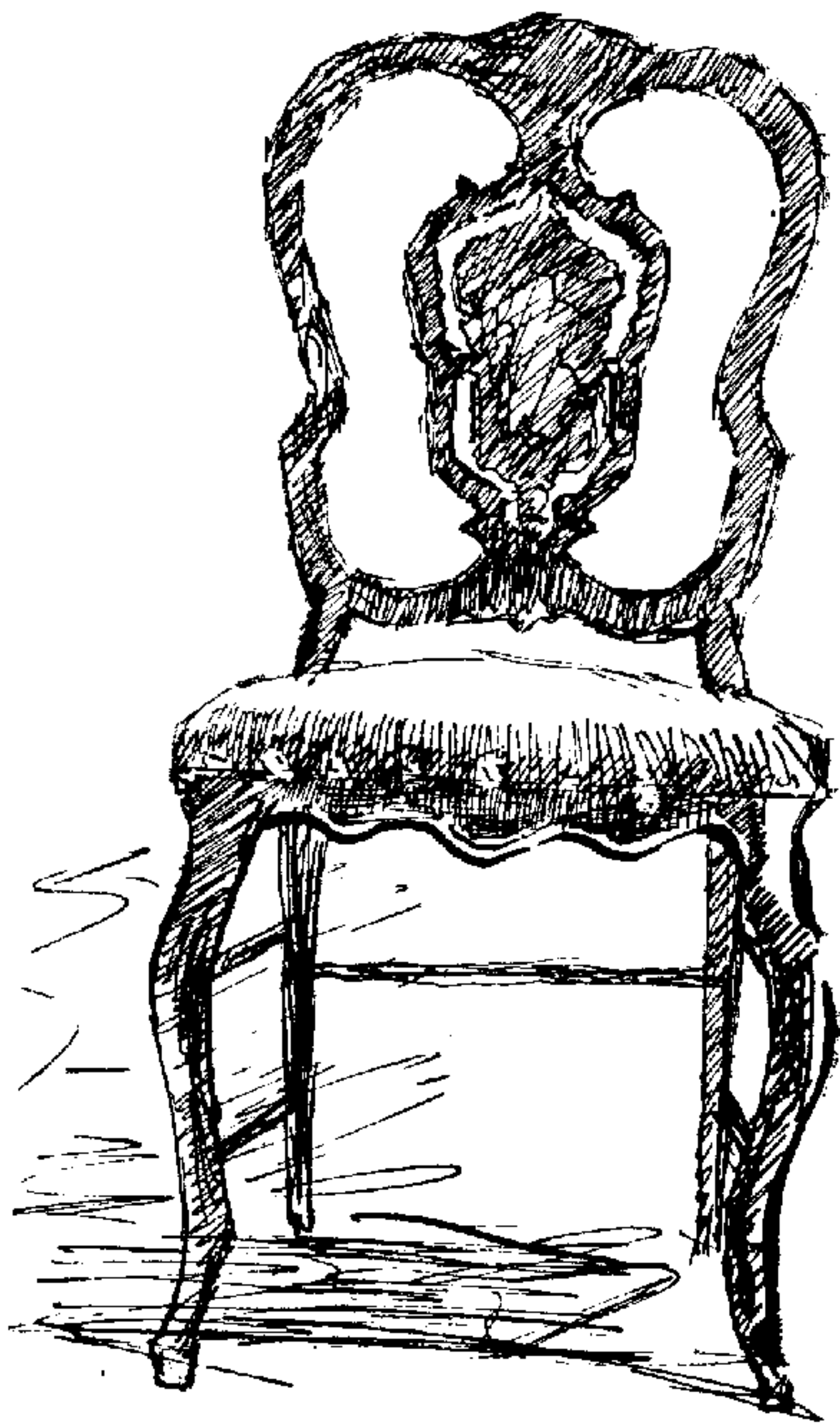
(Col. do Museu Histórico Nacional)



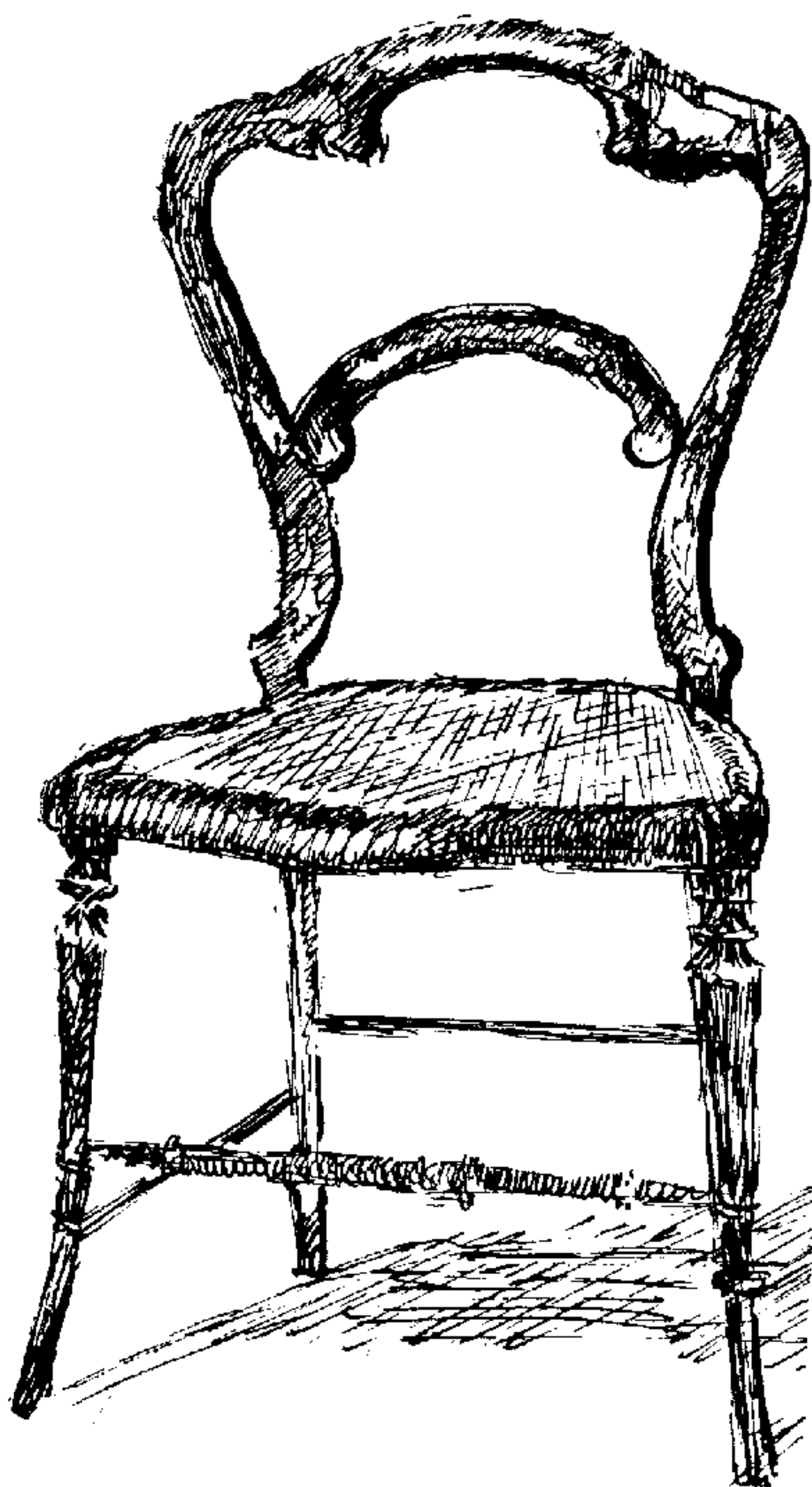
Fot. n.º 3 — Uma das cadeiras do Barão de Mamoré, já parcialmente recuperada.
(Col. do Museu Histórico Nacional)



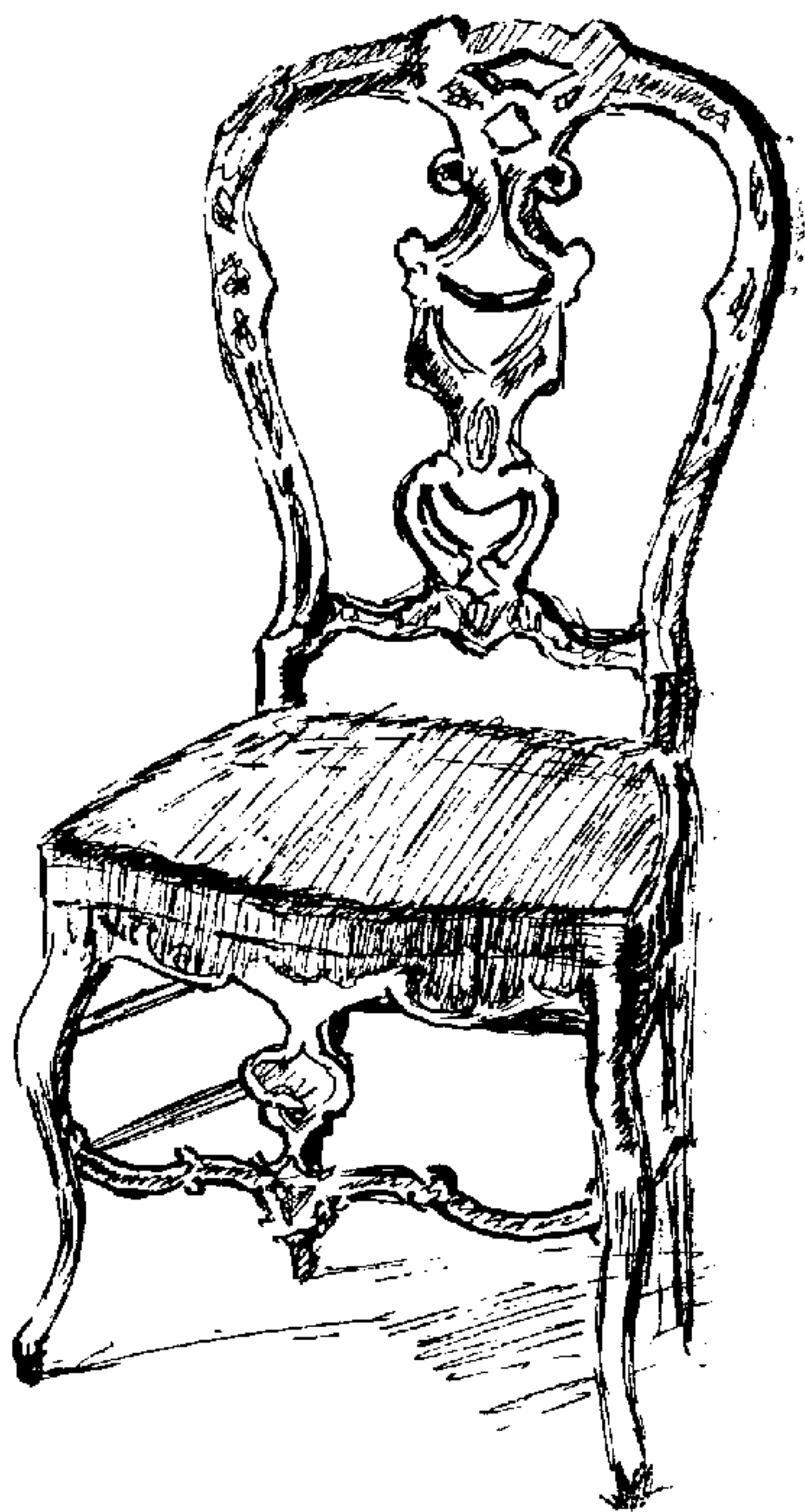
*Desenho n.º 1 — Cadeira francesa da
época Napoleão III, com flores, incrus-
tações de madrepérola e dourados. As-
sento estofado.*



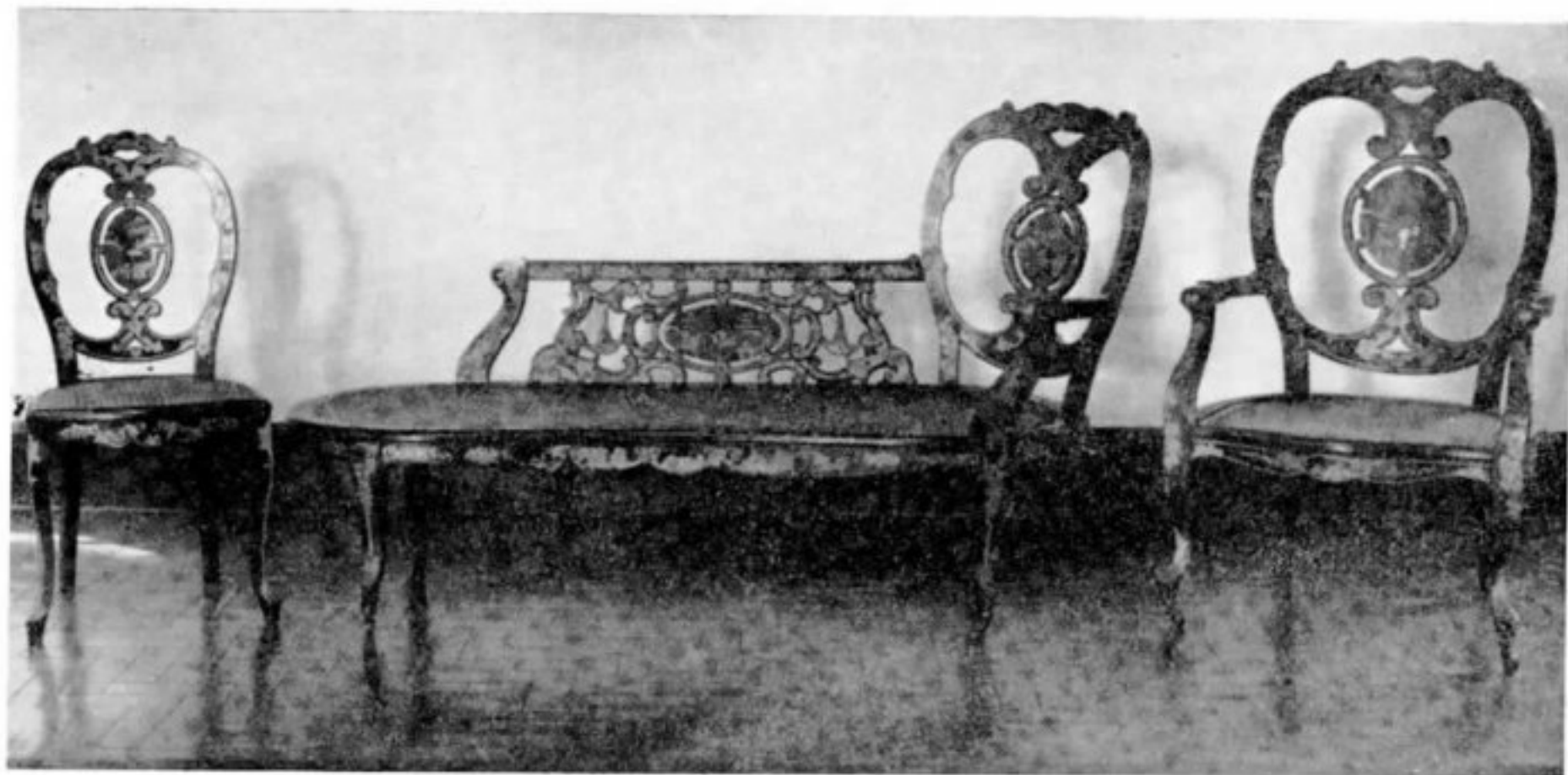
Desenho n.º 2 — Cadeira francesa da época Napoleão III, com flores, incrustações de madrepérola, e dourados. Assento estofado.



Desenho n.º 3 — Cadeirinha da época romântica, com assento de palhinha, com pinturas em cores, dourado e incrustações.



Desenho n.º 4 — Da mesma época esta cadeira pintada de dourado com paisagens e incrustações de madrepérola.



Fot. n.º 4 — Peças do grupo pertencente ao Duque de Caxias. Neste caso não há incrustação de madreperla. É pintura dourada com aplicações de marfim.

com motivos orientais pintados em dourado sôbre a madeira pintada de preto: volutas, árvores, paisagens. As figurinhas chinesas têm o rosto de marfim aplicado. Acontece o mesmo com êsse conjunto. As limpezas sucessivas e o uso encobrem completamente as aplicações de marfim e os ornamentos dourados.

É nosso propósito, dentro em breve, limparmos e restituir tanto quanto possível, a decoração primitiva ao mobiliário.

A tradição da família do Duque de Caxias, diz que, no seu gabinete de trabalho particular, gostava o Duque, nas horas de lazer, de escorregar seu corpo, apoiando-o nos calcanhares e ficar assim em posição “transversal-obliqua” se possível, numa de suas cadeiras de braço, encostando a cabeça no medalhão central, que por isso é mais gasto que nas demais peças.

Apresentamos além das peças do mobiliário por nós estudados, desenhos e fotografias de exemplares do mesmo tipo, francêses e inglêses.

Êsse tipo de mobiliário do século XIX, outrora tão desprezado, faz no entanto a felicidade de muitos colecionadores e decoradores do século XX.

Um acaso, uma experiência unida à propriedade e gosto na arrumação, fizeram descobrir que os móveis da época Napoleão III, são peças que se adaptam admiravelmente ao ambiente moderno.

Em aposento agradavelmente forrado ou pintado de côres suáves, com guarnições alegres, as cadeirinhas leves Napoleão III dão um toque de bom gosto e encantamento.

se notar o pesado da fôrma dos encostos das cadeiras de braço e do sofá, em comparação com a cadeirinha simples do mesmo conjunto. Os pés são dotados de rodízios. As pernas do sofá no lado do encosto, são colocadas obliquamente, lembrando a fôrma de pata de animal, em posição de marcha, dos primitivos leitos egípcios.

“MACHADO DE ASSIS E O JÔGO DE XADREZ”

HERCULANO GOMES MATHIAS

Chefe da Divisão de Documentação e Divulgação

“Meu bom xadrez, meu querido xadrez...
“Tudo pode ser, contanto que me salvem o xadrez”.
Machado de Assis — “A Semana” — 12-1-1896 —
Vol. 3 — pag. 84.

“...diria à bela Miranda que jogasse comigo o
xadrez, um jôgo delicioso, por Deus!”
Machado de Assis — “A Semana” — 25-2-1894 —
Vol. 2 — pag. 30.

“Enfim, uma era nova parecia surgir para o xadrez
nacional, quase moribundo, após os dias brilhantes de
Caldas Vianna, Arthur Napoleão, Machado de Assis e
outros”.

Eurico Penteado — “Xadrez Elementar” — Intro-
dução — São Paulo — 1927.

Machado de Assis foi um apaixonado do jôgo de xadrez. Seu interêsse por êste divertimento levou-o a ocupar posição destacada nos círculos enxadrísticos do tempo do Império. Mantinha correspondência com as seções especializadas dos periódicos da época; compunha problemas e enigmas, e, indo mais além, participou do primeiro torneio de xadrez efetuado no Brasil.

É provável que sua iniciação no jôgo tenha sido fruto da influência de Arthur Napoleão, o grande pianista português, que enfrentara em Nova York, aos dezesseis anos de idade, em partida de exibição, o famoso campeão do mundo, Paul Charles Morphy. O virtuose luso radicara-se no Rio de Janeiro, e, de volta de uma de suas viagens à Europa, acompanhara ao Brasil Carolina Xavier de Novais, futura

(1) Machado de Assis dedicou a Arthur Napoleão uma de suas crônicas, publicada em “O FUTURO”, de 15-9-1862 — in “CRÔNICAS” 1.º volume — págs. 318-319 — Ed. Jackson — Rio — 1938:

“Falemos agora de Arthur Napoleão, que acaba de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1857, aquêle prodigioso me-

«esposa de Machado, de cujo casamento viria a ser uma das testemunhas. (¹)

Coincide, de fato, essa fase enxadrística do romancista com a presença do grande pianista na Côrte. O primeiro torneio de xadrez, realizado em 1880, com a participação dos seis mais destacados amadores residentes no Rio, teve como local da disputa a residência de Arthur Napoleão, na Rua Marquês de Abrantes.

Em 1868 já freqüentava Machado de Assis o Club Fluminense, com a finalidade de jogar xadrez, conforme confessa em uma de suas crônicas reunidas na coleção de "A Semana". (²) Anos mais tarde praticava no Grêmio de

nino inspirou verdadeiro entusiasmo nesta côrte, onde acabara de chegar cercado pela auréola de uma reputação. Criança ainda, o prestígio dos tenros anos dava ao seu talento realce maior. Com êle acontecera o mesmo que com Mozart, de quem diz um escriptor, aludindo à primeira manifestação do talento na idade pueril: — "C'est ainsi que Mozart apprit la musique, comme en se jouant, ou plutôt la musique se reveillait dans son âme avec le sentiment de la vie." Desde os primeiros anos, Arthur revelou-se, e desde logo começou para êle essa série não interrompida de triunfos de que se tem composto a sua existência".

"Os amigos e patrícios poderiam desconfiar do seu entusiasmo, e indagar entre si se êle não era efeito de um amor sem exame nem reserva, ou pela interessante criança, ou pelo patrício artista. Essa dúvida, se alguma vez se apresentou nos espíritos dos patrícios e os amigos, dissipou-se sem dúvida quando Arthur Napoleão, entrando nos grandes centros da arte e dos artistas, recebeu dêles a confirmação solene do batismo da pátria."

"Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na glória e no talento; de cidade em cidade, a sua viagem foi um triunfo não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delícias de Cápuia; estudou viajando, e buscou pelo estudo a perfeição. Nem só executa inspirações alheias; tem-nas suas e as mais originais; e deve-se ao seu estro musical algumas composições esparsas de muito merecimento. Sei mesmo que Arthur Napoleão busca voar mais alto e escrever seu nome em uma obra duradoura; dois poetas inglêses deitaram mão à obra, a pedido do compositor, e cada um foi depor-lhe nas mãos um poema dramático, tirado um da comédia de Shakespeare, "Como queira", e o outro de uma novela de Fenimore Cooper."

(2) Crônica de "A SEMANA", de 6-8-1893 — A data é esclarecida pela de 24-2-1895. O Club Fluminense, que já em 1862,



Arthur Napoleão (dos Santos) — o famoso pianista e enxadrista português que iniciou Machado de Assis na prática no jogo de xadrez.

Xadrez, que funcionava em cima do Club Politécnico, na rua da Constituição n.º 47. Nesse salão realizou-se o “match” contra Arthur Napoleão, que lhe deu partido do cavalo da dama e, ainda assim, venceu a disputa por 7 a 2.

O interesse de Machado de Assis pelo jogo prolongou-se por muitos anos, conforme revelação constante da correspondência com Joaquim Nabuco que, em 1883, lhe enviava de Londres retalhos de jornais com transcrições de partidas, atendendo ao pedido que lhe fôra feito. (2)

Em 4 de janeiro de 1882 fundava-se no Rio o Club Beethoven. Sanches de Frias, em sua biografia de Arthur Napoleão, declara, erradamente, que se tratava de club de jogo, mascarado sob a proteção do nome do compositor alemão.

“Desejávamos terminar aqui a referência a uma verdadeira paixão que se abraçou encarniçadamente ao vulto do nosso protagonista. Ele, porém, ao

segundo nota da “SEMANA ILUSTRADA”, de 20-7-1862, reunia em “seus espaçosos salões a nata da sociedade da Côrte”, funcionava na Praça da Constituição (atual Tiradentes), esquina da rua do Conde (Visconde do Rio Branco). A casa, da qual P. Bertichem publicou belíssima litografia que reproduzimos, fôra construída pelo Juiz-de-Fora Agostinho Petra de Bittencourt. Vivaldo Coaracy, em suas “MEMÓRIAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO”, a págs. 113 e 116, esclarece que êsse magistrado, “exercendo as funções de Aposentador no tempo do Príncipe Regente, foi removido em 1812 para a Relação da Bahia, como Desembargador. Vendeu o prédio ao barão do Rio Seco, por quatro contos. Dos herdeiros de Rio Seco passou o vasto edifício à posse do Barão da Taquara que o alugou, mais tarde, ao Club Fluminense, que ali funcionou até 1876, quando foi adquirido para sede da Secretaria da Justiça e dos Negócios do Interior. Foi Ministério da Justiça até 1930. Atual Inspetoria de Trânsito e delegacia distrital. É um dos mais velhos, talvez o mais velho dos prédios da Praça Tiradentes”.

(3) Carta de Machado a Joaquim Nabuco — enviada do Rio de Janeiro para Londres, em 29 de maio de 1882:

“Agradeço muito os oferecimentos que me faz, e noto-os para ocasião oportuna, se a houver. Quanto aos retalhos de jornais, quando os achar merecedores da transmissão, aceito-os com muito prazer.”

A natureza desses “retalhos” é esclarecida na carta enviada por Machado a Nabuco, ainda para Londres, em 14 de abril de 1883:

“Antes de falar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. A última, um retalho de jornal, acerca da partida de xadrez, foi-me mandada à casa pelo Hilário;...”

Apud — “MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO”
— Graça Aranha — São Paulo — 1923 — págs. 105 e 106.

franzir o sobrolho, quando nos lesse, sentiria que não disséssemos, embora em resumo, que em 1880 organizou sessões, a que chama torneios, em sua própria casa, onde tomaram parte assinaladas personagens; e que em seguida fundou com o Visconde de Pirapetanga um clube do gênero, o qual acabou noutro chamado Beethoven, em 1883.

Que a sombra de um dos maiores gênios da música sinfônica, do célebre compositor alemão, não vele a face, ao constar-lhe que o seu nome serviu de título a uma casa de jôgo!

Que Arthur nos releve a facécia discordante, ao saber-se mais que êle foi o presidente do nôvo clube, estabelecido na rua do Ouvidor; que tomou parte triunfante em numerosos torneios e que até por último se tornou colaborador de seções especiais xadrezistas de diferentes jornais, incluindo o abastado "Jornal do Comércio".

"Arthur Napoleão — Sua Vida e Arte" —
Sanchez de Frias — Lisboa — 1913 — pág. 256.

Examinando alguns documentos do Club, existentes na Biblioteca Nacional, chegamos à conclusão de que se trata de exagêro do biógrafo. Na verdade, a seção de xadrez não foi instalada de início. Na descrição do Club, constante do Almanaque Laemmert de 1884, não há citação de dependências especiais para a prática daquele jôgo; nos anos seguintes é que se indica a existência de uma "sala de jogos de xadrez". A lista publicada dos sócios fundadores bem como a de sua primeira diretoria não inclui os enxadristas conhecidos na época, que só ingressaram meses depois, quando foram admitidos Arthur Napoleão, Caldas Vianna, Charles Pradez, Machado de Assis e outros. (4) É possível

(4) A primeira Diretoria do Club Beethoven tinha a seguinte composição:

Presidente — Albert Tootal.

Vice-Presidente — R. J. Kinsman Benjamin.

Secretário — Barão de Vasconcelos.

Tesoureiro — M. J. Amoroso Lima Jr.

Comissário — D. L. Lacombe.

Arquivista — Godofredo Leão Veloso.

que, daí por diante, tenham desenvolvido a seção de jogos. O próprio romancista, que passou a exercer na Diretoria funções de Bibliotecário, ao descrever o Club Beethoven, não mencionou a palavra “xadrez”. “Esse Club (Beethoven) era uma sociedade restrita, que fazia os seus saraus íntimos, em uma casa do Catete, nada se sabendo cá fora senão o raro que os jornais noticiavam. Pouco a pouco se foi desenvolvendo, até que um dia mudou de sede, e foi para a Glória. Aquilo que hoje se chama profanamente Pensão Beethoven, era a casa do club. O salão do fundo, tão vasto como o da frente, servia aos concertos, e enchia-se de uma porção de homens de vária nação, vária língua, vário emprêgo, para ouvir as peças do grande mestre que

O Relatório do Club, para o ano social de 1882-1883. contém alguns esclarecimentos sôbre a sua fundação:

“O Club Beethoven foi fundado por iniciativa do nosso Vice-Presidente e Diretor de Concertos, o Sr. Robert Benjamin.”

“O Club começou a existir em 4 de janeiro de 1882, dia em que teve lugar a 1.^a Assembléia Geral, no Salão Bevilacqua. Nesse dia, pois, nasceu oficialmente o Club Beethoven, com 28 sócios fundadores.”

A introdução do jogo de xadrez no rol de suas atividades é explicada no Relatório seguinte, de 1883-1884:

“O fato de haver no Rio de Janeiro um grande número de abalizados jogadores de Xadrez, induziu a Diretoria a abrir no Club um torneio de Xadrez no qual tomaram parte não somente sócios do Club, como também todos os cavalheiros apresentados por consócios nossos. O Club ofereceu prêmios para serem disputados nesse torneio, que começou no dia 18 do corrente e que promete ser de especial interêsse para os jogadores de Xadrez.”

O “JORNAL DO COMÉRCIO”, de 3 de janeiro de 1886, dá uma nota sôbre os torneios de xadrez promovidos pelo Club Beethoven:

“Notícias — Está anunciado para principiar no dia 18 do corrente um torneio de Xadrez no Club Beethoven. O primeiro torneio dêste gênero que se efetuou no Rio de Janeiro foi em 1880; o Sr. Arthur Napoleão obteve o 1.^o prêmio e o Sr. Caldas Vianna, o 2.^o. O segundo torneio efetuou-se em 1882. Obteve o 1.^o prêmio o Sr. Caldas Vianna e o 2.^o o Sr. Dr. Carlos Pradez, hoje falecido. O Senhor Arthur Napoleão não tomou parte neste torneio. O 3.^o efetuou-se em 1884 e foi Handicap. O Sr. Caldas Vianna obteve o 1.^o prêmio e o Sr. Arthur Napoleão o 2.^o. No torneio, em 1885, não entraram os jogadores mais fortes aqui residentes. A não ser o primeiro, todos os outros têm sido organizados pelo Club Beethoven.”

dava nome ao club, e as de tantos outros, que formam com êle a galeria da arte clássica.

“O nome do club cresceu, entrou pelos ouvidos do público; êste, naturalmente, curioso, quis saber o que se passava lá dentro. Mas, não havendo público sem senhoras, e não podendo as senhoras penetrar naquêlo templo, que o não permitiam as disciplinas dêste, resolveu o club dar alguns concertos especiais no Cassino.

.....
“Mas tudo acaba, e o Club Beethoven, como outras instituições idênticas, acabou. A decadência e a dissolução puseram termo aos longos dias de delícias”.

Machado de Assis — “A Semana” — vol. 3
— 5-7-1896.

Nos torneios efetuados pelo Club, a partir de 1882, não há referências à sua participação. Teria começado a declinar o seu entusiasmo pelo xadrez? As referências ao jogo, colhidas em suas obras, vão rareando dêsse ano para a frente. No Club dos Diários, onde se jogava muito, não consta a participação de Machado de Assis, ao contrário de Caldas Vianna e de Arthur Napoleão cujos nomes constam da relação de associados.

A qualidade do jogo de Machado examinada através do estudo de suas partidas, e a facilidade com que solucionava os problemas publicados na imprensa dão-nos uma idéia lisongeira de sua fôrça como jogador. Enfrentando o mestre Arthur Napoleão, ainda que levando partido do Cavallo da Dama, conseguiu ganhar-lhe duas partidas do “match”. O pianista português era aficionado fortíssimo. Dividiu, durante muito tempo, com João Caldas Vianna, filho do Visconde de Pirapetinga, o reinado do xadrez entre nós. Publicou, em 1898, uma coleção de problemas, seus e de outros, sob o título de “Caissana Brasileira”, redigiu várias seções especializadas em revistas e no “Jornal do Commercio” e possuía uma fabulosa biblioteca de livros técnicos, em vários idiomas, incluindo obras raríssimas hoje disputadas a pêso de ouro. Para ajudar as pesquisas dos amadores publicou, em anexo ao seu livro, o catálogo minucioso dessa coleção. Já idoso continuava a compor proble-



Prédio do Club Beethoven, no Cais da Glória n.º 62, onde se disputaram quatro torneios de xadrez.

9
CLUB BEETHOVEN

FUNDADO EM JANEIRO DE 1882

ESTATUTOS
E
REGIMENTO INTERNO

RIO DE JANEIRO

Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.—Rua da Quitanda n. 115

1886

Estatutos e Regimento Interno do Club Beethoven, no qual Machado de Assis occupou o cargo de Bibliotecário.

mas, muitos dos quais podem ser apreciados em várias edições do “Almanaque Garnier”. O “Traité Manuel des Échecs”, de Henri Delaire, em sua edição de 1930, ainda transcreve uma de suas melhores composições.

Outro grande enxadrista que Machado de Assis enfrentou, de igual para igual, foi João Caldas Vianna. Este pode ser considerado o maior jogador surgido no Brasil até 1930. Uma partida sua, contra A. Silvestre, jogada no Club dos Diários, figura obrigatoriamente nos mais importantes tratados de xadrez publicados em todo o mundo. Até hoje é conhecida e praticada a Defesa Rio de Janeiro, de sua invenção, na Partida Espanhola (Ruy Lopez), variante favorita de Emanuel Lasker, campeão mundial durante 27 anos seguidos. ⁽⁵⁾

Vê-se que Machado de Assis, no que toca aos parceiros, estava em boa companhia.

A primeira parte de nossa pesquisa estendeu-se aos jornais e revistas em que figura o nome de Machado de Assis, como enxadrista.

Cronològicamente começamos pela “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” — ponto de partida de nossas informações.

(5) O Dr. João Caldas Vianna filho do Visconde de Pirapetanga, que também foi notável enxadrista, esteve em missão na Europa, na qualidade de assessor de Joaquim Nabuco. Na carta enviada por Machado de Assis ao líder abolicionista, em 31 de outubro de 1899, há uma referência digna de menção:

“Sei que V. tem passado bem, não menos que o nosso Graça Aranha, e a ambos envio de cá abraços e saudades. Ainda não estive com o Caldas Vianna, mas sei por pessoas que lhe falaram que êle veio de lá com grande pena; também eu sentiria a mesma coisa, se houvesse de tornar antes do fim.”

Graça Aranha — obra citada — pág. 114.

O “Traité Complet d'Échecs” — de André Chéron — Bruxelles — 1927 — ao analisar a Partida Espanhola (Ruy Lopez — faz a seguinte apreciação: (pág. 390)

“Voici maintenant les grandes lignes de la défense préférée d'Em.Lasker: 3. ... Cg8-f6; 4. O-O!, Cf6 x é 4; 5. d2-d4, Ff8-é7; 6. Ddl-e2!, Cé4-d6; 7. Fb5 x c6, b7 x c6; 8. d4 x é5, Cd6-b7; 9. Cbl-c3, 0-0; 10. Tfl-él, Cb7-c5 (les Blancs empêchent d7-d5, les Noirs cherchent à le rendre possible); 11. Cf3-d4, Cc5-é6; 12. Fel-é3, Cé6 x d4; 13. Fé3 x d4; c6-c5! (Caldas Vianna); etc.”

A seção especializada, redigida por Arthur Napoleão, surgiu no n.º 15, de 1 de fevereiro de 1877 e a primeira citação do nome de Machado vem no n.º 16, de 15 do mesmo mês. Em abril de 1878 deixou de sair a “Ilustração Brasileira”.

Arthur Napoleão, associado a Leopoldo Miguez, também grande amador do xadrez, passa a editar, em 1879, a “REVISTA MUSICAL E DE BELAS ARTES”. Cedendo ao impulso natural de sua paixão pelo jogo redige, a partir do n.º 18, de 3 de maio de 1879, a seção competente, na qual Machado de Assis voltará a ser citado desde o n.º 36, de 6 de setembro de 1879, em diante.

Com o desaparecimento dessa revista, em 1880, decorreram alguns anos sem menção de noticiário especializado regular na imprensa carioca. Em 1886, o “Jornal do Comércio” começou a publicar, aos domingos, uma coluna sob a responsabilidade do obstinado Arthur Napoleão. Não conseguimos, infelizmente, obter qualquer referência às atividades enxadrísticas de Machado de Assis nessa fase. Num retrospecto dos torneios de xadrez, publicados pelo referido jornal em sua edição de 3 de janeiro de 1886, não há menção à participação de Machado entre os disputantes. Os solucionistas dos problemas são, via de regra, os mesmos que enviavam correspondência para as seções da “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” e da “REVISTA MUSICAL E DE BELAS ARTES”; estranhamente não figura entre eles o nome de Machado de Assis. Estaria desinteressado pelo jogo nessa ocasião ou seu nome viria disfarçado sob algum pseudônimo, dos vários remetidos semanalmente para o jornal?

De 1892 a 1896 saíram as crônicas de “A SEMANA” e, em 1898, Arthur Napoleão publicou a “CAISSANA BRASILEIRA”, onde se encontra, sob o n.º 17, na página 11, um problema da autoria de Machado de Assis, que já havia figurado na “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”, de 15 de junho de 1877.

Esta constitui, cronologicamente, a última referência enxadrística que encontramos sobre o romancista, publicada quando este ainda era vivo.

Na segunda parte transcrevemos as passagens dos escritos de Machado de Assis, com referências expressas ao jogo de xadrez. Data, a primeira, de 1864, o que vem corroborar a suposição de que Arthur Napoleão tenha sido o professor do romancista, e a última, de 1896. Colhemos os



Tabuleiro de xadrez que pertenceu a Machado de Assis

(Cortesia do Marechal Estêvão Leitão de Carvalho)

dados em tôdas as suas obras, inclusive nos volumes publicados ultimamente por Raymundo Magalhães Júnior, e numa parte da correspondência publicada. Ainda que não se possa chamar de abundante o material colhido, nota-se, contudo, um apreciável halo de simpatia pelo jogo e seus praticantes.

Encerrando, apresentamos algumas fotografias que nos pareceram dignas de publicação. Entre elas, a de um tabuleiro artístico de xadrez que pertenceu a Machado de Assis, hoje na posse do Marechal Estevão Leitão de Carvalho. Seguem-se as reproduções dos diagramas de três problemas, dois da autoria de Machado e um a êle dedicado, e os fac-símiles de 2 partidas contra Arthur Napoleão e Charles Pradez, respectivamente, tendo o romancista perdido a primeira e ganho a segunda.

Queremos registrar um agradecimento ao Dr. Plínio Doyle, pela oferta da coleção completa do "Boletim da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis", em cujo número de setembro de 1958 figura um seu trabalho sob o título: "Machado de Assis, jogador de Xadrez" (págs. 22 e 23).

Incluimos, também, os retratos de Arthur Napoleão e de Machado na época de sua maior convivência enxadrística e algumas fotos relativas ao famoso Club Fluminense.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1962.

I — DOCUMENTAÇÃO SOBRE O JOGADOR E O PROBLEMISTA

a) "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA" — editada por C. e H. Fleiuss — N.º 1, em 1 de julho de 1876.

A seção de Xadrez -- primeira publicada no Brasil — sob a responsabilidade de Arthur Napoleão, teve início no n.º 15, de 1-2-1877. Os números em que aparece o nome de Machado de Assis são os seguintes:

N.º 16 — de 15-2-1877 — "Recebemos as seguintes soluções exatas do problema I: Srs. Machado de Assis e A. de M."
"Solucionadores do enigma I — Srs. Machado de Assis, L. Miguez, A. de M., P. de Carvalho, Annibal Napoleão e R. Macedo."

N.º 17 — de 1-3-1877 — “Solução correta do problema n.º 2 — Srs. L. Miguez, Machado de Assis, Annibal Napoleão, P. M. de Carvalho, A. de Melo, P. S. T. e X. Y.”

N.º 18 — de 15-3-1877 — “Soluções corretas do enigma n.º 2 — L. Miguez, Machado de Assis, M. de Carvalho, A. de Melo, X. Y”.

“Solucionadores do enigma n.º 3 — L. Miguez, Machado de Assis, A. de Melo e Y. Z.”

N.º 19 — de 1-4-1877 — “Soluções corretas do problema n.º 4 — Annibal Napoleão, L. Miguez, Machado de Assis, A. de Melo, P. de Carvalho e Y. Z.”

N.º 21 — de 1-5-1877 — Anuncia a fundação do Grêmio de Xadrez, que funcionará, às sextas-feiras, no edifício do Club Politécnico. Machado de Assis faz referência expressa a êsse club em sua crônica publicada na “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”, de 1 de junho dêsse ano. V. transcrição no fim.

N.º 22 — de 15-5-1877 — “Solução do problema n.º 6 — Machado de Assis, L. Miguez, Black, W. Smith e P. de Carvalho.”

“Soluções corretas do problema n.º 7 — Mackensie, L. Miguez, P. de Carvalho, Machado de Assis, Annibal Napoleão, Black e W. Smith.”

N.º 24 — de 15-6-1877 — “Soluções recebidas do problema n.º 9 — Machado de Assis, Miguez, Smith, A. de Melo, Cyriaco de Cardoso e Y. Z.”.

“GRÊMIO DE XADREZ” — O match que está sendo efetuado atualmente, é o dos Srs. Machado de Assis e Arthur Napoleão, dando êste ao primeiro o cavalo da rainha. Até esta data o Sr. Arthur Napoleão tem ganho 4 partidas e o Sr. Machado de Assis, 2. As condições são que o primeiro que ganhar 7 partidas será considerado vencedor.”

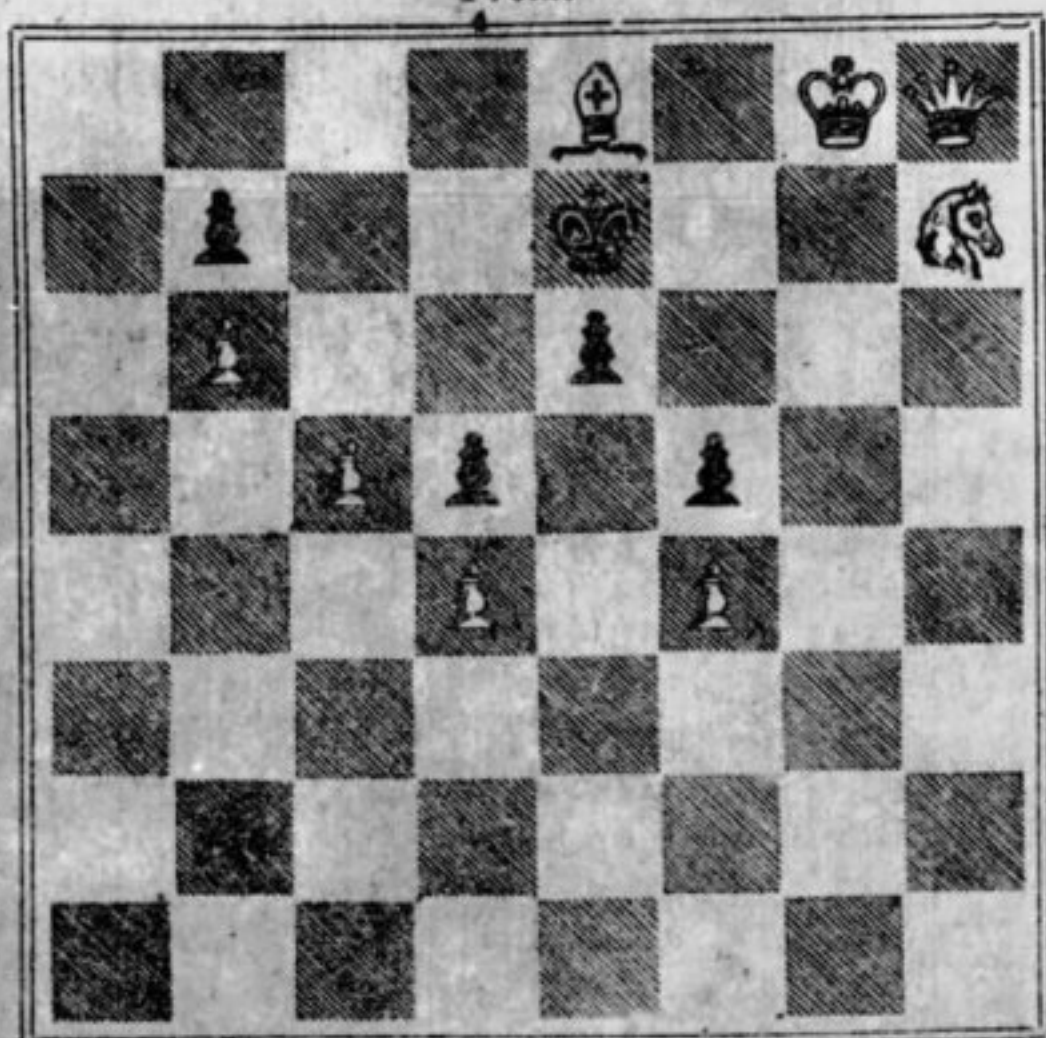
N.º 24 — de 15-6-1877 — Insere o seguinte problema composto por Machado de Assis:

N.º 25 — de 1-7-1877 — “Notícias — O match entre os senhores Machado de Assis e Arthur Napoleão dando êste o cavalo da rainha, terminou ganhando o senhor Arthur Napoleão 7 partidas e o sr. Machado de Assis, 2. Conformando-nos com o pedido de alguns amadores publicaremos algumas das partidas jogadas.”

PROBLEMA 10

(POR MACHADO DE ASSIS)

Pretas



Branças

As brancas jogam e dão mate em 2 lances.

Branças

As brancas sahem e dão mate em 2 jogadas.

1ª Partida no *match* entre os Srs. Machado de Assis e Arthur Napoleão, dando este o cavallo da rainha.

(Remova-se o C. D. das brancas.)

GAMBIT DO REI

Branças. A. Napoleão.

1. P. 4 R.
2. P. 4 BR.
3. C. 3 BR.
4. B. 4 B.
5. P. 4 D.
6. Roque.
7. D×P.
8. R. 1 T.
9. B×P.
10. B. 5 R (c)
11. B×B.
12. D. 3 CD.
13. B×CR.
14. B. 5 D.
15. B. 3 BD.
16. D×PC.
17. D. 6 BD.
18. B×PBR.
19. B×D.
20. B×PD.

Pretas. M. de Assis.

1. P. 4 R.
2. P×P.
3. P. 4 CR.
4. B. 2 C.
5. P. 5 C (a)
6. P×C.
7. B×P. (ch.)
8. P. 3 D.
9. P. 4 TR. (b)
10. P. 3 BR.
11. BD. 5 C.
12. CD. 2 D. (d)
13. D. 2 R.
14. P. 4 BD. (e)
15. P. 4 TD. (f)
16. T. 1 CD.
17. B. 7 R.
18. B. 4 CD.
19. B×D.

Depois de algumas jogadas mais, as pretas renderam-se.

(a) Esta jogada transforma a abertura n'uma especie de Gambit de Muzio.

(b) Para evitar a jogada das brancas D. 5 TR., porém era melhor D. 3 B.

(c) Bem jogado.

(d) Não é bom, mas é difficil dizer o que seria melhor.

(e) P. 3 BD. era peor.

(f) Devia antes ter jogado C. 4 R. Em todo o caso o jogo das pretas esta muito critico.

- N.º 41 — 11-10-1879 — “Soluções do problema n.º 23 — Srs. Smith, Machado de Assis, Eichbaum e Y. Z.”
- N.º 43 — de 25-10-1879 — “Soluções do problema n.º 25 — Srs. Palamedes, Eichbaum, Machado de Assis, C. Vianna, Smith, Dr. Lucindo e Stamma.”
- N.º 44 — de 1-11-1879 — “Soluções do problema n.º 26 — Srs. Smith, Machado de Assis, Eichbaum, Dr. Lucindo e Y. Z.”
- N.º 45 — de 8-11-1879 — “Soluções do problema n.º 27 — Srs. Lúcio Palamedes, Smith e Machado de Assis.”
- N.º 2 — de 17-1-1880 — “Torneio do Xadrez — Está-se efetuando um torneio de Xadrez entre seis dos melhores amadores desta Côrte. Cada um tem a jogar 4 partidas com o outro e no resultado final será considerado vencedor o que maior número de partidas tiver ganho. A situação dos jogadores nesta data é a seguinte: Senhor Machado de Assis, 6; Arthur Napoleão, $5\frac{1}{2}$; Caldas Vianna, $4\frac{1}{2}$; C. Pradez, 4; Navarro, 1; Dr. Palhares, 1. Conforme os regulamentos hoje instituídos em tôda a parte as partidas empatadas contam meia partida a cada jogador.”
- N.º 3 — de 31-1-1880 — “Torneio do Xadrez — O estado atual do torneio é o seguinte: Arthur Napoleão, $8\frac{1}{2}$; Machado de Assis, $7\frac{1}{2}$; C. Vianna, $4\frac{1}{2}$; C. Pradez, 4; Navarro, $1\frac{1}{2}$; Dr. Palhares, 1.”
- N.º 4 — de 14-2-1880 — Publica um problema (n.º 39), da autoria de Lúcio Palamedes, dedicado a Machado de Assis. (v. diagrama no fim).
“Torneio do Xadrez — O estado atual do torneio é o seguinte: Arthur Napoleão, $9\frac{1}{2}$; C. Vianna, $9\frac{1}{2}$; Machado de Assis, $8\frac{1}{2}$; C. Pradez, 8; Navarro, $2\frac{1}{2}$; Doutor Palhares, 1.”
- N.º 5 — de 28-2-1880 — “Torneio do Xadrez — O estado atual do torneio é o seguinte: Arthur Napoleão, 11; J. Vianna, 10; Machado de Assis, $8\frac{1}{2}$; C. Pradez, 8; Navarro, $2\frac{1}{2}$ e Dr. Palhares, 1.”
- N.º 6 — de 13-3-1880 — “Torneio do Xadrez — O estado atual do torneio é o seguinte: Arthur Napoleão, 13; Caldas Vianna, 11; Machado de Assis, $8\frac{1}{2}$; C. Pradez, 8; Navarro, $2\frac{1}{2}$; Dr. Palhares, 1.”

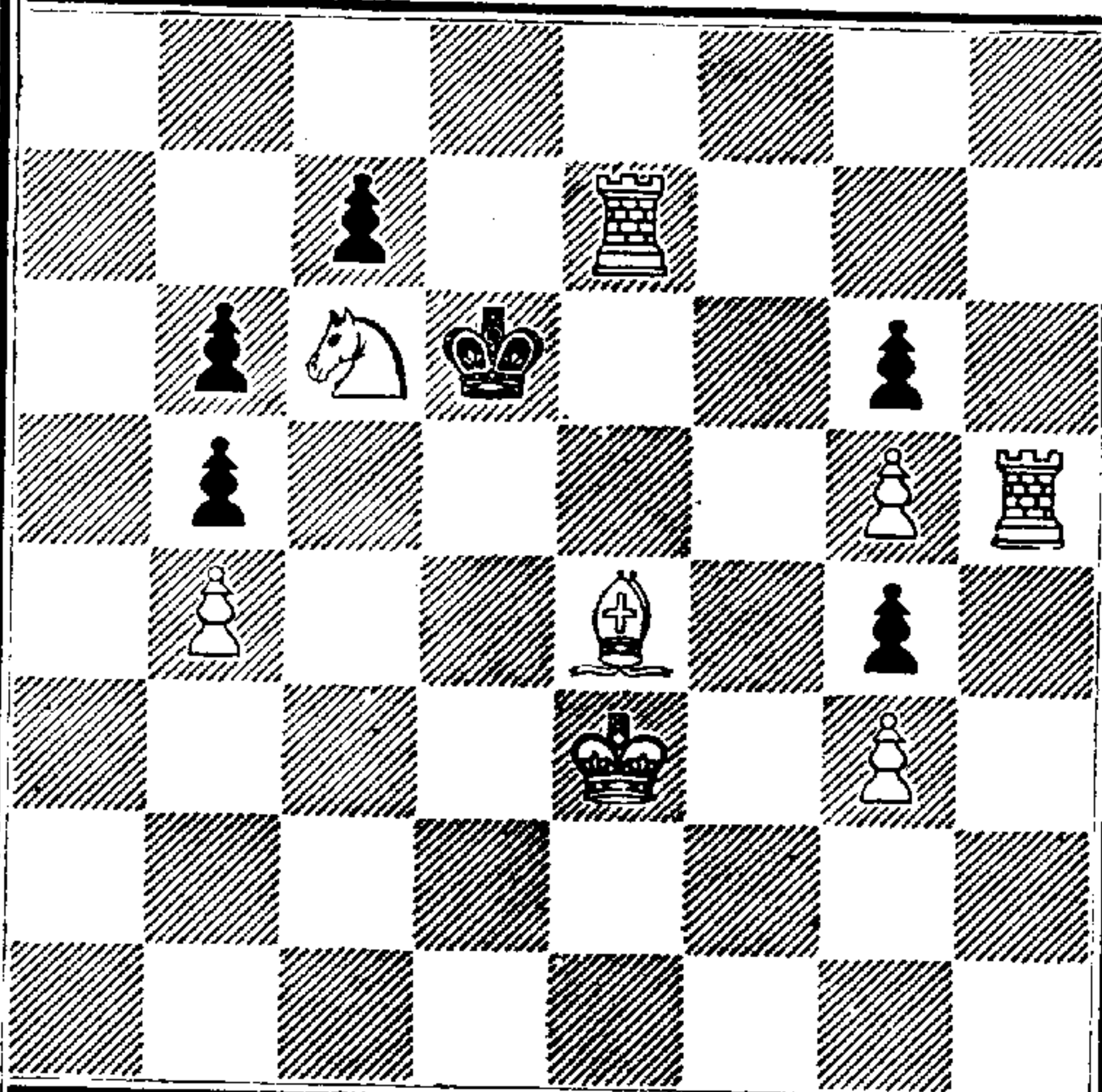
XADREZ

— PROBLEMA N 39 —

POR LUCIO PALAMEDES

(a Machado de Assis)

Pretas.



Branças.

As brancas jogam e dão mate em 4 lances.

Soluções recebidas dos Problemas ns. 37 e 38:

Lucio Palamedes.

Problema dedicado a Machado de Assis — “Revista Musical e de Belas Artes” n° 4, de 14 de fevereiro de 1880.

Torneio do xadrez

4ª PARTIDA ENTRE O. PRADEZ E MACHADO DE ASSIS

Abertura Siciliana.

Branças		Pretas			
(O. Pradez)		(M. d. Assis)			
P4R	1	P4BD	B3CD	34	D3BR
P4D	2	PXP	P4TR	35	T1OD (g)
C3BR	3	C3HD	D1D	36	T1D
CXP	4	C3BR	DXP (h)	37	P3OR
CXC	5	P0XC	D4CR	38	R2BR
B3D (a)	6	P4R	D2R	39	T1TR (i)
C3B	7	B2R	B1D	40	B1B
Roque	8	Roque	D4BD	41	B3T
P4BR (b)	9	B4BD (x)	DXP	42	B5B (j)
R1TR	10	P3D	D7B (xaque)	43	D2R (k)
C4TD	11	B5CD	DXD (xaque)	44	RXD
P3TD	12	B4TD	R3T	45	BXB
P4CD	13	B2BD	RXB	46	T1BD
PXP	14	C5CR (c)	P5C	47	TXP (L)
B4BR	15	PXP	R4C	48	T5B
B3CR	16	C6R	R3B (d)	49	T5C
D3BR	17	CXT	B2R	50	R3B
TXC	18	P4TD	R3R	51	T5D
C5BD	19	PXP	B3D	52	T3D
PXP	20	D5D (d)	R2D (m)	53	T3C
B1R	21	B3CD (e)	R3B	54	R2R
P3BD	22	D3D	R4C	55	R3D
B2BR	23	B2BD	P4CR	56	T1C
B4BD	24	D3CR	P5TR	57	PXP
B3CR	25	B3R	PXP	58	T1TR
CXB	26	PXC	R5T (n)	59	TXP
D2R	27	TXT (xaq.)	R6C	60	T8T
DXT	28	B3D	R7C	61	R4R
D1R	29	P4TR	P6C	62	T8D
P3TR	30	T6TD	B2B	63	T3D
R2TR	31	T1TD	R7B	64	TXP
D2D	32	T1D	R7D	65	R5D
D1R	33	T1R	R7R	66	T7C
			R4T	67	RXP
			RXP	68	T3C (z.) (o)
			Abandonam.		

(a) A abertura tem sido conduzida conforme mandam os mais autorizados classicos.

(b) Até aqui tinham os adversarios conduzido irreprehensivelmente, o seu jogo. N'este ponto, porém, parece-nos que a jogada das brancas é imprudente, expondo logo o seu rei ao ataque do inimigo.

(c) Excelente lance que dá ás pretas decidida vantagem. É difficil ás brancas sahir da situação em que se acham, sem perda.

(d) Ameaçando T 8 T ou D X P C etc.

(e) Ainda ameaçando ganhar o P C.

(f) Ameaçando tomar P C com B.

(g) No intuito de avançar o P B D. As brancas porém, tem sabido conduzir a sua defesa com summo cuidado.

(h) Dávidamos da sagacidade d esta jogada.

(i) As pretas aproveitam-se bem do ensejo para formar o seu plano de ataque.

(j) Este maneio do bispo preto também é digno de nota.

(k) As variantes que estudamos parecem provar que é este o melhor lance.

(l) B 3 B R teria assegurado ás brancas o empate.

(m) N'esta tentativa de ganhar a partida as brancas perdem-se.

(n) Falso calculo. As brancas pensaram poder forçar o pião a D. Se jogassem 59. B 2 R, ainda seria difficil ás pretas fazer mais do que empatar.

(o) Esta partida faz muita honra ao Sr. Machado de Assis que a jogou muito bem, e contra um parceiro como o Sr. Pradez. Talvez no seu todo seja esta uma das partidas mais bem jogadas do torneio.

N.º 7 — de 27-3-1880 — “Torneio do Xadrez — O estado atual do torneio é o seguinte: Arthur Napoleão, 14½; Caldas Vianna, 11; Machado de Assis, 10; C. Pradez, 9½; Navarro, 4 e Dr. Palhares, 1. O Sr. Arthur Napoleão jogou tôdas as suas partidas. Ao Sr. Vianna restam ainda duas. Ao Sr. Machado de Assis falta apenas uma. O Sr. Pradez tem 5 partidas a jogar; ao Sr. Dr. Palhares faltam ainda 5 e ao Sr. Navarro, 7.”

N.º 8 — de 10-4-1880 — “Torneio do Xadrez: O estado atual do torneio é o seguinte:
Arthur Napoleão — 14½ — 1.º prêmio.
Caldas Vianna — 13 — 2.º prêmio (provável).
Machado de Assis — 11.
Faltam concluir os seguintes:
C. Pradez — 9½ — 4 a jogar.
J. Navarro — 4 — 7 a jogar.
Dr. Palhares — 1 — 3 a jogar.

Nota — O Dr. Palhares foi citado nominalmente por Machado de Assis como seu adversário em partidas amistosas jogadas no Club Fluminense, em 1868 — Cf. crônica publicada em “A SEMANA” — de 6-8-1893 (v. transcrição na segunda parte).

Em artigo publicado pela revista brasileira de Xadrez — “XEQUE-MATE” — ns. 4 e 5, de abril e maio de 1925, escreveu o Dr. João Caldas Vianna sobre êsse Torneio de Xadrez o seguinte trecho:

“Já em 1880 Arthur Napoleão podia reunir em sua casa da rua Marquês de Abrantes um grupo de admiradores para um pequeno torneio, em que tomou parte Machado de Assis, a mais pura glória das letras brasileiras. Êsse torneio de família jamais terminou, mas merece ser assinalado como o primeiro ensaio de armas.” (Artigo intitulado — “Arthur Napoleão” e publicado por ocasião do falecimento do famoso pianista e enxadrista português).

N.º 10 — de 8-5-1880 — Publica a 4.ª partida entre C. Pradez e Machado de Assis jogada nesse primeiro Torneio de Xadrez no Brasil:

c) “CAISSANA BRASILEIRA” — obra enxadrística publicada em 1898 por Arthur Napoleão.

Na introdução, esclarece o autor:

“Em 1880 organizei um pequeno torneio em minha casa, em que tomaram parte os seguintes amadores, além de minha própria pessoa: Doutor Caldas Vianna, C. Pradez, Dr. Machado de Assis, Joaquim Navarro e Dr. J. Palhares.” (fls. III)

fl. IX — “Assim como Alfred de Musset, também o nosso Machado de Assis compôs um bonito 2 lances” — Trata-se de um problema de xadrez — da autoria de Machado — que figura a fls. 11, sob o n.º 17, na obra publicada por Arthur Napoleão. É o mesmo que já havia sido apresentado pela “Ilustração Brasileira”, em seu número de 15-6 de 1877. (v. diagrama na parte final)

II — REFERÊNCIAS AO JOGO DE XADREZ NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

1864

“QUESTÃO DE VAIDADE” — conto — in “HISTÓRIAS ROMÂNTICAS” — Edição Jackson — Rio — 1938.

Pg. 30 — “Era, com efeito, um grande jogador de xadrez o tio Silvério. Por desgraça, Eduardo não o era menos de modo que mal se anunciou a visita deste, correu Silvério para a porta com os braços abertos.”

Pg. 33 — “E contudo êste moço joga bem o xadrez!

A palavra *xadrez* fez estremecer Eduardo. Era o sinal de um perigo iminente. Todavia, como fino acavalheiro que era, ofereceu o braço a Sara, e seguiu acompanhado de todos para a mesa do jantar.”

Pg. 35 — “Eduardo viu-se obrigado a aceitar a partida de xadrez. Para a filha de Almeida era isto uma grande felicidade.”

Pg. 36 — “Quando Eduardo declarou aceitar a partida de xadrez a moça sentiu que o coração lhe palpitava com mais fôrça. Ela própria foi dispor o necessário para o jogo, não sem levantar muitas vêzes os olhos para Eduardo, cujo olhar, pregado nela, exercia uma fascinação.”

Pg. 36 — “O jogo deu-se por terminado à meia-noite. Apenas tinham jogado duas partidas, em que Silvério ga-

nhou sempre. Isto por que êle não estava apaixonado, e Eduardo, se não o estava, acreditava estar.”

Pg. 50 — “Mandou entrar e daí a pouco o valente jogador de xadrez aparecia à porta, com ar risonho e gesto afetuoso.”

1866

“ASTÚCIAS DE MARIDO” — conto — in “CONTOS RECOLHIDOS”, publicados por R. Magalhães Júnior — Rio — 1956.

Pg. 138 — “O pai de Clarinha era doido pelo xadrez e não via salvação fora do partido conservador; Valentim fustigava os liberais e acompanhava o velho na estratégia do rei e dos elefantes.”

Pg. 139 — “Dêste modo, concordando em tudo, nas opiniões como nas paixões, — apesar das pesadas obrigações de jogar o xadrez e ouvir a velha e as histórias do outro tempo, — Valentim conseguiu na casa de Clarinha uma posição proeminente.”

1867

“HISTÓRIA DE UMA LÁGRIMA” — conto — in “CONTOS SEM DATA” — publicados por R. Magalhães Jr. — Civilização Brasileira — Rio — 1956.

Pg. 90 — “O major jogava o xadrez com Valadares; o poeta recitava versos; Elisa enchia tudo com a sua graça e as suas palavras.”

1872

“RUI DE LEÃO” — conto — in “CONTOS RECOLHIDOS” — publicados por R. Magalhães Jr. — Civilização Brasileira — Rio — 1956.

Pr. 103 — “Depois de estudar tudo e tudo ver; depois de passear pelas várias partes do mundo, sem encontrar novidade que lhe divertisse o ânimo; depois de ser assíduo espectador de tudo quanto pudesse despertar a curiosidade de um homem enfadado como, por exemplo, o homem de botas de cortiça, o boneco jogador de xadrez e outros, determinou Rui de Leão voltar ao Brasil nos princípios dêste século ali pelos anos de mil oitocentos e tantos, estando ainda cá o rei.”

“QUAL DOS DOIS” — conto — in “HISTÓRIAS ROMÂNTICAS” — Edição Jackson — Rio — 1938.

Pg. 295 — “Cálculos inúteis, dirá o leitor de boa fé, os desta moça provinciana, que fazia do amor um jogo de xadrez.”

1875

“ANTES QUE CASES” — conto — in “CONTOS ESPARSOS” — publicados por R. Magalhães Jr. — Civilização Brasileira — Rio — 1956.

Pg. 104 — “A vida não é um jogo de xadrez.”

“QUEM BOA CAMA FAZ” — conto — in “CONTOS ESPARSOS” — publicados por R. Magalhães Jr. — Civilização Brasileira — Rio — 1956.

Pg. 189 — “Ernesto tornou-se uma necessidade da casa. Ele sabia jogar todos os jogos, desde o xadrez até as prendas; discutia sobre literatura, andava em dia com as modas, recitava ao piano, conhecia receita de doces; era uma enciclopédia doméstica e viva.”

1877

“CRÔNICAS” — in “ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” — 1-6-1877 — Edição Jackson — 3.º volume — Rio — 1938.

Pgs. 227-228 — “Não a via; mas vi o general no dia seguinte, no sarau do Club Politécnico que esteve animado e concorrido, como poucos. Valsou-se muito, conversou-se, comeram-se bolinhos... enquanto no andar de cima o Grêmio de Xadrez, instituição recente celebrava a sua reunião das sextas-feiras.

Que barulho em baixo! E que silêncio em cima! Em cima os adversários, dois a dois, davam e recebiam pancada, certamente e até sorrindo, mas sempre silenciosos.

Conta-se que no Café da Regência, em Paris, onde se joga o xadrez, dois adversários tinham encetado uma partida, quando entrou um freguês às 9 horas e meia e falou a um dos jogadores:

— Como tens passado, Janjão?



Machado de Assis na época de sua maior atividade enxadristica
— 1879/1880

O jogador não lhe respondeu; mas, à meia noite, acabada a partida, ergueu a cabeça e disse plácidamente:

— Assim, assim. E tu?

O outro estava, desde às onze, entre os lençóis.”

1878

“CRÔNICAS” — in “NOTAS SEMANAIS” — “O Cruzeiro” — 4-8-1878 — Edição Jackson — 5.º volume — Rio — 1938.

Pg. 113 — “Há ânimos generosos que presumem sermos chegados a um tempo em que a política é obra científica e nada mais, eliminando assim as paixões e os interesses, como quem exclui dois piões do tabuleiro do xadrez.”

“YAYÁ GARCIA” — romance — Edição Jackson — Rio — 1938.

Pg. 137 — “Tentou ensinar-lhe o xadrez, mas desanimou no fim de cinco lições.

Ah! mas nem todos têm o seu talento! exclamou triunfalmente o pai de Estela.

Luiz Garcia jogava o xadrez. Era o recreio usual entre ele e Jorge; outras vêzes saíam a passeio até curta distância.”

Pg. 188 — “No fundo do jardim estava Luiz Garcia, com o tabuleiro do xadrez: acabava de dar uma lição à filha, que lh’a pedira desde antes do jantar. Yayá levou até lá o filho de Valéria. Pela primeira vez sentou-se ao pé dos dois para vê-los jogar; fincou os cotovelos na mesa e encostou o queixo nas mãos; queria aprender, dizia ela, em três semanas.

— Três semanas! repetiu o pai a sorrir e a olhar para Jorge.

Das qualidades necessárias ao xadrez, Yayá possuía as duas essenciais: vista pronta e paciência beneditina, qualidades preciosas na vida, que também é um xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas, outras perdidas, outras nulas.”

Pg. 197 — “Yayá preparou o xadrez, no gabinete contíguo à sala; Jorge sentou-se pacientemente diante da adver-

sária, retificou a posição de duas peças, excluiu as que lhe dava de partido e adiantou o primeiro pião.”

“Yayá baixou os olhos ao tabuleiro, cavalgou a torre com o bispo, como distraída, e em voz ainda mais baixa do que lhe falara, perguntou...”

Pg. 198 — “Inclinou-se sôbre o tabuleiro e começou a mover as peças, sòzinho, sem plano, maquinalmente.”

P. 199 — “Vieram luzes; começaram a jogar. Entre êles o xadrez não podia oferecer interêsse, mas dado que pudesse, não seria naquela ocasião. Um e outro estavam distraídos e preocupados. A primeira partida foi concluída, em pouco tempo, quase sem cálculo.”

Pg. 201 — “A segunda partida foi mais animada, mas só por parte de Yayá. A moça ria às vêzes, mas a maior parte do tempo fazia convergir tôda a sua atenção para o jôgo.”

Pg. 202 — “O jôgo cessou no momento em que entrou Luiz Garcia.

— Perdi duas partidas, pai, disse a moça; mas por um triz não ganhei a segunda.”

Pg. 204 — “Êle pertencia ao pai ou à filha — muitas vêzes aos dois. Yayá atirou-se ao xadrez, com um ardor incompreensível, e dizendo-lhe Jorge que era preciso ler alguns tratados, ela pediu-lhe um, e porque êle só os tivesse em inglês, Yayá pediu que lhe ensinasse inglês.

“Estela assistia algumas vêzes às lições do idioma e do jôgo — duas coisas que lhe pareciam incompatíveis com o espírito da enteada.”

1882

“MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO” — correspondência — publicada por Graça Aranha — São Paulo — 1923.

Carta de Machado de Assis — Rio de Janeiro, 29 de maio de 1882.

Pg. 105 — “Agradeço muito os oferecimentos que me faz, e noto-os para ocasião oportuna, se a houver. Quanto

aos retalhos de jornais, quando os achar merecedores da transmissão, aceito-os com muito prazer.” (A natureza dêsses “retalhos” está explicada na carta seguinte).

1883

“MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO” — correspondência — publicada por Graça Aranha — São Paulo — 1923.

Carta de Machado de Assis — Rio de Janeiro, 14 de abril de 1883.

Pg. 106 — “Antes de falar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. A última, um retalho de jornal, à cêrca da partida de xadrez, foi-me mandada à casa pelo Hilário;...”

“A CARTOMANTE” — in “VARIAS HISTÓRIAS” — Edição Jackson — Rio — 1938.

Pg. 7 — “Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; ela mal, — Ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal.”

1892

“A SEMANA” — crônica de 24-4-1892 — Edição Jackson — 1.º volume — Rio — 1938.

Pgs. 13 e 14 — “Jogavam xadrez e dormiam no intervalo das jogadas. Despertavam-se um ao outro desta maneira: “Caro major!” — “Pronto, comendador!”

1893

“A SEMANA” — crônica de 6-8-1893 — Edição Jackson — 1.º volume — Rio — 1938.

Pg. 356 — “Tomava chá no Club Fluminense, no momento em que ia fazer o mesmo, depois de uma partida de xadrez com o professor Palhares.

Pobre Palhares! Pobre Club Fluminense!”

1894

“A SEMANA” — crônica de 25-2-1894 — Edição Jackson — 2.º volume — Rio — 1938.

Pg. 30 — “Comporia algumas peças novas; diria à bela Miranda que jogasse comigo o xadrez, um jogo delicioso, por Deus! imagem da anarquia, onde a rainha come o pião, o pião come o bispo, o bispo como o cavalo, o cavalo come a rainha, e todos comem a todos. Graciosa anarquia, tudo isso sem rodas que andem, nem urnas que falem!”

“A SEMANA” — crônica de 19-8-1894 — Edição Jackson — 2.º volume — Rio — 1938.

Pg. 175 — “Mahomet, que tinha algumas partes de grande homem, apesar de ser o próprio cão tihoso, consentiu o uso do xadrez aos seus árabes, e fez muito bem; é um jogo que não admite quenelas, e, apesar de ter cavalos, não se dá ao aperfeiçoamento da raça cavalar, como os vários derbys dêste mundo.”

1895

“A SEMANA” — crônica de 24-2-1895 — Edição Jackson — 2.º volume — Rio — 1938.

Pg. 320 — “Vi êste Sarmiento, quando êle aqui esteve de passagem para Buenos-Ayres, uma noite, às dez horas e meia, no antigo Club Fluminense, onde se hospedava. O Club era na casa da atual secretaria da justiça e do interior. Sarmiento tomava chá sozinho, na grande sala, porque nesses tempos pre-históricos (1868) tomava-se chá no club, entre nove e dez horas.”

“A SEMANA” — crônica de 5-5-1895 — Edição Jackson — 2.º volume — Rio — 1938.

Pg. 373 — “Uma noite (vá esta velha anedota) estava um amigo meu no Club Fluminense, jogando o xadrez, entre nove e dez horas. Era um mocinho, com uma ponta de bigode, e outra de constipação. Tinha o plano de acabar a partida, e ir deitar-se.”

1896

“A SEMANA” — crônica de 12-1-1896 — Edição Jackson — 3.º volume — Rio — 1938.



Prédio do Club Fluminense, à Praça da Constituição (atual Tiradentes), onde Machado de Assis, segundo declaração própria, jogava xadrez.

Pgs. 84 e seguintes — “Uma empresa lembrou-se de substituir no Jardim Zoológico o jogo dos animais pelo dos divertimentos. Não foi mal imaginado; cada bilhete de entrada leva a indicação de um jogo lícito, desde o bilhar, que é o primeiro da lista, até o... Aqui vem a causa da minha comoção. Que pensais, vós que não lestes o relatório da polícia, que jogo pensais que é o último, o 25.º da lista? É o xadrez. Que vai fazer nessa galeria o grave xadrez? É lícito, não há dúvida, nem há coisa mais lícita que elle; mas o gamão também o é, e não vejo lá o gamão.

Quis enganar-me. Quis supor que era um aviso aquella palavra posta no fim da pista, como se dissesse: após tantos divertimentos, tudo acaba no xadrez da polícia. Mas certamente a empresa não levaria a paixão do trocadilho até o ponto de espantar os fregueses, conquanto esta paixão seja das mais violentas que podem afligir um homem. Também não creio que fosse ironia pura, um modo de dizer que não há perigo; seria descrever de uma coisa certa.

“Meu bom xadrez, meu querido xadrez, tu que és o jogo dos silenciosos, como te podes dar naquele tumulto de frequentadores? Quero crer que ninguém te joga, nem será possível fazê-lo. Basta saber que há uma hora certa, às seis da tarde, em que sai de dentro de um tubo de ferro uma bandeira com o nome de um jogo. Como podes correr a ver o nome da bandeira, se tens de defender o teu rei — branco ou preto, — ou atacar o contrario, preto ou branco?

“Creio, mas o que não creio, é que dois verdadeiros jogadores de xadrez, applicados ao ataque e à defesa, possam consentir em deixar tão nobre ação para ir ao pau de sebo ou qualquer outra recreação gratuita.

“Tudo pode ser, contanto que me salvem o xadrez. A polícia, ou para não confundir este jogo com o nome vulgar da sua prisão, ou porque efetivamente queira restituir cada um ao seu officio, mandou que os bilhetes não tragam nenhum nome de divertimento.”

CRONOLOGIA ENXADRÍSTICA DE MACHADO DE ASSIS

1862/1865 — Iniciação no jogo — provavelmente contagiado pelo entusiasmo de seu amigo Arthur Napoleão (dos Santos) que disputara uma partida, em Nova York,

contra o famoso campeão mundial Paul-Charles Morphy. (transcrita na obra de P. W. Sargeant — “Morphy’s Games of Chess”)

1866/1876 — Partidas avulsas no Club Fluminense.

1877/1879 — Fundação do Grêmio de Xadrez, no Club Politécnico (rua da Constituição, 47), onde havia reunião tôdas as sextas-feiras. Match contra Arthur Napoleão, levando partido de um cavalo (CD). Perdeu por 7 a 2. Grande atividade como solucionador de problemas publicados na imprensa da época. Compõe 1 problema e 1 enigma (“ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA” ambos).

1880 — Participação no 1.º Torneio de Xadrez efetuado no Brasil, obtendo a terceira colocação, entre seis disputantes, com 11 pontos. A disputa foi realizada na residência de Arthur Napoleão, à Rua Marquês de Abrantes.

1882/1890 — Jogos no Club Beethoven, na Rua do Catete e, depois, no Cais da Glória, 62, para onde se transferiram os enxadristas e se realizaram vários torneios nos quais, contudo, o romancista não tomou parte.

1898 — Última referência às atividades enxadrísticas de Machado de Assis — em vida — com a publicação de um seu problema antigo na “CAISSANA BRASILEIRA”, de Arthur Napoleão.

Almo e Exmo Snr

Tenho a honra de communicar a V. E. que, desde o principio do corrente anno tomei a mim a propriedade do estabelecimento, denominado **Club Fluminense**.

Está, e estará sempre collocada á testa da sua direcção pessoa competente, e tenho ordenado que tudo se disponha de um modo digno de tão illustrada capital. A poderosa conjuvação de um Conselho Director assegurará aos distinctos frequentadores do **Club**, não só a melhor ordem mas tambem as vantagens que, nos paizes mais adeantados, se costumam auferir d'estas casas de recreio.

Os Estatutos provisionaes, por que o **Club Fluminense** passa a reger-se são juctos com a presente, submettidos á inspecção de V. E. e formo votos para que mereçam a sua approvação.

Será mui agradavel á escolhida companhia que forma parte do quadro d'este estabelecimento, e a mim particularmente, dignar-se V. E. consentir que o seu nome seja collocado entre os dos socios do **Club Fluminense**, e frequentar esta casa, no que a mim dará especial satisfacção, podendo ficar certo do maior esmero em diligenciar que tudo aqui se passe a seu contento.

No caso de não receber resposta negativa durante esta mes, terei concluido que V. E. nos faz a honra de aceitar este convite, e ficará considerado como dignando-se pertencer ao gremio dos associados.

Approveito esta occasião para renovar as expressões de alta consideração com que sou

De V. E.

Muito attencioso Venerador e Criado

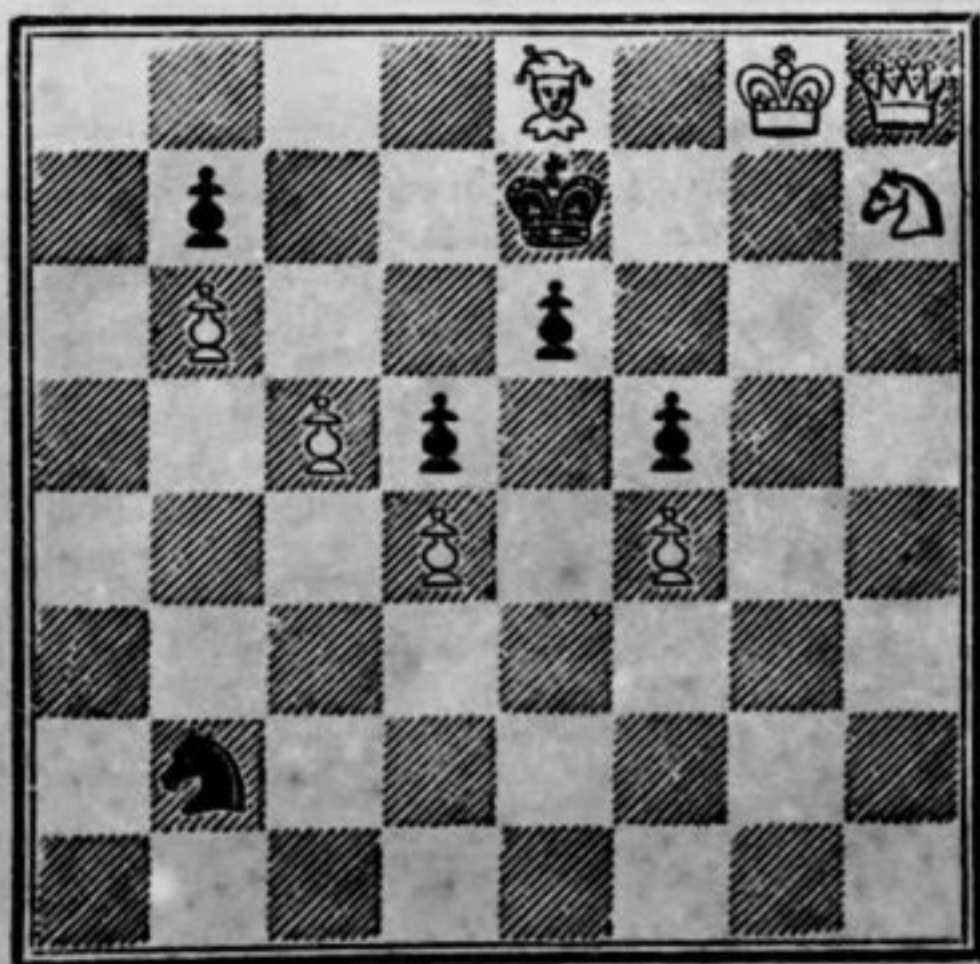
Club Fluminense aos 15 Jan de 1864

Barão de Moreira

Circular ao Barão de Moreira — proprietário do Club Fluminense — angariando sócios

N. 17—Por Machado de Assis

Pretas (6 peças)



Branças (8 peças)

Mate em 3 lances

Problema de Machado de Assis, publicado na "Caissana Brasileira", de Arthur Napoleão, a fls. 44 — 1898 — É o mesmo que havia sido publicado na "Ilustração Brasileira" de 15 de junho de 1877.

NOVA DIRETRIZ DOS MUSEUS

DULCE CARDOZO LUDOLF

Conservador do Museu Histórico Nacional

A descoberta da energia atômica revolucionou a ciência, impulsionando-a para novos rumos. Horizontes até então desconhecidos desvendaram-se aos pesquisadores e à humanidade, dando início a uma nova era em que a cultura e o saber se firmam em bases sólidas para um progresso cada vez maior. Constata-se, cada dia, um crescente desenvolvimento em todos os ramos da ciência, uma aplicação prática do saber humano em novos campos de atividade.

Atualmente, a palavra *museu* não mais designa um simples depósito de antiguidades. O museu de hoje é um centro de pesquisas. Seus funcionários esmiuçam a origem, a qualidade e o valor dos objetos, preocupam-se com os problemas técnicos de sua apresentação e de sua conservação, com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes. Para atender a todos êsses problemas, uma série de especializações se tornam necessárias.

Os museólogos, com seus estudos, chegaram a resultados tão positivos que os museus ocupam hoje um lugar destacado no plano educacional. São órgãos ativos que se impõem na vida cultural do país, interessando e orientando os estudiosos em todos os ramos da arte e da ciência, o que pode ser feito de maneira segura, uma vez que contam com técnicos experimentados, diplomados em cursos especiais, com tempo de serviço e trabalhos de pesquisa que constituem verdadeiro atestado de idoneidade.

EVOLUÇÃO DOS MUSEUS

Para melhor compreendermos o valor do museu contemporâneo na formação artística, histórica ou científica

das sociedades, façamos um retrospecto da sua história, o que implica numa classificação bem delimitada em dois períodos: o clássico e o moderno.

Antes do período clássico, os *musci* não existiam, nem mesmo a palavra foi usada nesse sentido. ⁽¹⁾ Na antiguidade, gregos e romanos já possuíam coleções de arte e de espécimes de história natural. Durante a Idade Média, as artes se desenvolveram no interior dos conventos e igrejas; no Renascimento, expandiram-se livremente nos palácios e residências dos grandes senhores que, por suas riquezas, constituíram verdadeiros monumentos artísticos. ⁽²⁾

Em síntese, a arte, em tôdas as suas manifestações, teve apogeu e decadência, foi privilégio dêste ou daquele povo, desenvolveu-se conforme as necessidades e os costumes. Mas, nunca se procurou grupá-la num só recinto onde fôsse ao mesmo tempo estudada, catalogada e estivesse ao alcance de todos.

Antes do período clássico o que havia eram coleções artísticas que pertenciam a reis ou senhores abastados e para os quais trabalharam grandes artistas, cujas obras de fama mundial estão, atualmente, expostas nos mais célebres Museus da Europa, América e outras partes do Mundo. A arte, pois, existia como privilégio de ricos e poderosos, com função puramente decorativa.

O período clássico confunde sua origem com a do próprio museu, isto é, começa nos meados do século XVIII, quando se adotou, oficialmente, na França, a palavra Museu para designar a Coleção do Louvre, exatamente em 1750. E estende-se até os fins do século XIX.

Poderíamos chamar êste período o de formação dos museus, pois nele se constituíram os mais importantes mu-

(1) “Os latinos denominavam Museu ao gabinete ou sala de trabalho dos homens de letras e ciências. Ptolomeu I, soberano do Egito, deu êsse nome à parte do seu palácio, em Alexandria, onde se reuniam os sábios e filósofos mais célebres de seu tempo para se entregarem ao estudo das letras e das ciências, tendo à sua disposição uma biblioteca, que se tornou famosa na antiguidade. Foi êsse o primeiro estabelecimento cultural que recebeu o título de Museu”. — Gustavo Barroso — “Introdução à Técnica de Museus”, Vol. I, pg. 5.

(2) Muitos dêsses palácios foram, posteriormente, transformados em Museus.

seus do mundo, muitos formados de coleções reais, conservadas nos próprios palácios.

Criados para salvaguardar e expôr riquezas de uma época extinta, os museus eram inteiramente despidos da feição educacional que hoje se lhes atribui. O seu aparecimento está ligado às transformações políticas, sociais e econômicas que alteraram radicalmente os sistemas de governo, as idéias e o espírito de tôda uma época. A maioria dos museus que se formavam eram residências de reis ou nobres, cenários de grandes acontecimentos, e neles a história se confunde com os próprios objetos artísticos.

Na Itália, as valiosas coleções de príncipes, duques e outros nobres, enriquecidas pelo matrimônio entre as famílias, com a centralização do poder passaram para o Estado, tornando-se a origem de grandes museus.

Na França, a queda da realza, as transformações no cenário político-social, implantadas pela Revolução Francesa, abriram novas perspectivas. E aparecem os museus, hoje conhecidos no mundo inteiro, pelas preciosidades que têm sob sua guarda.

E assim deve ter sido em quase todos os países da Europa, onde constituem verdadeira atração para os turistas e são a meca dos estudiosos que demandam o Velho Mundo procurando aprofundar seus conhecimentos na visão direta das obras de arte.

Na América do Norte o interêsse pela arte surgiu com a riqueza decorrente do desenvolvimento das grandes indústrias; e, à medida que estas prosperavam as coleções aumentavam. Dessas coleções particulares é que mais tarde se originaram os museus, o que aconteceu, como vimos, em quase tôdas as partes do Mundo.

Não possuindo os americanos um passado artístico, importaram da Europa obras de arte hoje expostas nos seus inúmeros museus, tão freqüentados não só pelos nacionais como pelos estrangeiros. Em nenhum ponto do continente americano êles tiveram tanta expansão como na América do Norte e talvez, por isso mesmo, tenham se igualado aos do Velho Mundo quanto à técnica museográfica.

Neste período e sob êste aspecto a arte deixa de ser privilégio de poucos. Pelas portas abertas dos museus entra o público ávido de curiosidade e os palácios se popularizam

desvendando o mistério das maravilhas que os embelezam. Um grande passo foi dado no sentido da evolução cultural da humanidade. Museus ao alcance do povo, o povo conhecendo, admirando e sentindo tôda a beleza da arte, arte que vinha dêle mesmo (através de sua participação na confecção da porcelana, do móvel, da escultura ou da tela), mas de que êle não podia desfrutar. Os grandes artistas, por exemplo os pintores, eram em geral pobres, homens da classe desprotegida e que, por isso mesmo, empenhavam seu trabalho e sua arte a alguém que os pudesse proteger.

Fundados os museus, tornou-se indispensável a contribuição de pessoas dotadas de conhecimento das coleções para conservá-las e dispô-las apropriadamente, enfrentando e solucionando problemas de ordem técnica que, com o correr dos tempos, aumentaram de importância, paralelamente ao crescimento e expansão dessas instituições.

Ao traçarmos ligeiramente a história dos museus, sentimos a evolução lógica, natural, pela qual passam tôdas as entidades do gênero. — “Um Museu não nasce adulto”, afirma John Cotton Dana, e, podemos acrescentar, nem preenche de uma só vez tôdas as suas finalidades.

O período clássico é o de formação. Nêle se acham em desenvolvimento as idéias que prevalecerão dos fins do século XIX em diante.

O *período moderno* é aquele em que os museus atingem a maturidade. Saindo do estágio de formação, atravessando fases sucessivas de crescimento, transformam-se em centros de *pesquisa e divulgação*.

Temos então museus dinâmicos, com funções múltiplas. Ao mesmo tempo que exibem suas coleções promovem cursos e conferências, divulgam em publicações próprias os trabalhos de seus técnicos e atendem, nas seções especializadas, a consultas de todos os gêneros, orientando em assuntos de arte, indumentária, heráldica, numismática, sigilografia, armaria, etc.

PESQUISA. DIVULGAÇÃO E SEUS MEIOS

A vida dinâmica que anima os museus atuais e os coloca como elemento preponderante de cultura nas sociedades decorre de duas atividades básicas: pesquisa e divul-

gação. Ambas têm assumido tal importância que a elas se pode atribuir em grande parte a evolução crescente dessas instituições.

Pesquisar não é fácil, e para que se possa fazer algum trabalho sério nesse sentido tornam-se necessários um preparo prévio e conhecimento do assunto. Daí necessitarem os museus de técnicos especializados nos diferentes setores em que se acham divididas suas coleções.

A divulgação é uma consequência natural da pesquisa. Nos centros de estudos como os museus, em que os conservadores se dedicam a pesquisas diárias, a divulgação assume uma importância fundamental. Ao mesmo tempo que exerce função educativa, estabelece o intercâmbio cultural entre os estudiosos e entre as Nações. Graças a ela é possível saber e avaliar o que se passa em todos os museus do mundo e conhecer as coleções mais longinquoas e inacessíveis.

No âmbito da pesquisa podemos estabelecer dois campos completamente diversos, ambos importantes. Em primeiro plano, a pesquisa do objeto propriamente dito, atribuição inerente ao conservador e uma das suas principais funções. Qualquer peça que entra num museu é devidamente classificada. Esta classificação demanda uma série de estudos sobre os mais diversos elementos: onde foi feita, em que época, a quem pertenceu, qual a sua finalidade, a que estilo obedece, etc. Trata-se de um trabalho quase sempre excitante, porém outras vezes verdadeiramente cansativo. Comumente surgem nos museus peças com estranhas particularidades, sérios enigmas que desafiam a paciência dos conservadores. Resolvê-los representa então uma preocupação para o pesquisador, que só se sente plenamente vitorioso quando alcança o seu objetivo. Há casos em que são necessários anos para uma conclusão. Nesses estudos, muitas vezes, o técnico vê-se obrigado a procurar bibliotecas, arquivos ou outras instituições que lhe ofereçam maiores recursos.

Nos nossos dias, paralelamente à pesquisa do objeto faz-se uma outra de caráter bem diverso, qual seja a da influência do mesmo na educação.

O público passa a ter uma importância maior para os pesquisadores, e é com o intuito de interessá-lo e esclarecê-lo que eles se movimentam criando ambientes ao mesmo

tempo atraentes e instrutivos e organizando palestras, conferências, visitas explicadas às suas várias galerias, etc. Esse trabalho denominado pesquisa educacional, estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos.

É grande nesse sentido, entre outros, o esforço dos técnicos norte-americanos, cujos museus adotam esse programa como parte de sua vida normal. Para crianças, nos numerosos museus infantis ou em outros, há sessões recreativas e de jogos sobre assuntos que foram objeto de estudos anteriores. Ao mesmo tempo incentiva-se a criação de clubes, de acôrdo com a tendência das crianças: Clubes de Arte, Clubes de Sêlos e Moedas, Clubes de História, Clubes de Pássaros, Flores, Minerais, etc.

A divulgação, o meio que tem o museu de tornar conhecido seu acêrvo e suas atividades, pode ser feita diretamente nas salas de exposição, onde estão visíveis os objetos que compõem as coleções. Essa divulgação visual é, por assim dizer, de âmbito restrito. Para alcançar um objetivo mais amplo, isto é, atrair maior número de visitantes, torna-se necessário adotar um sistema de propaganda.

Outros tipos de divulgação são usados pelos museus atuais: publicações, cursos, conferências, aulas, sessões cinematográficas, imprensa, rádio e televisão.

As publicações atingem os lugares mais distantes. Facilitando permutas, estabelecem o intercâmbio cultural de grande importância para os que trabalham em tais instituições.

Os cursos representam a divulgação sistematizada, onde os assuntos são divididos e tratados isoladamente, contribuindo para a especialização.

As conferências, em séries ou isoladas, como as aulas, são realizadas no auditório dos museus ou nas próprias salas de exposição. Neste caso oferecem aos ouvintes a vantagem de poderem observar melhor as peças, objeto do assunto abordado.

A divulgação encontra grandes veículos na imprensa, no cinema, no rádio e na televisão.

Na imprensa, excelente órgão de propaganda, os leitores devem encontrar, diàriamente, informações sobre exposi-

ções, aulas, conferências; em suma, um resumo das atividades dos museus, com a determinação dos respectivos horários.

O cinema, a maior distração popular do nosso século, atraindo um público de milhares de expectadores, oferece uma incomparável oportunidade à difusão das idéias e dos conhecimentos em geral. Muitos programas podem ser realizados mostrando coisas curiosas, tão comuns nos museus, fáccis de despertar o interêsse do público.

Segue o rádio. Encontrado hoje nos lares mais singelos, é um elemento poderoso de difusão e propaganda. Utilizando-se dêle os museus podem organizar programas leves e interessantes, divulgando as preciosidades de suas coleções, difundindo as pesquisas de seus técnicos e convidando os ouvintes a visitar suas exposições.

O meio mais moderno e aperfeiçoado de difusão é a televisão, pois, a par da audição, proporciona ao expectador a visão do objeto ou conjunto de objetos que ilustram o programa. A objeção que se tem a fazer contra êste meio é devida, exclusivamente, ao alto custo dos aparelhos TV.

A divulgação é assim o principal fator na projeção dos museus. E tanto mais elevado será o conceito de que desfrutem, quanto maior fôr o nível cultural de seus técnicos e mais aperfeiçoados seus métodos de pesquisa e divulgação.

CONSERVADORES DE MUSEUS

A importância alcançada pelos museus atuais e sua significação para a cultura decorrem de um conjunto de circunstâncias, em que atuaram diretamente seus técnicos, sempre incansáveis e à altura de suas atividades.

Sob sua orientação os museus floresceram e se tornaram famosos. Estudos históricos, artísticos e científicos, neles realizados desde o século XIX, ligaram seus nomes aos de grandes pesquisadores. E foram justamente êsses estudiosos que deram aos museus uma feição nova, criando-lhes uma vida interior que se desenvolveu paralelamente ao crescimento das coleções.

Êsses pesquisadores, de nível superior de conhecimentos, adquiridos e aprimorados em anos de estudos e pesquisas,

dada a complexidade dos assuntos encontrados nos museus, sentiram necessidade de se especializarem. Com a especialização e seu desenvolvimento os museus, a princípio ecléticos, desdobraram-se, havendo deslocamento de coleções que passaram a figurar em outras entidades mais compatíveis com sua origem e natureza. Houve, assim, uma seleção natural entre os elementos que constituíram os museus de história, arte e ciência, organizados sob idênticas bases e com os mesmos propósitos culturais.

A escolha de técnicos para uns e outros dependia, exclusivamente, da especialização a que foram induzidos por vocação ou outras exigências, não interferindo nisso o maior ou menor nível cultural de cada um, nem a eficiência pessoal. Os que se dedicaram aos museus de história e arte foram conhecidos por CONSERVADORES, (1) enquanto os dos museus de ciências tiveram a designação de NATURALISTAS. Estes pesquisam nos laboratórios ou em contato direto com a natureza e dedicam-se à arqueologia, à etnografia, à flora e à fauna, ao passo que os primeiros são os responsáveis pela preservação das obras de história e arte, que são por eles estudadas, apresentadas e catalogadas, visando ambos o enriquecimento cultural da humanidade.

De início, quando os museus eram estáticos, a designação “conservador” correspondia à significação do termo. Hoje, porém, não mais exprime a extensão da atividade que desenvolvem nos museus os que usam esse título, mantido até os nossos dias por respeito à tradição.

“Conservateur” tem sido, através de dois séculos, na Europa, a denominação dos organizadores, pesquisadores e orientadores de museus, entre os quais se destacam os nomes ilustres de L. Delaporte, Paul Lafont, Deonna, Ernest Babelon e Salomon Reinach, na França; Collins Baker e Barclay Head, na Inglaterra; Alvin na Bélgica, e muitos outros.

Suas obras, que ora encaram o assunto de um modo geral, ora se detêm em analisar coleções, são consideradas e consultadas por todos os que se dedicam às pesquisas do gênero. No “Apolo” de Salomon Reinach estão reunidas as aulas dadas por esse conservador na Escola do Louvre. Sua aceitação foi tão grande que em tempo relativamente

(1) Do latim *conservator*, aquêle que conserva.

pequeno esgotaram-se três edições francesas e três castelhanas. De Barclay V. Head temos a monumental “História Numorum”, compêndio de quase mil páginas, contendo a numismática grega em tôda a sua complexidade. Ernest Babelon, conservador do Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris, tem seu nome ligado a diversos estudos clássicos sobre numismática, que orientam os que se dedicam a esta ciência. Assim têm sido os Conservadores na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos, onde os museus aumentam dia a dia e assumem caráter eminentemente educacional.

No Brasil, destacam-se Gustavo Barroso, Diretor-fundador do Museu Histórico Nacional, autor, além de outros trabalhos notáveis, da “Introdução à Técnica de Museus” obra em 2 volumes, em que o primeiro trata da — Parte Geral e Parte Básica — e o segundo da — Parte Especializada. Nesse trabalho, o primeiro no gênero, encontramos o estudo sistematizado e noções de todos os objetos integrantes do acervo de um museu de história.

Do numismata Edgard de Araujo Roméro, chefe da Seção de Numismática e professor daquela cadeira no Curso de Museus, que funciona no Museu Histórico Nacional, são as conhecidas Apostilas, reunidas sob os títulos — Numismática Geral e Numismática do Brasil. Ambas reúnem os conhecimentos profundos do autor, principalmente a parte referente ao Brasil, cuja história monetária foi analisada de maneira tal, que se tornou obra clássica no assunto.

“Ordens Honoríficas do Brasil” é obra importante de outro conservador, Luiz Marques Poliano. Editado em 1943 impôs-se pelo seu valor como melhor obra no gênero, até então feita no Brasil.

Na França, o Diretor dos “Musées de France” é assistido por diversos Conselhos, figurando, entre os mais importantes, o “Conselho dos Conservadores” que delibera sobre questões técnicas da maior relevância como aquisições, doações, empréstimos de material para exposições, etc.

A atuação dos conservadores é, portanto, cientificamente decisiva, daí seu prestígio nos meios culturais.

Até a última guerra, na França, fazia-se livremente a escolha de conservadores, obedecendo-se é lógico a uma seleção natural, tendo-se em vista a cultura e os títulos de

cada um. Hoje, porém, a orientação é outra. Os candidatos à carreira estão obrigados a concurso para a Divisão Superior da Escola do Louvre, encarregada de prepará-los. E, ao fim de três anos deverão apresentar e defender tese, cuja aprovação lhes confere o título de Conservadores. ⁽¹⁾ Esse propósito visa, naturalmente, um preparo intenso e maior seleção intelectual, o que faz com que a classe de conservadores se torne cada vez mais elevada e eficiente.

Nos Estados Unidos, não existindo um curso de museologia, é exigido para ingresso nos museus o diploma de bacharel (nível universitário) em artes, em ciência ou em educação. ⁽²⁾ Essa deficiência tem sido suprida, em algumas instituições, com a realização de cursos destinados a familiarizar os candidatos com as atividades museológicas. Aos conservadores norte americanos estão afetos os seguintes trabalhos: estudo científico das coleções, organização e preparação de exposições e catálogos, aquisições, restaurações, etc. Além do corpo de conservadores existe ainda nos museus dos Estados Unidos, sem falar nos bibliotecários, um departamento educacional, entregue a técnicos especializados, considerados auxiliares dos conservadores.

O que ficou dito evidencia a importância do Conservador, cuja função, no Brasil, é ainda bastante desconhecida. Como vimos, de sua atividade depende toda a vida cultural dos museus. Assim, pois, não é demais afirmar-se que dos conservadores espera-se o conhecimento da arte e da história, em todas as suas facetas e ligações complexas com outras ciências; o espírito informativo nas consultas; a paciência e perseverança nas pesquisas; o gosto estético nas arrumações; a síntese e precisão na elaboração de etiquetas, guias e catálogos.

RESUMO

— *Nova diretriz dos museus* — O museu atual como centro de pesquisas. Seu valor científico e influência na vida cultural.

— *Evolução dos museus* — Tempos anteriores ao seu aparecimento. Causas de ordem política, social e econô-

(1) Georges Poisson, pg. 20.

(2) José Valladares, pg. 50.

mica originando a fundação de Museus na Europa e na América. Divisão da história dos museus em períodos: o clássico e o moderno.

— *Pesquisa. Divulgação e seus meios* — Pesquisa e divulgação, fatores culturais que colocaram os museus em evidência nas sociedades civilizadas. Gêneros de pesquisas desenvolvidos nos museus atuais e seus reflexos e importância na educação. Métodos em uso nos museus americanos. Divulgação, elemento principal de projeção dos museus. Seus meios.

— *Conservadores de museus* — A importância dos Conservadores na evolução dos museus. Sua cultura, suas atividades e especializações. Como se formam os conservadores na França e nos Estados Unidos. O que os museus esperam deles.

BIBLIOGRAFIA

ARGEU GUIMARÃES

"História das Artes Plásticas no Brasil". Rio de Janeiro.

BABELON, M. ERNEST

"Les origines de la monnaie". Paris 1897.

BARDI, P. M.

- 1 — "An educacional experiment at the "Museu de Arte" São Paulo". *Museum*, Unesco, Paris, Vol. 1, ns. 3-4, déc. 1948.
- 2 — "The Museu de Arte", São Paulo. *Museum*, Vol. VII. N.º 4, 1954.

BARROSO, GUSTAVO

"Introdução à Técnica de Museus" 2 Vols., 1946 e 1947.

COLEMAN, LAURENCE VAIL

"Manual for small museums". New York, 1927.

CUMMINGS, CARLOS E.

- 1 — "East is East and West is West". Buffalo, 1940.
- 2 — "Report to the Rockefeller Foundation on the Museum Nacional of Rio de Janeiro, Brazil". August and September. New York, 1941.

DANA, JOHN COTTON

"Plans for a new Museum".

DUMANS, ADOPHO

"A idéia da criação do Museu Histórico Nacional", 1947. 1942

HEAD, BARCLAY V.

"História Numorum". Oxford, 1911.

HUISMAN, M. GEORGES

"Histoire Générale de l'Art". Paris VIIe. 1947. 4 Vols.

MORALES DE LO RIOS FILHO, ADOLFO

"Grandjean de Montigny e a evolução da Arte Brasileira" Rio de Janeiro.

POISSON, GEORGES

"Les musées de France" (*Presses Universitaires de France*). Paris, 1950.

RAMSEY, GRACE FISHER

"Educational work in Museums of the United States" New York, 1938.

REINACH, SALOMON

"Apôlo"

RIBEIRO, DARCY

"The Museum of the Indian, Rio de Janeiro". *Museum*. Vol. VIII. N.º 1, 1955.

ROWLEY, JOHN

"Taxidermy and Museum Exhibition".

RUSSEL, CHARLES (Germaine Cart, Molly Harrison)

"Musées et jeunesse". Paris. Icom., 1952.

TRIGUEIROS, F. DOS SANTOS

"O Museu órgão de documentação".
Cadernos AA BB. Rio de Janeiro, 1955.

VALLADARES, JOSÉ

"Museus para o povo".

Publicações do Museu do Estado da Bahia. N.º 6, 1946, Bahia.

“1.º COMPROMISSO CONSTITUCIONAL”

GILDA MARINA DE ALMEIDA LOPES

Conservador, nível 17 — Chefe da Seção de Arte Retrospectiva

QUADRO HISTÓRICO DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO

A pintura histórica ou pintura de história desapareceu, praticamente, na época atual.

O Impressionismo, iniciador de toda a arte moderna, jamais se preocupou com o assunto, muito antes mesmo que o Concretismo e o Abstracionismo expulsassem a figura do quadro.

Uma pintura condicionada a cuidados outros, que não os puramente plásticos, baseada em documentos e lembranças, nem sempre muito autênticos, não podia de forma alguma interessar o artista do nosso tempo. Este quer ter livres, por completo, sua inspiração e seus impetus criadores.

Alguns dos nossos artistas do passado, entretanto, cultivaram com bastante felicidade o difícil gênero. Portinari, em nossos dias, também o enfrentou com grande êxito.

O gosto pela pintura histórica nos foi trazido pela Missão Francêsa. Antes dela, no Brasil Colonial, somente se fazia o assunto religioso e o retrato.

O caso dos pintores holandeses de Maurício de Nassau, com suas paisagens e cenas de rua, constituiu um episódio isolado na história das nossas Artes Plásticas. Não teve a menor repercussão no acanhado ambiente da época.

O assunto histórico trazido pelos homens de Le Breton germinou e cresceu dentro da Imperial Academia de Belas Artes, culminando com a geração de Vitor Meireles e Pedro Américo.

Na geração imediata, surgiram ainda outros bons cultores do gênero, tais como: Antônio Parreiras, Benedito Calixto, Décio Vilares, Henrique Bernardelli e Aurélio de Figueiredo.

Assim, encontramos, por todo o país, nos edifícios públicos, pinacotecas, etc., uma boa floração de quadros históricos.

O Palácio do Catete possui um belo exemplar da autoria de Aurélio de Figueiredo. É uma grande tela, medindo 3,30 x 2,57, muito bem realizada.

Os visitantes do Museu da República são solicitados por ela, contemplam-na e, ávidos de explicações, interrogam os funcionários da casa. Essas não eram fáceis de ministrar, por não termos dados seguros sobre o quadro. Nos inventários do Palácio, figura com dois nomes diferentes: “Abertura da Assembléia” e “Promulgação da Constituinte”. Nenhuma idéia a respeito de sua origem ou proveniência, acreditando-se, contudo, ter êle vindo do Senado.

Urgia pois, tentar estudá-lo. Aqui, apresentamos o resultado de nossas pesquisas, desejando que novos subsídios nos sejam oferecidos.

A tela está assinada — F. Aurélio — 1896. Foi nesta data, que o Catete passou ao Governo da República, sendo inaugurado oficialmente, em 1897. No Jornal do Comércio, de 20 de fevereiro do mesmo ano, encontramos uma descrição do Palácio, a propósito de sua próxima inauguração. Nesta descrição, o quadro é mencionado com um terceiro nome: “Compromisso Constitucional do Primeiro Presidente e Vice-Presidente da República”. Diz, ainda, o artigo, ter sido êle encomendado pelo Banco da República ao pintor Aurélio de Figueiredo. É evidente, então, que esta tela nunca esteve no Senado, pertenceu sempre, ao acêrvo do Palácio do Catete.

Argeu Guimarães é o único dos historiadores de arte, conhecidos, que se refere ao quadro. Numa enumeração das obras de Aurélio cita: “Compromisso Constitucional” do Palácio do Catete.

O quadro também fala, observando-o com atenção, conseguimos entendê-lo. Representa o salão do Congresso, no antigo Paço de São Cristóvão ou Quinta da Boa Vista.

No centro da tela, formando uma diagonal, vemos a mesa da presidência, de madeira escura, forrada de verde. Sobre ela, livros, tinteiros e papéis dispostos com artística desordem.

Por trás da mesa, surge a nobre figura do Presidente da Assembléia, Dr. Prudente José de Moraes e Barros. À sua direita, estão: o Marechal Deodoro, lendo alguma coisa,



"Compromisso Constitucional". óleo de Aurélio de Figueiredo

(Fotografia do Sr. Roberto Maia)

depois, Cesário Alvim, Floriano Peixoto, Júlio de Castilhos, Índio do Brasil e Esteves Junior. À esquerda de Prudente de Moraes, destacam-se três secretários do Congresso: Pais de Carvalho, Mata Machado e Coronel João Soares Neiva. Há, ainda, um personagem extremamente parecido com Demétrio Ribeiro. Não é provável que seja ele, inimigo acirrado de Deodoro, e sim, Eduardo Mendes Gonçalves, o quarto secretário.

No primeiro plano, o taquígrafo, Caetano da Silva, cercado de três auxiliares, faz anotações numa fôlha de papel. Sobre sua mesa e sobre o tapete vermelho escuro, que cobre o que se pode ver do chão, caíram rosas, botões e folhagens de tons suaves.

Ainda no primeiro plano, à esquerda do quadro, o Almirante Wandenkolk conversa com André Cavalcanti, seguem sucessivamente, Saldanha Marinho, Jacques Ourique ou Furquim Werneck, Lauro Sodré, Pedro Américo, Cassiano do Nascimento, Pinheiro Machado, Bernardino de Campos, Francisco Glicério e Quintino Bocaiuva.

À direita da tela vemos: Campos Sales, Aristides Lôbo, Lauro Müller e Antônio Azeredo; junto à mesa da Presidência, Amaro Cavalcanti, mais acima um pouco, Alcindo Guanabara e provavelmente, Sampaio Ferraz, Borges de Medeiros e Rosa e Silva.

Na parte superior do quadro, o artista traçou um fundo de inspiração neo-clássica. Dêle, se destaca uma grande tribuna decorada de vermelho e ouro. O "lambris" da parede é de madeira escura, à direita, há uma porta ou janela deixando passar um jorro de luz.

Atrás de Prudente, projeta-se o alto espaldar da cadeira da presidência (cadeira e mesa da presidência fazem parte das coleções do M. H. N.).

Acima do "lambris", a parede é dividida em pequenos painéis de cor clara. A divisão é feita por pilastras com decorações azuis, encimadas por colunas amarelo-pálido.

Na tribuna, acham-se as espôsas e filhas dos constituintes, algumas muito graciosas com seus leques e chapéus. Por trás delas, austeros vultos políticos assistem a cerimônia, destacando-se em frente à porta, sob a cortina de veludo verde escuro, a inconfundível figura do Barão de Lucena, chefe do Ministério dos "Áulicos".

Como todo quadro histórico, este narra, com bastante veracidade, um episódio de nossa vida republicana.

Não é possível, porém, tratar-se da “Abertura da Assembléia”. É lógico que, se Prudente de Moraes preside a sessão, já fôra eleito presidente do Congresso Constituinte. Esta eleição foi feita após a abertura, dando a vitória ao ilustre paulista, cuja dignidade e disciplina muito contribuíram para a boa ordem dos trabalhos. O candidato derrotado foi Saldanha Marinho, republicano histórico, signatário do Manifesto de 1870.

Da “Promulgação da Constituinte”, também, não se pode tratar. Ela foi promulgada pelo seu presidente, Prudente de Moraes. Apenas êste poderia estar fazendo uma leitura, nunca o Marechal Deodoro.

Assim, o quadro situa mesmo, o instante em que o “Generalissimo” presta o compromisso ou juramento constitucional, como primeiro Presidente da República.

Não chegou o velho militar, serenamente, à leitura daquêle compromisso. Sua eleição, que parecia ser uma fatalidade histórica, sofreu violento combate no seio da Assembléia. Contra ela, formaram uma onda de resistência, encabeçada por Demétrio Ribeiro, General Simeão de Oliveira e Custódio José de Melo.

Correram boatos de intervenção do Exército, caso não se positivasse a eleição de Dedoro. Num ambiente de discórdia e intraquillidade se processou a contagem dos votos, no dia 25 de fevereiro de 1891.

Foi êste o resultado:

	<i>Votos</i>
Deodoro	129
Prudente de Moraes	97
Floriano Peixoto	3
Saldanha Marinho	2
José Higino	1

Para Vice-Presidente, Floriano derrotou o candidato do govêrno, Almirante Wandenkolk, por uma larga margem:

	<i>Votos</i>
Floriano	153
Wandenkolk	57
Prudente de Moraes	12
Coronel Piragibe	5
Almeida Barreto	4
Custódio José de Melo	1



Pormenor do "Compromisso Constitucional"
(Fotografia do Sr. Roberto Maia)



Pormenor do "Compromisso Constitucional"

(Fotografia do Sr. Roberto Maia)

No dia seguinte, uma quinta-feira, 26 de fevereiro de 1891, deu-se afinal, o momento histórico que o quadro perpetua, isto é, as posses do Presidente e Vice-Presidente da República.

À 1 hora da tarde, abriu-se a sessão. O Presidente do Congresso, Prudente de Moraes, nomeia, para receber o Presidente da República os seguintes membros da Assembléia: Campos Sales, Cesário Alvim, Quintino Bocaiuva, Amaro Cavalcanti, José Secundino, Eliseu Martins, Retumba, Artur Rios e Índio do Brasil. A maior parte desta comissão está presente na tela.

Para receber o Vice-Presidente seguem: os Senhores Almeida Barreto, Rui Barbosa, Luiz Delfino, Bezerra de Albuquerque Junior, Francisco Glicério, Gonçalves Chaves, Rosa Júnior, Serzedelo Corrêa e Astolfo Pio.

Deodoro foi recebido friamente, enquanto uma cálida salva de palmas acolheu Floriano.

Esta atitude acabou de incompatibilizar o Generalíssimo com a Assembléia. Foi a gota d'água final, prenúncio do golpe de estado do fim do ano.

Deodoro proferiu as palavras do compromisso com voz clara e vibrante, retirando-se depois, com a altivez própria do seu carácter. É a leitura solene do juramento, que êle está fazendo no quadro de Aurélio de Figueiredo.

O pintor foi muito feliz na composição do ambiente, equilibrou muito bem os valores baixos da indumentária dos constituintes com os tons claros e leves da parte superior da tela. Das manchas reluzentes produzidas pelos peitilhos e colarinhos, emergem as cabeças vigorosas e com bom colorido. Sente-se a atmosfera pesada, não há euforia nas faces severas dos presentes.

Pedro Calmon diz, entretanto, que o Congresso Constituinte se instalou, a 15 de novembro de 1890, num vasto e modesto recinto de madeira, armado no patio interno do Paço de São Cristóvão. Não parece tão modesto o salão traçado por Aurélio. Nada de semelhante existe na Quinta da Boa Vista. Aliás, como coisa provisória teria sido demolido. A sala lembra a do Senado, mas nesta última, as tribunas são retilíneas.

O quadro foi pintado cinco anos depois dos acontecimentos, o artista deve ter suprido com a imaginação, a absoluta falta de pormenores.

.....

Na Assembléia Constituinte, houve um grande ausente, Silva Jardim. O idealista, o corajoso pregador da República, o demolidor da Monarquia não foi considerado apto na construção final do regime republicano. Não conseguiu ser eleito constituinte.

No quadro de Aurélio de Figueiredo há, também, um grande ausente, Rui Barbosa. O notável constituinte, o “autor” da Constituição não figura na tela.

Pelo decreto de 3 de dezembro de 1889, foi nomeada uma comissão de cinco membros, a saber: Saldanha Marinho, Rangel Pestana, Santos Werneck, Américo Brasiliense e Magalhães Castro para elaborar o projeto da Constituição da República. Esta comissão reuniu-se em Petrópolis, sob a presidência de Saldanha Marinho. Dela, resultaram três projetos, depois unificados e entregues ao Governo Provisório, no dia 30 de maio de 1890.

Este projeto foi relocado, praticamente refeito por Rui Barbosa. A Assembléia Constituinte discutiu-o, aprovando-o quase sem alterações fundamentais, promulgando-o enfim, no dia 24 de fevereiro de 1891.

Em que pese a desastrosa politica financeira do primeiro ministro da Fazenda da República, ninguém pode negar a sua imensa cultura, a sua fulgurante inteligência. Rui Barbosa foi, indiscutivelmente, a primeira figura do Governo Provisório.

Aurélio de Figueiredo, contudo, omitiu o grande baiano na sua tela. Negou pois, a Rui, esta oportunidade. A morte fizera o mesmo com Benjamim Constant.

Depois da rumorosa eleição do dia 25 de fevereiro e da rápida posse do dia 26, o Congresso Nacional encerrou seus trabalhos. Separaram-se o Senado e a Câmara, convertendo-se o Congresso Constituinte em Congresso Legislativo Ordinário.

É difícil julgar o valor artistico de um quadro da natureza dêste que acabamos de estudar.

O valor histórico de uma tela assim, entretanto, é incommensurável. De sua parede, no Palácio do Catete, o “Com-



Pormenor do "Compromisso Constitucional"

(Fotografia do Sr. Roberto Maia)

promisso Constitucional” vem assistindo impassível, os acertos e os erros dos governos da República. Agora, que esta abandonou o Palácio, trocando-o por Brasília, os inúmeros visitantes do Museu param diariamente, admirando o quadro. Postados diante dêle, autêntico livro aberto, recebem sua grande lição de História.

.....

Nota — Não fazemos, aqui, a biografia do pintor, por ela já constar do 2.^o volume dêstes anais, no magnífico trabalho do Conservador, Otávia Corrêa dos Santos Oliveira, “O Baile da Ilha Fiscal”.

Gilda Marina de Almeida Lopes, Conservador nível 17
— Chefe da Seção de Arte Retrospectiva.

Museu da República. ~

BIBLIOGRAFIA

AGENOR DE ROURE — A Constituinte Republicana.

ARGEU GUIMARÃES — Notícia histórica das Belas Artes in Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil — 1922.

DUNSHEE DE ABRANCHES — Atas e Atos do Governo Provisório.

ERNESTO SENA — Deodoro.

FREDERICO S (Eduardo Prado) — Fastos da Ditadura Militar no Brasil.

GONZAGA DUQUE — Arte Brasileira.

JOSÉ MARIA BELO — História da República.

JOSÉ MARIA DOS REIS JUNIOR — História da Pintura no Brasil.

LAUDELINO FREIRE — Um Século de Pintura.

PEDRO CALMON — História do Brasil.

QUIRINO CAMPOFIORITO — A Pintura Histórica no Brasil in “Arquivos” da E. N. B. A.

RAIMUNDO MAGALHÃES JUNIOR — Deodoro, Uma Espada Contra o Império.

ROCHA POMBO — História do Brasil.

Jornal do Comércio — (números dos dias 25, 26 e 27 de fevereiro de 1891.

número do dia 2 de fevereiro de 1897).

Com o refinamento da cultura, chegou finalmente, a fase das coleções que refletiam, não somente o poder de sua riqueza, mas o gosto e a cultura de seu possuidor: — pinturas, livros, objetos de arte, ou mesmo curiosidades.

As coleções crescendo, traziam o problema de sua localização. Alguns possuidores depois de conservá-las consigo por algum tempo, transferiam-nas às Sociedades Culturais que as divulgavam, em trabalhos de pesquisa criteriosa. Outras, por morte de seu idealizador, eram fragmentadas entre herdeiros diversos, e não raro viajavam de um continente à outro.

E assim, à partir de meados do século XVIII os centros da cultura européia, de então, se esmeravam — muitas vezes sob um régio patrocínio — em entesourar raridades arqueológicas e preciosidades artísticas.

Mas o século XIX, profundamente marcado pela Revolução Industrial, viu também a expansão do ensino nos diferentes tipos e nos diversos graus. Tudo o que servisse para ilustrar o progresso humano: — como a máquina que em caráter experimental provará ser eficiente, ou o projeto de um mecanismo que acionaria uma complexa indústria, tudo agrupado, também passou a ter valor de coleção, não mais um valor simplesmente intrínseco, mas agora de uso educacional.

Hoje — das jóias aos mecanismos; dos marfins ao plástico; do mobiliário aos exemplares do mundo abrangido pelas leis da História Natural — tudo pode ser parte integrante das coleções museológicas.

Urge, contudo, traçar os planos ideais, segundo o conceito atual, para o melhor rendimento de sua utilização cultural.

II

AS COLEÇÕES, SUA UTILIZAÇÃO CULTURAL

Os anos que se seguiram à segunda Grande Guerra Mundial, revelaram um mundo perplexo, diante das rápidas transformações de ordem social e política; de um vertiginoso progresso da técnica, do aproveitamento e exploração de novas formas de energia.

A eterna motivação de atingir o impossível vai se realizando com as etapas já vencidas na conquista do espaço cósmico.

Como poderão sobreviver, culturalmente, os museus numa era atômico-espacial, se continuarem a enfileirar suas coleções como raridades valiosas, num puro espírito de “Casa de Maravilhas”? (1)

Os princípios fundamentais da museografia não mudaram, mas foram logicamente afetados por todas estas transformações. Outra terá que ser a linguagem e o meio de comunicação com um público que é hoje, em média — melhor informado pela imprensa, falada e escrita; pelas programações de T.V. — tem melhor índice de cultura (nas grandes cidades, pelo menos); é mais exigente e muito mais apressado.

Competirá aos museus *promover*, não somente, a preservação de suas coleções, mas necessariamente: utilizá-las em caráter cultural. Este espírito deverá presidir à seleção das peças, seu arranjo, a qualidade estética de sua apresentação ao público e a valorização visual, dela resultante.

As pesquisas realizadas em torno dos objetos (sua origem, possuidor ou local de uso), o texto da etiquetagem, o conteúdo das publicações, são atividades que dinamizando a mensagem cultural do museu, atuarão de forma negativa ou positiva, sobre o público, segundo os padrões adotados.

O público a ser atingido é o mais heterogêneo: — desde o visitante isolado, a quem talvez satisfaça um simples passeio pela seqüência de salas — ao erudito (profundo conhecedor de sua especialidade), que encontra nas coleções, o deleite e a complementação de seus conhecimentos. À estes, nada obrigará a permanecer nas galerias, desde que se enfadarem, ou que sua curiosidade esteja satisfeita.

Outro, porém é o caso, em se tratando de grupos estudantis, que em geral, são levados aos museus por seus professores, e nêle devem permanecer jungidos pela disciplina.

É compreensível que haja ensino sem auxílio dos museus e suas coleções (comunidades existem em nosso país,

(1) “KIM” — R. Kipling.

Tradução de Monteiro Lobato.
Cia. Edt. Nacional.
São Paulo.

que não possuem um simples museu regional), mas é totalmente injustificável que existam museus dissociados dos planos educacionais vigentes, dentro dos modernos ditâmes da “Escola Ativa”.

Há uns vinte e cinco anos, na escolaridade comum, ao conhecimento livresco e ao ensino meramente verbal, succedeu o emprêgo de métodos visuais. O ensino de História, por exemplo: não mais se restringiria à preleções e à memorizações infindas dos temas dados. Passou a ser indispensável que o aluno fôsse levado a consultar autores, seleccionar temas de novelas, romances biográficos, realizar crítica, enfim.

Foi sugerida a visita a *Museus*, excursões à locais históricos, apreciação de monumentos e exames directos à documentos.

O Prof. Jônatas Serrano preconizou o uso de vasta iconografia, de projecções e de mapas, como material auxiliar de ensino.

O objetivo evidente a ser atingido, era a formação da consciência social do aluno, através do ensino da História.

III

AS COLEÇÕES DOS MUSEUS DE HISTÓRIA, SUA UTILIZAÇÃO CULTURAL

Um museu que tome por base de sua mensagem, a História Pátria, será um dos melhores auxiliares da “Escola Ativa”, visando precípuamente a formação da consciência patriótica através da narrativa dos episódios mais importantes e dos exemplos mais significativos dos principais vultos do passado nacional.

Apresentará as coleções, de forma atraente, unindo-as e valorizando-as, num padrão de respeito e rigor, aos fatos documentados.

Será, sempre que possível, evitada a narrativa ganglionar, episódica, que fatalmente leva o visitante a descejar saber, quais os fatos ocorridos entre um e outro acontecimento descrito.

Objetivar-se-á, uma correlação dos fenômenos históricos, artisticos e científicos do passado, para facilitar a

compreensão dos fatos do presente (Princípio de causalidade em História).

Poderá ter lugar, ainda — a expressão biográfica, desde que fuja ao panegírico. O vulto escolhido, será o de alguém que se vincule necessariamente à sua época ou a seu grupo social. Razão ainda, para que sejam salientadas as realizações e as aspirações coletivas, desde que sentidas, como realidades históricas, de importante significação.

Entretanto, restará à sensibilidade dos responsáveis pela organização desta exposição, o reconhecimento do exato ponto de saturação da mostra, depois do qual, será impossível fazer com que o visitante, receba novos conhecimentos ou experimente novas emoções.

É comum ouvir-se a alegação de que as atuais condições (materiais, financeiras e de pessoal) de nossos museus e os tipos de visitantes que a eles vêm, não permitem, e mesmo tornam inviáveis, planos assim estruturados.

Perguntamos: — A quem, senão à Escola e ao Museu de História, caberá a tarefa elevada de aguçar o espírito de crítica construtiva e sistemática, num mundo em desenvolvimento?

Se ambos falharem neste objetivo, evidentemente, as novas gerações encontrarão seus subsídios, de forma natural na literatura, no cinema, na imprensa ou T.V., sob formas nem sempre convenientes.

IV

EXECUÇÃO DO PLANO

O ideal seria que dentro do âmbito nacional, todos os museus, Coleções e Casas Históricas, obedecessem a uma orientação harmônica geral. Este planejamento evitaria que dois museus competissem na aquisição de peças. Melhor seria completar uma coleção de uma determinada instituição, do que iniciar uma outra, que naturalmente, viria a ficar incompleta. Também o visitante lucraria, com esta supervisão das coleções, porquanto nunca mais viria a encontrar o mesmo tema, tratado do mesmo modo, em museus diferentes.

Quer na criação de um museu, ou em outra qualquer fase de sua existência, é necessário que se processe a um sério exame, a fim de prevêr ou modificar (conforme o caso) as estruturas da utilização cultural das coleções. Reconhecendo sempre que, o aparentemente mais acertado meio de *comunicação*, usado hoje, amanhã estará ultrapassado. A tendência será sempre, evitar lançar mão de instalações excessivamente onerosas, não só face aos nossos exíguos orçamentos, mas também pela observação honesta de que por mais arrojada que seja a *solução atual*, logo se tornará obsoleta.

Como um organismo, o museu tem que ter o seu desenvolvimento previsto, e a evolução se dará forçosamente, ou êle acabará morrendo em abandono.

Ora, se a História começou com o aparecimento do homem, ela continuará indefinidamente, enquanto êle existir.

Mas também é óbvio, que os prédios nos quais estão instalados os museus têm suas áreas fixas. As coleções crescendo de forma não prevista, irão se acumulando e aos poucos, com o correr dos anos, as salas de exposição lembrarão, vastos depósitos.

Para que se obtenha uma boa utilização cultural, temos que nos interessar pelo objeto, desde o instante que êle chega ao museu (ultrapassada a fase da simples coleta).

SELEÇÃO

A seleção se faz naturalmente no instante da *compra*, da *permuta* ou da *transferência* do objeto que por algum motivo, interesse ao Museu. Porém, muitas vêzes torna-se impossível no caso de uma *doação*. É conhecido o fato ocorrido num grande museu britânico que tornou-se herdeiro de um legado feito por um rico colecionador, que ao lado de uma grande quantidade de móveis de valor ultra-medíocre, deixava também, vários milhares de libras esterlinas (irrecusáveis) e tão úteis para atender às necessidades sempre prementes da instituição.

Sente-se aí, o quanto é indispensável uma triagem saneadora, que afaste das coleções, as duplicatas e as peças

de segunda ordem. Estas na maior parte das vêzes, pouco falantes ao grande público, podem tornar-se úteis a um estudioso que as encontrará na *Seção de Reservas*, que não mais se confunde com o tradicional depósito, onde jaziam outrora, empilhados e empoeirados: potes, caixas, molduras, etc. Esta secção é hoje um complemento indispensável ao museu moderno. Deve lhe ser destinado um local bem situado, arejado, insolado e de fácil acesso (para a movimentação de peças de maior vulto). Aos objetos nela guardados, corresponderão fichários e inventários, que permitam a pronta localização dos mesmos.

Seria difícil determinar condições para a seleção das peças. O critério será sempre característico do espírito da equipe e do planejamento de trabalho da instituição.

Em se tratando, contudo de coleções de objetos históricos, quer-nos parecer que, o ideal é obter objetos de *autenticidade comprovada*. Desde que, uma vêz estudada a origem da peça e a documentação a ela referente, resulte qualquer dúvida que leve ao emprêgo da expressão clássica: "*atribuído à*" melhor será encaminhar a peça à seção de reservas, onde aguardará a confirmação ou não de sua autenticidade.

A preocupação seguinte será a seleção dos objetos, face a absoluta precedência dos fatos históricos. Explicamos: entre um grande óleo de um personagem de pequena relevância histórica, e um objeto simples, mas de alta significação pela influência que exerceu num determinado momento; não há que exitar: é valorizar o pequeno objeto por uma boa apresentação estética.

Ampará-lo com a elucidação de uma carta geográfica, se fôr o caso, ou ilustrar seu uso, por meio de um esquema de feição bem simples, recursos que não devem tirar ao objeto, entretanto, a prioridade na observação e no estudo, por parte do visitante.

Não podemos ainda, quanto aos problemas trazidos pela *seleção* de objetos nos museus, nos esquecer daquêles que se criam em *pequenos museus*, onde o inverso se dá, isto é, onde o diminuto acêrvo não pode desprezar uma peça,

siquier. Contudo, a própria finalidade⁽²⁾ dos *museus regionais* que é a nosso vêr, a de documentar a História da localidade, de seus habitantes, suas realizações e o desenvolvimento do núcleo populacional, de evidenciar ainda, a forma pela qual evoluíram os acontecimentos, a perseverança que foi necessária para vencer os obstáculos e forjar a consciência de suas próprias responsabilidades, face a herança do passado diante dos dias futuros — fará, diziamos, com que os seus organizadores e mantenedores, possam enriquecer as coleções com peças recolhidas, ali mesmo no município e nos seus arredores.

Se fôr o caso de uma região sub-desenvolvida até então, mas no momento atingida por um fenômeno de valorização ou de interiorização industrial; o ideal é tentar fazer do museu, um centro ativo que estudará e preservará, traços da cultura regional, (como: --- artesanato popular, tradições orais, etc.) que logo virão a ser absorvidos pela chegada de elementos estranhos e de novas técnicas, que insensivelmente irão apagando, as velhas tradições locais.

É sumamente agradável a um visitante que chega a uma região, encontrar uma instituição capacitada a mostrar de forma leve e estética: — a cultura da localidade, a reconstrução de uma moradia característica dos primórdios da colonização e até mesmo, documentos das primeiras explorações territoriais.

Se cada local de melhor expressão cultural, promovesse a criação de um museu, nestes moldes, teríamos uma vasta rede de centros preservadores de objetos regionais, e valiosos auxiliares do ensino.

(2) O próprio ICOM tem se preocupado com estes problemas, criando um Comité Internacional para os museus regionais e os museus especializados, que em sua II Seção, realizada na Jugoslávia, entre 18 e 30 de setembro de 1960, assim caracterizou o *Museu Regional*: — “Le musée regional est un musée qui, quel qu'en soit le site, étend son action sur une région plus ou moins étendue constituant une entité naturelle, historique, et culturelle, parfois ethnique, économique ou sociale. L'étude et la présentation par le musée regional de l'un ou l'autre, ou de l'ensemble des caractères cidessus, de la région, n'excluent pas l'existence au sein de cet établissement de collections de caractère universel”. — (ICOM NEWS — Junho de 1961 — Vol. 14 — N.º 3).

APRESENTAÇÃO

Selecionadas as peças, depreende-se que um estudo mais apurado as tenha, o mais rigorosamente possível, classificado e entrosado nas coleções já existentes.

Para que o público não só tome conhecimento delas, mas também receba um ensinamento nos termos, linhas acima enunciado; é necessário dar à exposição um sentido, antes de tudo *estético*. Num parentesis, devemos honestamente reconhecer que, muitas vêzes o objeto de eleição do Conservador, nem sempre é notado pelo grande público.

Um objeto exposto entre muitos, pode “morrer” ou “encobrir” os seus vizinhos de vitrine. É preciso que atentemos numa solução lógica, que permita que a peça se valorize, sem afetar ou ser afetada pelo restante da coleção. Estaremos reduzindo a questão a um curioso jogo feito entre a noção de psicologia prática e o conhecimento da natureza humana. Fatores êsses também, indispensáveis, no discutido tema da “ETIQUETAGEM” das coleções.

Não podemos admitir uma coleção histórica, que prescindia de *etiquetas*. (Exceção se fará, por exemplo, no caso de uma lápide, que traga gravada, em seu próprio corpo, a sua origem, data, etc.).

Não cuidando das múltiplas experiências possíveis, no tocante à cor e material a ser empregado na confecção de boas etiquetas; preferimos nos deter no ponto, sempre controvertido, da elaboração e conteúdo do texto descritivo. O erudito, sempre o achará insuficiente ao seu conhecimento. Entretanto, se elevarmos o contexto ao nível universitário, obviamente estaremos diante da incompreensão dos demais visitantes. Melhor será, redigi-las numa forma simples, com capitais em destaque numa linha primeira que defina ou classifique a peça. A seguir, em linhas sucessivas, virá um pequeno texto elucidativo.

Básicamente, o tamanho da etiqueta não deve exceder ao do objeto. E é sempre recomendável a colocação no início de cada apresentação de uma etiqueta maior, contendo uma explicação geral do objetivo da mostra.

Painéis auxiliares, também complementarão com gráficos sintéticos e esquemas, as noções essenciais à boa compreensão da exposição.

Por outro lado, para uma boa apresentação, é imprescindível um amplo espaço, agradável, valorizado por cores que se harmonisem com arte. Que as coleções, se fôr o caso, sejam protegidas por vitrines bem concebidas, estéticas, mas de segurança.

Quanto mais estético, lógico e simples, fôr o critério da exposição, tanto mais será agradável, percorrê-la.

Mesmo os antigos prédios de cunho artístico — histórico, oferecem soluções as mais razoáveis, para a utilização das coleções, através de uma boa apresentação. Assim, o vasto “pé direito”, pode ser atenuado por um teto falso, revestido por um vidro fôsko, que distribuirá e tornará a luz mais difusa. O próprio gênero das peças apresentadas, evidenciará o tipo de iluminação requerida.

A luz fria tem suas indicações, e é muito bom o efeito que se obtém em exposições de óleos, por exemplo, se a combinarmos, com focos incandescentes. Hoje podemos pensar em dosar a luz necessária à valorização das peças, e inclusive valorizar a própria luz natural, principalmente, em se tratando de museus que não abram à noite.

Ainda no caso de museus funcionando em prédios adaptados, lembramos que detalhes arquitetônicos pouco condizentes com o espírito da coleção, poderão ser encobertos por meio de painés em material; que um bom decorador à serviço do museu, pode indicar. Também, das amplas escadarias, tão de gosto de toda uma época, poderemos tirar partido valorizando ao alto, quase que em caráter apoteótico, peças de três dimensões, com a necessária valorização de uma boa iluminação.

Os objetos mais falantes, os mais expressivos das exposições, logicamente merecerão uma apresentação mais cuidada. Talvez um suporte apropriado em cor contrastante, ou ainda um jôgo especial de luz.

A feição do museu ideal, estará entre o frio centro de pesquisas e o brilhante, mas vazio efeito teatral!

Enfim, o problema da boa apresentação das coleções, não se resolverá por uma complexa equação mixta de fantasia e orçamento, mas simplesmente pela adoção da fórmula: - *senso prático e Objetividade.*



A própria UNESCO, afirma através de suas diversas publicações especializadas, que até hoje nenhum esforço foi feito no sentido de aproximar o museu de associações ou de entidades trabalhistas, como sindicatos, etc. Assim a mensagem cultural dos museus continuá a visar tão somente um restrito público, que já conhece ou tem o hábito de percorrer as galerias. Perdendo-se todo um grupo, que muito lucraria culturalmente, com a experiência de uma visita dêste gênero. Porque deixar que a mensagem cultural das coleções continui a atingir tão somente a minoria intelectualizada?

Porque não caminhar o museu ao encontro do público, por meio de um bem organizado serviço de propaganda, através do rádio, jornais, revistas, televisão, cartazes, enfim das formas atuais de chamar a atenção do povo, para o que pode um museu oferecer aos seus visitantes?

Sabemos, também que os colégios que visitam os museus, são em número bem pouco expressivo, em relação à quantidade dos estabelecimentos de ensino existentes em nosso Estado.

Conseqüência natural dos currículos que assoberbam a escolaridade, deixando pequena margem às atividades extra-classe. Os poucos professores que ainda encorajam seus discípulos a visitas dêste tipo, o fazem por senso pedagógico, mas têm que conseguir, em geral, os ônibus para transporte dos alunos, na frota dos próprios colégios.

Ora, estabelecimentos que possam fornecer condução à seus matriculados, existem em pequeno número, e em sua maioria são freqüentados por estudantes pertencentes à grupos de melhor nível sócio-cultural.

Resta assim, pequeno número de estudantes que vêm ao museu por conta própria, ou por meio de transporte fornecido pelo Estado, o que é bem mais raro.

Perde neste caso, também, o museu uma excelente oportunidade de atingir grupos e classes diferentes; e auxiliar um melhor entendimento entre os homens, por meio de uma mensagem cultural niveladora.

Mas reconhecemos, conscienciosamente, que se fôsse maior o número de colegiais visitantes, não poderia ser

maior a atenção à êles destinada pelos nossos museus, enquanto não forem criados, “Serviços Educativos” funcionando separadamente, dos serviços técnicos de pesquisa. O orientador de uma turma, (que não pode ser confundido com um simples guia) precisa ser um profissional de formação universitária que alie ao dom natural da palavra, um indispensável conhecimento das modernas técnicas educacionais; necessita ter um vocacionamento para o trabalho com as “coisas de museu” e um bom senso inato que o fará transformar, tudo isto, em frases simples, ditas com bôa parcela de humor; e que transmita o seu conhecimento com uma segurança tal que aquêles que o ouçam, fiquem contagiados pela mesma centelha que o anima e faz viver, a mensagem do museu.

O esplêndido isolamento das grandes coleções, preservadas em vetustas galerias, terá que dar lugar à coleções vivas, utilizadas culturalmente, de forma dinâmica, que agradem o público, mas o eduquem sutilmente e ofereçam uma sadia fonte de distrações estimulantes do espírito.

*Sigrid Pôrto de Barros, Conservador de Museus, —
Chefe da Sec. de História (D.H.A.).*

A ESTÁTUA MAIS BONITA DA GUANABARA NAS COLEÇÕES DO MUSEU HISTÓRICO

MARFA BARBOSA VIANNA
Conservador nível 17-A

Lendo, recentemente, um dos diários escritos pelo Imperador Pedro II, encontramos a seguinte anotação, datada de 1.º de janeiro de 1862: “Nada houve de notável, além da cerimônia da colocação da 1.ª pedra no basamento da estátua de meu Pai. A estátua agradou-me muito, apesar de vista de perto. É colossal, e muito semelhante, segundo dizem os que conheceram meu Pai. Não me parece exato o perfil, e a ponta do nariz se me afigura chata demais”.

Trata-se, segundo a opinião de Pedro II, de uma estátua colossal. Especifiquemos — a altura total do monumento é de 15m70; até o alto da cantaria tem 3m30; até o alto da cornija, 6m40 (incluída a medida da cantaria); o peso total da estátua é de 55 toneladas. E é o mais grandioso monumento da Guanabara, sem nenhuma dúvida, tanto por sua beleza artística, quanto por seu significado histórico. Situado na Praça Tiradentes, da qual contaremos em seguida a história, o monumento foi aplaudido e combatido por muitos. Questões políticas.

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

No século dezoito, para não irmos muito longe, a atual praça Tiradentes era denominada “Rócio Grande”. Acampamento de soldados, servia de campo de manobras militares. Foi demarcado em 1791 e saneado. Surgiram as primeiras casas. Como os ciganos faziam acampamento no local, o povo batizou o Rócio de “Campo dos Ciganos”. O ministro José Bonifácio de Andrada, em portaria datada de 2 de março de 1822, determinou que o “Campo dos Ciganos”

seria chamado de Praça da Constituição, numa homenagem ao juramento da Carta Portuguesa (26-2-1821). E a Praça foi centro de boêmios e de tipos populares, tais como o Bruzundunga, que existiu mesmo. Onde hoje está instalada a Inspetoria do Trânsito, já funcionou o Ministério da Justiça. O casarão, hoje pálida memória do passado, pertenceu ao visconde do Rio Sêco, milionário, cuja esposa dava festas fabulosas, coberta de jóias que, ao câmbio de hoje, valeriam milhões de cruzeiros. O Teatro Real de São João era no Rócio. Inaugurado em 12 de outubro de 1813, nêle estreou a companhia italiana de Óperas Ruscolli. Esta casa de espetáculos foi denominada, sucessivamente, Teatro D. Pedro de Alcântara, Constitucional Fluminense, São Pedro de Alcântara, São Pedro e João Caetano.

A praça Tiradentes foi um dos centros da boemia intelectual carioca. Seus cafés eram freqüentados por jornalistas, escritores, teatrólogos e artistas de teatro. O Atual cinema São José, de categoria popular, foi, no passado, o teatro "Variedades". Havia, naquele logradouro, tôda uma gama de diversões — boliche, mafuás, teatros de variedades. Atualmente, a praça Tiradentes (recebeu tal nome por edital da Municipalidade, de 21 de fevereiro de 1890), perdeu sua beleza, restando somente a estátua de Pedro I, da qual passaremos a contar a história.

PRIMEIRA ESTATUA

O monumento equestre de nosso primeiro imperador celebrou, em março último, o centenário. Inaugurada em 30 de março de 1862, a festa foi brilhante, tendo sido o seguinte o programa da solenidade, segundo o historiador Moreira de Azevedo: Às cinco horas menos um quarto, chegou a família imperial que ficou sob o pátio armado na porta do teatro São Pedro. Momentos depois, o imperador Pedro II, acompanhado por pomposo cortêjo, dirigiu-se para o lugar da estátua, que foi descoberta, ao brado de "Viva a Independência Nacional". Estava oculta da multidão por um véu de sêda listrada de verde e amarelo, oferta do presidente da Câmara Municipal. Romperam os vivas, correspondidos pelo povo e tropa. As senhoras, que ocupavam as janelas da praça agitaram lenços brancos; a tropa em parada apresentou armas ao som do hino tocado pelas bandas

PROGRAMMA

PARA

A CEREMONIA DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO BASEAMENTO DA ESTATUA EQUESTRE

DO

SENHOR D. PEDRO I.

I.

No dia designado por S. M. O Imperador, terá lugar a collocação da pedra fundamental do pedestal da estatua equestre, que se vai erigir na Praça da Constituição ao Fundador do Imperio.

II.

A um lado da base, destinada a receber o pedestal, se levantará uma tenda ornada com bandeiras nacionaes, onde se collocarão duas cadeiras de espaldar para SS. MM. Imperiaes, e outras duas para as Augustas Princesas.

III.

Collocar-se-ha tambem na mesma tenda uma cadeira sobre a qual estarão os officiaes necessarios para a cerimonia.

IV.

Ao lado opposto da tenda se elevará um correo para uma banda de musica.

V.

Um batalhão de tropa de linha fará a guarda de honra.

VI.

Meia hora antes da que for designada para a cerimonia, se reunirão os membros da commissão encarregada de erigir a estatua, a a Ilustreissima Camara Municipal, para a recepção de SS. MM. Imperiaes.

VII.

Logo que se avistar o coche de SS. MM. Imperiaes, os membros se dirigirão ao encontro de SS. MM. II. e AL. Princesas, que serão recebidas no arco do Hymno Nacional e conduzi-las á tenda, onde se dignarão de tomar assento nas cadeiras que lhes são destinadas.

VIII.

Obtida a permissão de S. M. O Imperador, entregará o acto, lendo o presidente da commissão um discurso analogo á cerimonia; depois do que o secretario procederá a leitura do auto da fundação da estatua, que deverá ser lido, assignado pelos membros da commissão.

IX.

Finda a leitura do auto, será o mesmo depositado em uma caixa de cedro, com os objectos seguintes:

- 1.º O termo da circumscricção de dia 9 de Janeiro de 1822, authenticado.
- 2.º O manifesto da guerra, tambem authenticado.
- 3.º Um exemplar da Constituição do Imperio.
- 4.º Moedas cunhadas com o effigie de S. M. O Senhor D. Pedro I.
- 5.º Moedas cunhadas com o effigie de S. M. O Senhor D. Pedro II.
- 6.º O Hymno da Independencia, composto pelo Senhor D. Pedro I.
- 7.º Copia authenticada da acta da sessão extraordinaria da Illma. Camara Municipal, celebrada em 7 de Setembro de 1834, da proposta de 29 de Dezembro de 1832, e o Projecto da Camara das Representações de 25 de Julho de 1835.
- 8.º As folhas dactylas do dia.

X.

A caixa de cedro será depositada em uma cadeira de couro, e depois de soldada, conduzida ao lugar, onde deve ficar, por S. M. O Imperador e mais tres pessoas por Elle designadas.

XI.

Collocada a caixa em seu lugar, tocar-se-á o Hymno da Independencia, e grândolos, que subirão ao ar, annunciando a capital do Imperio este grande acto.

XII.

Logo que S. M. O Imperador (l) por fim o acto, a commissão e a Ilustreissima Camara Municipal acompanharão a SS. MM. II. até o coche. O cumprimento da despedida lerá lugar ao som do Hymno Nacional, e o presidente da commissão, levantando as vistas do estylo, dará fim a esta cerimonia.

XIII.

Do auto da fundação da estatua mandam-se-lhe copias authenticas ao Archivo Publico, ao Instituto Historico, á Camara Municipal, e á Bibliotheca Nacional. Os exemplares impressos serão distribuidos pelas pessoas presentes.

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1861.

TYPOGRAPHIA DE V. DE PAZES BRITO — 1861.

de música dos diversos corpos, e abateu os estandartes. O marquês de Abrantes desenrolou o autógrafo da Constituição e o visconde de Cabo Frio fez tremular o estandarte da Independência. A artilharia, postada no morro de Santo Antônio (hoje em pleno desmonte), saudou com uma salva o herói do Ipiranga. Muitas das janelas da praça serviram para o lançamento para róis de poesias relativas ao acontecimento. Reproduzimos, a título de curiosidade, versos da autoria de José Bonifácio de Andrada e Silva.

“Ei-la — a estátua do herói! Símbolo de glória:
Vai aos astros subir, ao céu aponta!
Sol, que vivo resplendor desponta,
Tem por brilhante luz a luz da história!
Salve emblema gigante! — Grande e nôvo..
Surge o passado inteiro à voz do povo!
Quem sabe quanta idéia... sim.. quem. sabe;
Há de lembrar essa matéria inerte?!
Por mais que o tempo o giro eterno aperte
Não há poder que essa memória acabe!
É a estátua do herói — o tempo invade...
Foi rei... foi rei... mas rei da liberdade!
Dois cetros enjeitou! Aqui seu vulto
O braço popular avante ergueu;
E na base imortal êle escreveu
— Independência ou morte! — Eis o meu culto!
Brasileiros, chorai! — Sôbre esta campa
O sol da Eternidade Deus estampa.
Que vida foi a tua, herói valente,
De povos libertador soldado!
Quem pode erguer um hino alevantado
Igual de tanta glória e tão ingente?!
Teu nome é um século — não precisa um hino....
Não morrem sec'los, não! é teu destino!
Roma — fundou-a o braço do bandido,
A Grécia surge anuviada e triste;
Mas no brasílio céu onde luziste
O rei foi povo, e o povo rei tem sido!
Salve herói, que na corôa tens ilesa
A glória, a liberdade, a realeza”.

Esta poesia, no estilo peculiar à época na qual foi escrita, reflete o estado de espírito de grande parte da popu-

lação, a respeito de nosso primeiro imperador. Mas, alguns anos mais tarde, Lopes Trovão, empenhado a fundo na revolta contra o Impôsto do Vintém, agitou a cidade. E o povo, furioso, apedrejou a estátua. Finda a República Velha, patriotas e jacobinos quizeram organizar uma subscrição popular para o pagamento da dívida externa do país. E pensaram em fundir a estátua e vender o bronze para tal objetivo. Mas, felizmente para a Arte e a História, o plano falhou, e o mais belo monumento carioca foi salvo. Agora, como foi erguido, e quem o desenhou e fundiu?

CONCURSO E PLANOS

O redator do “Despertador Constitucional”, em 6 de outubro de 1824 apresentou um plano para o erguimento de uma estátua do fundador do Império. O Presidente do Senado da Câmara, em sessão extraordinária (11 de maio de 1825), resolveu falar pessoalmente a D. Pedro I sobre o assunto. Num dia de beija-mão, leu um discurso dirigido ao filho de D. João VI, falando da necessidade do erguimento da estátua. E o Imperador respondeu-lhe: “Aceito a lembrança do Senado e a agradeço”. Em junho do mesmo ano, Pedro I declarou que apreciaria se a estátua fôsse erguida no Campo da Aclamação. Depois disto, passando o tempo, vários artistas fizeram planos do monumento, inclusive Grandjean de Montigny, Porto-Alegre e Pettrich. O vereador Duque Estrada, em 1852, Segundo Reinado portanto, apresentou indicação no sentido de que fôsse elevada uma estátua à memória de D. Pedro, abrindo-se uma subscrição popular para tal fim. Em 7 de setembro de 1851, a Câmara Municipal reuniu-se em sessão extraordinária e foi apresentado um projeto do Dr. Haddock Lôbo, que, em linhas gerais, dizia o seguinte — será levantada na Praça da Constituição uma estátua à memória de S.M.I. o Senhor Dr. Pedro, primeiro imperador e defensor perpétuo do Brasil; para as despesas da obra, concorrerão todos os cidadãos, na proporção de seus haveres, desde a quantia de mil réis, mínimo admitido, e 100 mil réis, máximo permitido; uma comissão da municipalidade, composta de nove membros, arrecadará as quantias e delas prestará contas. Além de outras providências, dizia ainda: se depois de concluída a estátua se verificarem sobras das quantias subscri-

tas, serão elas aplicadas à conclusão de algum estabelecimento da côrte ou província do Rio de Janeiro, ou a alguma melhoria material de reconhecida utilidade.

A comissão da Municipalidade resolveu convidar artistas para apresentar plantas e desenhos, com um prazo de entrega de 90 dias. Em 26 de junho do mesmo ano, ou seja, 1854, a Comissão, reunida no Palácio das Belas Artes, apreciou 35 desenhos e moldes, que o público viu, em exposição, durante duas semanas. Os três desenhos escolhidos receberam o prêmio de um conto de réis. O 1.º lugar coube ao desenho número 28, com o anagrama “Independência ou morte”. O 2.º, para o desenho n.º 3, anagrama “Dem bertem strebe nach”; e o 3.º modelo 12, anagrama “Vivere arbitrato suo”. Abertos os envelopes lacrados, verificou-se que o primeiro prêmio tinha sido conferido a João Maximiano Mafra, professor-substituto de Pintura Histórica da Academia de Belas Artes.

O escultor francês Louis Rochet foi encarregado de passar para o bronze, em Paris, o desenho de Mafra. Por tal motivo, muitos julgam, errôneamente, que a estátua é da autoria de Rochet. O estatuário francês sugeriu, realmente, algumas modificações no monumento. Mas a glória de sua idealização pertence ao brasileiro Maximiano Mafra.

As coleções do Museu Histórico Nacional possuem três maquetes em gesso pintado de grupos de estátuas que figuram no pedestal do monumento — Rio Madeira, Rio Paraná e Rio São Francisco. Tais esculturas vieram para o HMN adquiridas do leilão Fonseca Hermes. Consta que são da autoria de Rodin. Mas, como não vimos nem examinamos provas neste sentido, não assumimos a responsabilidade de aceitar que seja obra do genial artista francês. Figura, igualmente nas coleções desta Casa, na Divisão de Numismática, Sigilografia, Condecorações e Filatelia, uma nota do Tesouro Nacional, cujo reverso reproduz a estátua de Pedro I. Eis a descrição do papel-moeda — 1 mil réis, época do Segundo Reinado. 7.ª estampa, 1.ª série. Letra A. Número 34.267. Impressa na American Banknote Company, Nova York. Emitida a 1-1-1889. Prêta e verde. No anverso, o Palácio Imperial de Petrópolis. O Museu Nacional de Belas Artes conserva uma maquete, em bronze, da parte superior do monumento (estátua equestre de Pedro I).

Agora, para finalizarmos, descreveremos o monumento. Sua altura já foi especificada no início dêste trabalho.

Quatro grupos de índios e animais representam os rios Amazonas, Paraná, São Francisco e Madeira. O “Amazonas” é um casal de índios; o “Paraná” é um índio, de arco e flexa, tendo aos pés um tatú, um tapir e duas aves aquáticas; o “São Francisco” tem um índio, um pôrco do mato e um tamanduá e o quarto grupo, “Rio Madeira”, representa um índio, uma tartaruga, peixes e uma ave. No alto, vê-se as armas da família real de Bragança, em bronze, ladeadas pelos dragões e encimadas pela corôa imperial (bronze dourado). A figura de Pedro I encima o monumento, montado num cavalo, levantando, com a mão direita, o documento da Independência do Brasil. A estátua é cercada por uma grade de ferro, com quatro luminárias. Nas colunas destas estão inscritas as datas principais da vida de nosso primeiro imperador. Coberta pela pátina do tempo, como deve ser, apesar de muitos acharem que deve ser limpa (a única forma correta de limpá-la é pelo sistema dos jatos de areia), a estátua, primeira do Rio de Janeiro, completou 100 anos e deverá ser admirada e vista por todos. A base do pedestal é de granito, com degraus, dando importância à obra.

BIBLIOGRAFIA

- NORONHA SANTOS — O Rio de Janeiro.
NELSON COSTA — Rio de ontem e de hoje.
MORALES DE LOS RIOS FILHO — O Rio de Janeiro Imperial.
VIEIRA FAZENDA — Antigualhas e Memórias do Rio de Janeiro.
AUGUSTO MAURÍCIO — Meu velho Rio.
CARLOS SARTORI — As estátuas do Rio de Janeiro.



Fig. 2 — Maquete em gesso do Rio São Francisco

(Coleções do M.H.N.)



Fig. 3 — Maquete em gesso do Rio Madeira

(Coleções do M.H.N.)



Fig. 4 Maquete em bronze do monumento, pertencente às coleções do Museu Nacional de Belas Artes.



Fig. 5 — Maquete em gesso do grupo do Rio Paraná

(Coleções do M.H.N.)



Fig. 6 — Fotografia da estátua de Pedro I

(pertencente às coleções do M.H.N.)

A MOEDA FIDUCIÁRIA DA DIVISÃO DE NUMISMÁTICA E SIGILOGRAFIA DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

ANTONIO PIMENTEL WINZ
Conservador, nível 17-A do M.H.N.

BREVE NOTÍCIA HISTÓRICA

A moeda fiduciária, principalmente a brasileira, constitui presentemente um campo de estudos muito pouco devassado e pesquisado.

A literatura sobre a mesma não possui ainda um século; os primeiros trabalhos são apenas comunicações esparsas relacionadas com a legislação, meios para sustar as emissões desordenadas, etc.

O estudo criterioso sobre o papel-moeda nacional inicia-se com o trabalho — *Moeda Fiduciária do Brasil — Apontamentos para a sua história* — por M. A. G. (1)

Compreende duas partes distintas:

1.^a Parte

Emissões do Governo

Bilhetes da Permuta do ouro em pó.

Bilhetes do 1.^o Banco do Brasil.

Cédulas e conhecimentos do trôco do cobre.

Notas do Tesouro.

(1) Este exemplar manuscrito pertence à biblioteca técnica especializada da Divisão de Numismática. Contém a seguinte anotação: "(Cópia de um manuscrito inédito que nos foi gentilmente emprestado pelo Conselheiro Miguel Archanjo Galvão. Escripto em 1894, foi em 1899 augmentado com m.^a alg.^a apontamento)". 8b^o de 1899 — PEDRO MASSENA.

2.^a Parte

Índice dos bancos de emissão.

Fusão do Banco da República dos EU do Brasil com o Banco Nacional do Brasil.

Unidade Bancária.

Consolidação da legislação sobre bancos de emissão.

Decreto n.º 183C de 23 de setembro de 1893.

Lei n.º 427 de 9 de dezembro de 1896.

Extinção da faculdade de emitir concedida aos bancos.

O autor ao desenvolver cada um desses itens, além de fornecer a legislação do mesmo, analisa os vários valores, bem como as características principais das cédulas, fornecendo ainda a relação das peças existentes na sua coleção particular e aquelas que não possui.

Em 1903 aparece a grande obra de *Julio Meili* — *A Moeda Fiduciária no Brasil — 1771 até 1900* — ⁽²⁾ ainda hoje indispensável para qualquer estudo do ramo fiduciário, embora apresente uma lacuna de mais de meio século até a época presente.

O grande mestre baseou-se em muitas passagens da sua preciosa obra no manuscrito do Conselheiro Galvão. É um trabalho que abarca toda a moeda-papel nos seus mais variados aspectos, inclusive elementos que pelas suas características e fins não podem ser considerados como dinheiro.

As pesquisas presentes limitam-se a estudos sobre peças isoladas ou pequenos conjuntos de cédulas a respeito de um determinado assunto. Fazem-se necessários trabalhos minuciosos e extensos que abranjam períodos mais largos da nossa história fiduciária, tais como as épocas colonial, imperial ou republicana.

Após essas ligeiras digressões, é necessário conhecermos como foi iniciada e desenvolvida a atual coleção de moeda-papel existente no Museu Histórico Nacional.

Infelizmente os primeiros dados por nós obtidos em pesquisa feita no Museu Nacional, não nos forneceram muitas luzes sobre a moeda fiduciária.

(2) Este exemplar constitui a Parte III do monumental trabalho de Meili *O Meio Circulante no Brasil* (Das Brasilianische Geldwesen) cuja Parte I corresponde *As Moedas da Colônia do Brasil* (Die Münzen der Colonie Brasilien 1645 bis 1822) e a Parte II compreende *As Moedas do Brasil Independente* (Die Münzen des unabhängigen Brasilien — 1822 bis 1900).

São igualmente elementos de alta valia para termos uma idéia que nos princípios do século XIX e desde as primeiras épocas da sua existência, aquella instituição científica já possuía uma coleção numismática bastante apreciável.

O inventário de 30 de abril de 1838 acusava 1.105 exemplares, sendo 442 moedas e 663 medalhas. ⁽³⁾

No Relatório do ano de 1874 destaca-se a seguinte sentença: “uma colleção numismática comprada a João Teixeira de Andrade Leite”, não são mencionadas as peças adquiridas nem os metais componentes das mesmas.

Ao término dêsse Relatório deparamos com um quadro estatístico das peças numismáticas existentes no Museu Nacional até 31 de janeiro de 1874, contendo a nacionalidade e os diversos metais, compreendendo um total de 2.943 moedas (sendo 166 de ouro, 1.390 de prata, 30 de níquel e 1.357 de cobre) e 1.266 medalhas (sendo 7 de ouro, 117 de prata e 1.142 de diversos metais). Contavam-se igualmente 22 peças de condecorações nacionais de ouro e prata, faltando apenas o Colar da Ordem da Rosa para completar a coleção brasileira naquela época. ⁽⁴⁾

O Relatório de 1875 acusa apenas a incorporação de novas moedas e medalhas, cujas primeiras, já atingem a 3.438 exemplares e as outras orçavam por 1.356 peças. ⁽⁵⁾

O Museu Nacional, segundo o regulamento redigido pelo Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida que foi transformado no Decreto 6.116 de 9 de fevereiro de 1876, ficava dividido em três secções: 1.º antropologia, zoologia geral e aplicada, anatomia comparada e paleontologia animal; 2.º botânica geral e aplicada e paleontologia vegetal; 3.º ciências físicas, mineralogia, geologia e palcontologia geral.

Dizia ainda êste decreto no art. 3.º “Enquanto se não realizar a criação de estabelecimento especial para o estudo de archeologia, ethnographia e numismática, constituirão estas matérias uma secção anexa ao Museu Nacional”. ⁽⁶⁾

(3) Investigações históricas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro pelo Dr. Ladislau Netto Rio de Janeiro 1870 pág. 62.

(4) Relatório do Museu Nacional apresentado ao Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

(5) Obra citada.

(6) Coleção das Leis do Império do Brasil de 1876 — Tomo XXXIX Parte II Volume I — Tipografia Nacional 1876 pág. 206.

O Relatório do Museu Nacional relativo ao ano de 1877 apresenta a primeira anotação sôbre a moeda fiduciária — uma nota da República do Paraguai do valor de um real, doada pelo Sr. Barnabé Antônio Dias.

Não sabemos se naquela época já existiam outras cédulas; nada encontramos que pudesse ser esclarecido.

O Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão desde 1881 cogitava no seu relatório anual ao Barão Homem de Melo da necessidade de uma seção especializada que se dedicasse exclusivamente aos estudos numismáticos. Esta pretensão se encontra na pág. 932 dos Anais da Biblioteca Nacional. (7)

Naquela Exposição figuram apenas moedas e medalhas pertencentes ao Museu Nacional, cujo catálogo foi elaborado pelo seu diretor Dr. Ladislau Netto, conforme consta do seguinte parágrafo inserto na pág. 8: “Ao cavalheirismo e extrema obsequiosidade do illustrado Sr. Dr. Ladislau Netto, Director Geral do Museu Nacional, devemos o bem elaborado Catálogo das medalhas e moedas expostas, confiado à reconhecida proficiência do intelligente e prestimoso Conservador da Seção de Numismática d’aquêle importante Estabelecimento, o Sr. Luiz Ferreira Lagos”. (8)

A moeda-papel continuava relegada a um plano secundário; só figuravam nas exposições peças metálicas mais vistosas e de alto valor.

Até o fim do império a coleção numismática continuou fazendo parte da 4.^a Seção do Museu Nacional, conforme se depreende das palavras do Dr. Ladislau Netto: “Le même règlement a créé une quatrième section annexée provisoirement aux trois autres et devant embrasser l’archéologie, l’ethnographie et la numismatique. Cette section spéciale avec l’exclusion, bien entendu, de la numismatique, était alors, comme aujourd’hui, destinée à servir de base à un musée d’archéologie et d’ethnographie américaines”. (9)

(7) Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional — Publicado sob a direção do Bibliotecário João de Saldanha da Gama 1885.

(8) Obra citada.

(9) Le Muséum National de Rio de Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil par Ladisláu Netto — Paris — 1889 — pg. 18.

Como podemos constatar não havia entrosamento da numismática com as outras atividades científicas estudadas e pesquisadas naquela instituição; seria um corpo estranho totalmente desvinculado dos seus fins precípuos e ciências análogas.

A sua transferência para a Biblioteca Nacional era uma medida urgente que se impunha com o fim de resguardar tão precioso acervo de um imprevisível fracionamento.

Essa pretensão foi colimada em 1893, pois o Relatório referente ao exercício de 1895 e apresentado pelo então Diretor da Biblioteca Nacional Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, dava conta da existência da coleção numismática do Museu Nacional na recém criada Sub-seção Numismática: — “Basta dizer que as moedas e medalhas que pertenceram ao Museu Nacional e constituem o grosso do que ora possuímos, ainda jazem sepultadas nos caixões em que vieram há dous annos para a Bibliotheca; um dos quaes ainda nem foi aberto”. (10)

No Relatório da Biblioteca Nacional para o ano de 1901 anotamos a seguinte sentença: “A colleção de notas composta de 83 peças foi disposta num album de folhas móveis proprio para sellos”. (11)

Pelo exposto, a coleção fiduciária era bem modesta em começos do século XX. Já o Relatório do ano de 1902 acusava um recebimento de 107 peças de moeda-papel. (12) A partir dessa época em diante, novas aquisições por doação ou compra contribuíram para aumentar mais o acervo fiduciário.

Esta situação favorável é acusada no Relatório do ano de 1911 no seguinte parágrafo: “A exposição de medalhas brasileiras foi substituída nos respectivos mostradores pela da colleção de papel-moeda, que ficou disposta em albuns de fôlhas móveis”. (13)

: (10) Anais da Biblioteca Nacional — Volume XVIII — 1896 — pg. 481.

(11) Anais da Biblioteca Nacional — Volume XXIV — 1902 — Relatório do ano de 1901 — pg. 387.

(12) Anais da Biblioteca Nacional — Volume XXV — 1903 — Relatório do ano de 1902.

(13) Anais da Biblioteca Nacional — Volume XXXIV — 1912 — Relatório do ano de 1911.

A partir de 1911 começamos a encontrar nos diversos *Livros de Registro* indicações sobre peças fiduciárias incorporadas ao patrimônio já existente. São três os Livros de Registro que interessam ao nosso estudo; se encontram atualmente na biblioteca técnica especializada da Divisão de Numismática e Sigilografia.

Deixando de lado as pequenas aquisições de exemplares isolados ou grupos restritos, apenas mencionaremos as de maior destaque que contribuíram para a expansão do vasto acervo existente atualmente.

1.º Livro — O mais antigo que o Museu possui (com a indicação de 3.º Livro de Registro) corresponde ao período de 24-6-1911 a 8-11-1917.

— A primeira anotação existente refere-se à cédula da República RioGrandense (Piratini) do valor de 10\$000 (número 1.174) adquirida por compra a Raul Augusto do Pinho por 100\$000 em 24-6-1911.

— 4-1-1912 — cédulas de vários valores compradas ao Sr. Simoens Silva.

— 31-7-1912 — cédulas autênticas e falsas de vários valores do império e república, adquiridas de D. Olympia da Silveira de Araujo Corrêa. Nessa mesma ocasião foram doados vários exemplares pelo Dr. Edgard de Araujo Romero.

— 19-2-1913 — vários bilhetes de Loteria do século XIX doados pelo Sr. Baptista da Motta.

11-11-1914 — 57 amostras de cédulas nacionais doadas pelo Diretor Geral dos Correios.

— 17-11-1914 — cédulas do Banco do Brasil 3.ª Estampa 1829 adquiridos a Antônio Felisberto de Oliveira.

— 3-1-1916 — vales de Minas Gerais doados pelo Doutor Constâncio Alves.

— Em dezembro de 1916 e janeiro de 1917 foram adquiridas de Joaquim dos Santos Leitão cédulas pertencentes a países estrangeiros e algumas brasileiras.

2.º Livro — (anotado como 4.º Livro de Registro) compreende o período de 1917 à 1924.

— 22-7-1919 — provas de cédulas e títulos do Império adquiridos aos Srs. Leite Ribeiro e Maurillo.

— 31-12-1920 — bilhetes de passagens, vales de companhias e particulares doados pelo Dr. João Baptista da Motta.

— 23-8-1921 — bilhetes, vales de companhias; apólices de Pernambuco doados pelo Dr. Manuel Cícero.

— Em novembro de 1923 foram incluídos por doação no acervo fiduciário da então 2.^a Seção de Numismática do M. H. N. cédulas do império de vários valores e estampas provenientes do Museu Naval, da Comissão Executiva do Centenário da Independência e da Biblioteca Nacional.

3.^o Livro — Inicia-se em 1924 até a época atual.

— 1924 — a Coleção Massena adquirida por compra compreendia 2.166 exemplares, assim distribuídos conforme consta do Relatório de 1924 elaborado pelo então chefe da 2.^a Seção de Numismática Dr. Edgard de Araujo Romero:

Apólices de Municipalidades, vales e reclames	1.451
Cédulas	715
	2.166

Se consultarmos o livro de registro, veremos a heterogeneidade dos exemplares, não só fiduciários, como igualmente aquêles que não constituem moeda-papel.

— 14-3-1927 e 10-1-1928 — o Arquivo Nacional transferiu para o M. H. N. inúmeros exemplares de cédulas do Tesouro Nacional, modelos do Banco do Brasil e da Caixa de Estabilização.

— 12-4-1930 — por transferência de repartição, a Caixa de Amortização enviou grande número de cédulas de várias estampas do Tesouro Nacional da República e da Caixa de Conversão, contando-se entre as mesmas vários modelos.

— 16-5-1933 — permuta com o Sr. José Basbaum, de 477 exemplares de moeda-papel européia, destacando-se nesse conjunto cédulas da Alemanha (347) e Áustria (92); tudo avaliado na época em 150\$000.

— 9-11-1936 — por transferência foram enviados pela Casa da Moeda inúmeros ensaios, provas de nota de Bancos e cédulas do Tesouro Nacional da República.

8-12-1939 — por permuta com o Sr. Kurt Prober o Museu recebeu 996 cédulas de necessidade da Áustria e Alemanha.

1944-1945 — por compra ao Sr. Leone Ossoviggi cédulas nacionais e estrangeiras de vários valores.

15-4-1944 — permuta com o Sr. Kurt Prober de várias cédulas européias, principalmente da Rússia.

1959 — embora não constituindo moeda fiduciária, porém de grande valor para estudos que venham a ser elaborados sobre esse assunto, adquiriu o Museu por permuta com a viúva Clementina Pimentel Winz uma grande coleção de Impressos de Bancos e Apólices de Companhias de Seguros, num total de 758 exemplares.

Nota — Em 1920 foi oferecida a venda ao governo brasileiro pela quantia 200.000 francos suíços a preciosa Coleção Julio Meili. Naquele conjunto, avaliado pelos técnicos nacionais, destacava-se a moeda fiduciária com 1.059 peças, apresentando muitos exemplares de alta raridade. Não tendo sido efetuada a transação, foi essa coleção retalhada em São Paulo entre vários colecionadores, dentre eles o Sr. Pedro Massena, cujo acervo foi incorporado ao Museu em 1924.

A COLEÇÃO FIDUCIÁRIA DO MUSEU

Este conjunto de exemplares numismáticos, passou a ser por mim manuseado no início de 1956, após ter sido designado pelo então Chefe da Seção de Numismática Dr. Alfredo Solano de Barros para aquêle mister, conforme se depreende do Memorandum n.º 6 exarado naquela ocasião:

Seção de Numismática do Museu Histórico Nacional —
Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1955.

Memorandum n.º 6.

Assunto: Designação do Conservador Cl. I, Antônio Pimentel Winz, para *estudar e organizar o Catálogo descritivo da moeda fiduciária* (papel-moeda), parte integrante da *Coleção Numismática Brasileira* do M. H. N.

O Chefe da Seção de Numismática tendo em vista que o Conservador interino Cl. I, Antônio Pimentel Winz, recen-

temente lotado no M. H. N. vem de ser encaminhado pelo Sr. Diretor desta Repartição para exercitar atividade funcional perante esta mesma Seção, e, usando das atribuições decorrentes da *Portaria de nomeação* n.º 3 de 26 de fevereiro de 1954, publicada no B.P. in n.º 63 de 6 de junho de 1954, referido, e cuja portaria de nomeação credencia o funcionário no exercício pleno de um cargo de direção.

Resolve esta Chefia designar o referido Conservador Antônio Pimentel Winz, para, em caráter permanente, *estudar e catalogar* sob a sua orientação técnica doutrinária — a moeda fiduciária (Papel-Moeda) que, em verdade, constitui parte integrante da *Coleção Numismática Brasileira* e que permanece no acêrvo da Seção de Numismática sem que, entretanto, até a presente data, *houvesse merecido catalogação*, ao, menos, *de ordem primária*...

Recomenda esta Chefia ao Conservador, ora designado para serviço técnico a obra especializada — *O Meio Circulante no Brasil, Parte III, a Moeda Fiduciária no Brasil* de Meili (Julius), existente na Biblioteca da Seção de Numismática do M. H. N.

O Chefe da Seção de Numismática. — *Alfredo Solano de Barros*, (Conservador Cl. L).

Esta coleção de quase 6.000 exemplares se encontrava na sua terça parte disposta nos 13 Alburns de Papel-Moeda, sem nenhum critério seletivo, com assuntos diversos contidos num mesmo Album.

O nosso primeiro trabalho consistiu em separar a moeda fiduciária dos outros exemplares que não poderiam ser designados como tal, em dois grandes grupos.

Em seguida separamos as duplicatas, após o que selecionamos as peças que iriam figurar na Coleção Oficial do Museu. Vários requisitos das peças foram tomados em consideração como: estado de conservação, série, numeração, etc.

Depois foi feita a classificação dos exemplares pelos seus diferentes grupos, obedecendo a vários critérios, tais como: cronológico, alfabético, geográfico, etc.

Ao lado dessa classificação foi executado o competente inventário e avaliação.

Todos êsses processos se acham descritos no trabalho intitulado — *O Problema da Classificação da Coleção Fiduciária da Divisão de Numismática e Sigilografia do Museu Histórico Nacional* — a ser apresentado em maio de 1962 na cidade do Salvador, por ocasião da realização do III.º Congresso Nacional de Museus.

Concomitantemente com aquêles trabalhos, foi sendo feita a recuperação de inúmeras cédulas que passaram por vários processos de restauração, conforme o estado de cada exemplar o exigisse como seja: limpeza das peças, restauração de partes ou do todo, etc.

A questão da conservação da coleção foi igualmente estudada sob aspectos diversos: capas plásticas, envelopes plásticos, folhas de cartolina, etc.

Todos êstes problemas foram descritos num outro trabalho para o III.º Congresso Nacional de Museus — *Considerações sôbre a Conservação da Coleção Fiduciária existente na Divisão de Numismática e Sigilografia do Museu Histórico Nacional*.

INVENTARIO E AVALIAÇÃO

Completando estas ligeiras notas sôbre a coleção de moeda-papel do Museu Histórico Nacional elaboramos diversas *Tabelas*, cada uma contendo um número maior ou menor de exemplares, conforme os assuntos a que estejam relacionados.

Estas *Tabelas* seguem fielmente a classificação que foi estruturada para a coleção fiduciária oficial do Museu.

A *avaliação* dos exemplares está atualizada para o ano de 1962, levando em conta vários fatores como: o grau de raridade, flutuação constante dos preços no mercado numismático, depreciação da moeda, etc.

Dez Albuns da Coleção Oficial já se encontram com todos os exemplares dispostos nos mesmos, obedecendo a uma rigorosa classificação de acôrdo com as características de cada grupo.

Os textos e legendas por mim elaborados estão sendo transcritos para êsses diversos Albuns à nanquim pela professora do Colégio Santo Inácio, Clementina Pereira Lua.

TABELA I

MOEDA FIDUCIÁRIA DO BRASIL COLONIAL E IMPERIAL

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Guias de Registro de barras de ouro.....	13	23.000,00	—	—
2) Bilhetes da Real Extração Diamantes.....	10	11.400,00	16	9.600,00
3) Fôlha d/Livro da/Receita Real Extração.....	1	6.000,00	—	—
4) Bilt. Permt. d/Ouro em pó-1808-1. ^a Emss.....	4	8.000,00	—	—
5) Bilt. Permt. d/Ouro em pó-s/d-2. ^a Emss.....	7	14.000,00	—	—
6) Céd. autoriz. transit. d/Ouro f/M.G. 1845.....	1	5.000,00	—	—
7) Banco do Brasil - 1. ^a Emissão - 1810.....	2	4.000,00	—	—
8) Banco do Brasil - 3. ^a Emissão - 1829.....	17	8.850,00	5	950,00
9) Resgate d/moeda d/cobre - Bahia - 1828.....	1	5.000,00	—	—
10) Resgate d/m d/c - Bahia - Cdto. Pub. 1828.....	1	5.000,00	—	—
11) Céd. d/Trôco d/c - p/t/Prov. d/Imp. 1833.....	25	11.760,00	12	2.560,00
12) Conhecimento d/Repub. d/Piratini 1838.....	1	50.000,00	—	—
TOTAL.....	83	152.010,00	33	13.110,00

TABELA II

CÉDULAS DO TESOIRO NACIONAL DO IMPÉRIO

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Tesouro Nacional - 1. ^a Estampa.....	11	2.800,00	8	1.140,00
2) Tesouro Nacional - 2. ^a Estampa.....	10	1.600,00	16	1.130,00
3) Tesouro Nacional - 3. ^a Estampa.....	7	1.850,00	7	660,00
4) Tesouro Nacional - 4. ^a Estampa.....	9	2.500,00	11	1.800,00
5) Tesouro Nacional - 5. ^a Estampa.....	10	2.500,00	7	600,00
6) Tesouro Nacional - 6. ^a Estampa.....	6	850,00	4	390,00
7) Tesouro Nacional - 7. ^a Estampa.....	6	800,00	5	600,00
8) Tesouro Nacional - 8. ^a Estampa.....	5	650,00	—	—
9) Tesouro Nacional - 9. ^a Estampa.....	1	100,00	1	70,00
TOTAL.....	65	13.650,00	59	6.480,00

TABELA III

CÉDULAS DO TESOIRO NACIONAL DA REPÚBLICA

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Tesouro Nacional — 3ª Estampa.....	3	360,00	3	300,00
2) Tesouro Nacional — 6ª Estampa.....	2	1.300,00	—	—
3) Tesouro Nacional — 7ª Estampa.....	7	1.650,00	16	930,00
4) Tesouro Nacional — 8ª Estampa.....	5	1.850,00	9	2.000,00
5) Tesouro Nacional — 9ª Estampa.....	5	770,00	12	610,00
6) Tesouro Nacional — Série Inglesa.....	7	2.050,00	2	160,00
7) Tesouro Nacional — 10ª Estampa.....	5	800,00	3	300,00
8) Tesouro Nacional — 11ª Estampa.....	9	1.500,00	—	—
9) Tesouro Nacional — 12ª Estampa.....	9	1.600,00	3	340,00
10) Tesouro Nacional — 13ª Estampa.....	6	750,00	28	2.610,00
11) Tesouro Nacional — 14ª Estampa.....	4	450,00	1	100,00
12) Tesouro Nacional — 15ª Estampa.....	2	200,00	—	—
13) Tesouro Nacional — 16ª Estampa.....	3	450,00	—	—
14) Tesouro Nacional — 17ª Estampa.....	1	150,00	—	—
15) Tesouro Nacional — 19ª Estampa.....	1	100,00	—	—
16) Tesouro Nacional — Carimbo Cruzeiro.....	1	200,00	—	—
17) Tesouro Nacional — Cruzeiro 1ª Est.....	10	1.888,00	2	2,00
18) Tesouro Nacional — Cruzeiro 2ª Est.....	11	1.890,00	3	30,00
19) Tesouro Nacional — Cruzeiro 3ª Est.....	1	5,00	1	5,00
TOTAL.....	92	17.963,00	83	7.387,00

TABELA IV

BANCOS

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Banco do Brasil — 1854.....	16	9.150,00	—	—
2) Banco da Bahia — 1858.....	5	2.500,00	—	—
3) Banco Comercial e Agrícola — 1858.....	5	3.700,00	—	—
4) Banco Rural e Hipotecário — 1858.....	2	1.000,00	—	—
5) Banco dos Estados Unidos do Brasil.....	1	100,00	—	—
6) Banco da Repb. dos EEUU do Brasil.....	2	300,00	—	—
7) Banco Nacional do Brasil.....	1	700,00	—	—
8) Banco da Repb. dos EEUU do Brasil.....	2	250,00	—	—
9) Banco Nacional do Brasil.....	1	200,00	—	—
10) Banco do Brasil.....	3	600,00	—	—
11) Banco da União de São Paulo.....	4	550,00	1	100,00
12) Banco Emissor de Pernambuco.....	1	350,00	—	—
13) Banco de Crédito Popular do Brasil.....	1	50,00	—	—
14) Banco da República do Brasil.....	5	1.050,00	—	—
15) Banco do Brasil — 1923.....	4	400,00	—	—
16) Caixa de Conversão — 1906 — 1910.....	8	2.500,00	1	80,00
17) Governo Revolucionário do Brasil.....	1	100,00	—	—
18) Tesouro do Estado de S. Paulo — 1932.....	14	5.170,00	5	400,00
TOTAL.....	76	28.670,00	7	580,00

TABELA V
APÓLICES DOS ESTADOS E DAS MUNICIPALIDADES

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
APÓLICES DOS ESTADOS				
1) Alagoas.....	7	840,00	2	190,00
2) Ceará.....	4	1.500,00	—	—
3) Maranhão.....	1	200,00	—	—
4) Minas Gerais.....	2	570,00	—	—
5) Pernambuco.....	8	850,00	6	510,00
6) Rio Grande do Norte.....	4	530,00	—	—
7) Rio Grande do Sul.....	1	200,00	—	—
8) Sergipe.....	5	700,00	—	—
9) Território do Rio Branco.....	1	150,00	—	—
TOTAL.....	33	5.540,00	8	700,00
APÓLICES DAS MUNICIPALIDADES				
1) Bahia.....	1	50,00	—	—
2) Ceará.....	36	1.720,00	—	—
3) Minas Gerais.....	2	250,00	—	—
4) Paraíba do Norte.....	2	80,00	—	—
5) Paraná.....	22	2.270,00	—	—
6) Pernambuco.....	1	150,00	—	—
7) Rio Grande do Sul.....	155	17.130,00	—	—
8) Santa Catarina.....	19	1.870,00	—	—
9) Sergipe.....	1	100,00	—	—
TOTAL.....	239	23.620,00	—	—

TABELA VI
BILHETES DE EMPRESAS DE ÔNIBUS, BARCAS, BONDES, etc

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Acre.....	2	80,00	—	—
2) Alagoas.....	7	260,00	—	—
3) Amazonas.....	4	160,00	—	—
4) Bahia.....	28	1.320,00	3	150,00
5) Ceará.....	10	380,00	—	—
6) Brasília (Distrito Federal).....	3	75,00	—	—
7) Espírito Santo.....	1	90,00	—	—
8) Guanabara.....	147	11.880,00	12	2.220,00
9) Maranhão.....	1	50,00	—	—
10) Minas Gerais.....	9	650,00	—	—
11) Pará.....	15	920,00	1	30,00
12) Paraná.....	9	600,00	—	—
13) Paraná (Teatros e Cinemas).....	17	850,00	—	—
14) Pernambuco.....	30	2.800,00	—	—
15) Rio Grande do Norte.....	1	50,00	—	—
16) Rio Grande do Sul.....	4	220,00	—	—
17) Rio de Janeiro.....	11	890,00	—	—
18) São Paulo.....	8	300,00	—	—
TOTAL.....	307	21.475,00	16	2.400,00

TABELA VII

VALES DE COMPANHIAS E PARTICULARES

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Acre.....	1	50,00	—	—
2) Alagoas.....	30	2.850,00	—	—
3) Bahia.....	7	860,00	—	—
4) Ceará.....	110	5.860,00	—	—
5) Guanabara.....	73	4.700,00	—	—
6) Maranhão.....	6	330,00	—	—
7) Mato-Grosso.....	5	350,00	—	—
8) Pará.....	3	160,00	—	—
9) Paraíba do Norte.....	7	820,00	—	—
10) Paraná.....	8	460,00	—	—
11) Pernambuco.....	64	4.020,00	1	40,00
12) Rio Grande do Norte.....	1	60,00	—	—
13) Rio Grande do Sul.....	138	6.670,00	2	110,00
14) Rio de Janeiro.....	3	150,00	—	—
15) Santa Catarina.....	1	50,00	—	—
16) São Paulo.....	15	590,00	—	—
17) Sergipe.....	1	60,00	—	—
18) Sem nenhum identif. d/localid. ou Est.....	6	210,00	—	—
19) Locais ou Estados n/identificados.....	10	420,00	—	—
TOTAL.....	489	28.470,00	3	150,00

TABELA VIII

VALES DE COMPANHIAS E PARTICULARES DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Mendanha a locais indeterminados.....	200	11.290,00	1	70,00
2) Barbacena.....	26	1.740,00	—	—
3) Belo Horizonte.....	24	1.720,00	—	—
4) Diamantina.....	45	2.990,00	—	—
5) Ouro Preto.....	40	7.170,00	2	180,00
6) Vale de Fazendas.....	80	5.660,00	1	70,00
TOTAL.....	415	30.570,00	4	320,00

TABELA IX

MODELOS, ENSAIOS, ESTUDOS DE CÉDULAS

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Colônia.....	3	2.100,00	51	15.300,00
2) Conhecimento d.Tróco d.Cobre Ouro Prt	1	600,00	1	600,00
3) Tesouro Nacional — Império.....				
a) 1. ^a Estampa.....	5	2.600,00	—	—
b) 2. ^a Estampa.....	2	1.000,00	—	—
c) 3. ^a Estampa.....	3	2.000,00	—	—
d) 5. ^a Estampa.....	13	11.300,00	—	—
e) 6. ^a Estampa.....	4	1.800,00	—	—
f) 7. ^a Estampa.....	7	3.600,00	—	—
g) 8. ^a Estampa.....	4	1.900,00	—	—
h) 9. ^a Estampa.....	2	1.000,00	—	—
4) Tesouro Nacional — República.....				
a) Cédulas fabricadas na Europa.....	9	3.400,00	—	—
b) Cédulas fabricadas no American Bank.....	14	7.100,00	—	—
c) Cédulas fab. no Amr. Bank e Casa da Moeda..	27	12.400,00	—	—
5) Bancos d.Imp e d.Rep e Diversos.....	93	58.600,00	—	—
6) Estudos e Ensaios do Império.....	12	23.000,00	—	—
7) Estudos e Ensaios da República.....	5	2.500,00	—	—
8) Ensaios de Céd Execut n.Casa da Moeda.....	68	46.400,00	—	—
TOTAL.....	272	181.600,00	52	15.900,00

TABELA X

CÉDULAS FALSAS, INUTILIZADAS, SEM VALOR, etc

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Cédulas do Troco do Cobre 1833.....	2	900,00	—	—
2) Conhec ^{to} do Trêco do Cobre 1834.....	3	1.100,00	—	—
3) Cautelas do 2.º Trêco do Cobre 1835	10	3.900,00	90	34.600,00
4) Tesouro Nacional — Império.....				
a) 1.º Estampa.....	12	3.350,00	2	350,00
b) 2.º Estampa.....	12	2.950,00	1	250,00
c) 3.º Estampa.....	10	2.950,00	—	—
d) 4.º Estampa.....	9	3.730,00	—	—
e) 5.º Estampa.....	11	5.650,00	—	—
f) 6.ª Estampa.....	5	1.200,00	—	—
g) 7.ª Estampa.....	3	650,00	—	—
h) 8.ª Estampa.....	3	700,00	—	—
5) Tesouro Nacional — República.....				
a) 3.ª Estampa.....	2	350,00	—	—
b) 6.ª Estampa.....	2	1.200,00	—	—
c) 7.ª Estampa.....	9	4.000,00	—	—
d) 8.ª Estampa.....	12	3.800,00	4	760,00
e) Série Inglesa.....	11	3.100,00	3	800,00
f) 9.ª Estampa.....	7	2.050,00	—	—
g) 10.ª Estampa.....	6	2.500,00	—	—
h) 11.ª Estampa.....	10	4.000,00	—	—
i) 12.ª Estampa.....	9	3.350,00	—	—
j) 13.ª Estampa.....	5	1.900,00	—	—
k) 15.ª Estampa.....	3	900,00	—	—
l) 16.ª Estampa.....	1	100,00	—	—
m) 17.ª Estampa.....	1	150,00	—	—
6) Bancos.....				
a) Banco do Brasil — Império.....	6	3.750,00	—	—
b) Bancos Diversos.....	5	3.500,00	—	—
c) Caixa de Conversão.....	14	3.050,00	—	—
7) Apólices do Estado de Pernambuco.....	3	330,00	—	—
TOTAL —	186	65.110,00	100	36.760,00

TABELA XI

RECLAMES — BILHETES DE LOTERIA — FICHAS

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Reclames				
a) Casas Comerciais e afins.	26	1.200,00	1	50,00
b) Companias de Mutualismo.....	22	1.080,00	4	200,00
c) Diversos Assuntos	8	380,00	—	—
d) Fábrica de cigarros e diversos.....	16	750,00	—	—
e) Laboratório e Produtos farmaceuticos.....	22	1.650,00	—	—
f) Votos de Boas Festas.....	11	620,00	—	—
TOTAL —	106	5.680,00	5	250,00
2) Bilhetes de Loterias				
a) Em beneficio de Irmand. Igrejas etc.....	23	14.800,00	—	—
b) Em beneficio d/Montp. Servd. Estado.....	6	3.000,00	—	—
c) Em beneficio d/Teatros d/Corte.....	11	11.000,00	—	—
d) Diversos Assuntos	9	4.200,00	—	—
e) Recibos de Irmandades.....	2	800,00	—	—
f) Seu Talão Vale um Milhão.....	16	1.407,00	15	1.500,00
g) Províncias depois Estados brasileiros.....	19	8.800,00	—	—
TOTAL —	86	44.007,00	15	1.500,00
3) Fichas de Jôgo de diversos Estados.....	46	2.180,00	—	—
4) Fichas de Bancos.....	8	160,00	—	—
5) Bilhetes de Jogo do Bicho.....	18	1.600,00	—	—

TABELA XII

EXEMPLARES DIVERSOS

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Com assinaturas e datas				
a) Ações.....	4	7.000,00	—	—
b) Apólices.....	4	8.800,00	1	1.500,00
c) Bônus.....	3	2.000,00	—	—
d) Cautelas.....	3	3.500,00	—	—
e) Certificado.....	1	500,00	—	—
f) Conhecimentos.....	5	20.000,00	—	—
g) Letras.....	3	4.300,00	—	—
h) Letra hipotecária.....	1	1.000,00	—	—
i) Títulos.....	3	2.400,00	3	2.100,00
2) Modelos sem assinaturas				
a) Diversos exemplares (Império).....	10	19.000,00	—	—
b) Ações.....	3	1.500,00	—	—
c) Apólices.....	15	6.100,00	—	—
d) Bônus.....	1	300,00	—	—
e) Cautela.....	1	300,00	—	—
f) Debentures.....	3	900,00	—	—
g) Letra.....	1	300,00	—	—
h) Título.....	1	2.000,00	—	—
i) Talão de cheques.....	1	200,00	—	—
3) Livro p/trôco moeda d/cobre céd. branco.....	1	3.000,00	—	—
4) Impressos de Bancos (Modelos).....	428	12.800,00	—	—
5) Apólices de Companhias de Seguros.....	327	51.000,00	—	—
6) Títulos ao portador (Capitalização).....	3	600,00	—	—
TOTAL	822	147.540,00	4	3.600,00

TABELA XIII

MOEDA FIDUCIÁRIA ESTRANGEIRA - EUROPA - ÁSIA - ÁFRICA

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Império Austro-Hungaro.	14	420,00	79	2.370,00
2) Áustria.....	1033	3.568,00	—	—
3) Alemanha.....	451	14.290,00	32	1.280,00
4) Bulgária.....	2	60,00	—	—
5) Dinamarca.....	1	30,00	—	—
6) Estonia.....	2	60,00	—	—
7) França.....	83	4.530,00	2	60,00
8) Grécia.....	8	320,00	—	—
9) Holanda.....	1	40,00	—	—
10) Hungria.....	3	120,00	—	—
11) Inglaterra.....	3	150,00	—	—
12) Itália.....	37	2.150,00	5	150,00
13) Irlanda.....	1	500,00	—	—
14) Polónia.....	8	320,00	1	40,00
15) Portugal.....	39	8.250,00	14	700,00
16) Principado de Mônaco.....	3	90,00	—	—
17) Rumania.....	5	200,00	—	—
18) Russia.....	37	2.300,00	1	80,00
19) Tchecoslováquia.....	6	240,00	1	40,00
20) Diversos países europeus.....	3	120,00	—	—
TOTAL —	1740	37.758,00	135	4.720,00
ÁSIA				
1) China.....	4	200,00	1	50,00
2) Japão.....	5	250,00	—	—
3) Líbano.....	2	80,00	—	—
4) Turquia.....	2	200,00	—	—
5) Não identificados.....	2	60,00	—	—
TOTAL —	15	790,00	1	50,00

TABELA XIV

MOEDA FIDUCIÁRIA - ESTRANGEIRA - AMÉRICAS DO NORTE - CENTRAL E SUL

ASSUNTOS	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) América do Norte				
a) Canadá.....	1	200,00	—	—
b) Estados Unidos.....	22	2.340,00	2	80,00
c) México.....	3	150,00	—	—
TOTAL.....	26	2.690,00	2	80,00
2) América Central				
a) Cuba.....	7	350,00	—	—
b) Guatemala.....	2	100,00	—	—
c) Honduras.....	1	50,00	—	—
d) Nicarágua.....	1	50,00	—	—
e) Trinidad.....	1	50,00	—	—
TOTAL.....	12	600,00	—	—
3) América do Sul				
a) Argentina.....	69	4.140,00	20	1.200,00
b) Bolívia.....	3	120,00	1	40,00
c) Chile.....	2	80,00	—	—
d) Colômbia.....	4	160,00	—	—
e) Equador.....	1	40,00	—	—
f) Paraguai.....	47	2.520,00	60	3.600,00
g) Peru.....	6	240,00	1	40,00
h) Uruguai.....	22	1.320,00	1	60,00
i) Venezuela.....	2	400,00	—	—
TOTAL.....	156	9.120,00	83	4.914,00
4) Bilhetes e Vales da Europa /América.....	28	4.240,00	—	—
Céd. Argent. encont.n/cart. Lima Barros.....	—	—	6	360,00

RESUMO GERAL

A S S U N T O S	NÚMERO DE PEÇAS DA COLEÇÃO	AValiação	NÚMERO DE DUPLI- CATAS	AValiação
1) Moeda fiduciária d/Brasil. Col. e Imper.....	83	152.010,00	33	13.110,00
2) Cédulas do Tesouro Nacional-império	65	13.650,00	59	6.480,00
3) Cédulas do Tesouro Nacional-República.....	92	17.953,00	83	7.387,00
4) Bancos.....	76	28.870,00	7	580,00
5) Apólices dos Estados.....	33	5.540,00	8	700,00
6) Apólices das Municipalidades.....	239	23.620,00	—	—
7) Bilhete de Emp. d/Onibus, Bondes, ets.....	307	21.475,00	16	2.403,00
8) Vales de Comp. e Partic. d/Estados.....	489	28.470,00	3	150,00
9) Vales de Comp. e Partic. d/MinasGer.....	415	30.570,00	4	320,00
10) Modelos, ensaios, estudos de cédulas.....	272	181.600,00	52	15.900,00
11) Cédulas Falsas, Inutilizadas, etc.....	186	65.110,00	100	36.760,00
Total da moeda papel brasileira	2.257	568.678,00	365	83.787,00
1) Reclames-Bilhetes de Lot. Fichas.....	263	53.627,00	20	1.750,00
2) Exemplares Diversos.....	822	147.540,00	4	3.600,00
TOTAL DO BRASIL.....	3.342	769.845,00	389	89.137,00
1) Cédulas da Europa e Asia.....	1.755	38.548,00	136	4.770,00
2) Cédulas das Américas.....	222	16.650,00	91	5.389,00
TOTAL GERAL.....	5.319	825.043,00	616	99.287,00

TOTAL GERAL DA COLEÇÃO DO M.H.N.

Coleção Oficial da Divisão de Numismática.....	5.319	825.043,00
Duplicatas existentes atualmente.....	616	99.287,00
TOTAL.....	5.935	924.330,00

UM AUTO-RETRATO NO MUSEU DA REPÚBLICA

THEREZINHA DE MORAES SARMENTO

Conservador nível 17-A

Em 1958, pouco antes de morrer, D. Mary Sayão Pessoa doou ao Museu Histórico Nacional uma série de objetos que em sua maioria recordam fatos da vida de seu marido — Epitácio Pessoa.

Com a inauguração do Museu da República, no antigo Palácio do Catete, a quinze de novembro de 1960, alguns desses objetos foram para lá transferidos e entre eles o auto-retrato de Mary Sayão, que se encontra atualmente exposto na Sala Epitácio Pessoa, no terceiro pavimento do museu.

Óleo sobre tela medindo 60,50cm x 43cm. Busto voltado 3/4 à direita, cabeça inclinada, cabelos castanhos claros, armados em coque bem acima da cabeça, pequeno cacho tombado sobre o meio da testa. Olhos castanhos escuros que olham à frente. Bôca em entreaberto sorriso. Vestido rosa sêco, ao qual tênues pinceladas azul cinzento dão uma aparência “mauve”. Mangas compridas, fofas nos ombros, estreitam-se logo abaixo. Um galão escuro com reflexos azul e rosa claro, debruado em preto, passando atrás do pescoço e descendo até a cintura, termina à frente o decote retangular. Abaixo, à direita, uma rosa chá é o centro de um ramallete. O fundo, em tom vermelho escuro, ressalta sobremaneira a linha coloração criada pelos pincéis exímios da autora. No canto superior direito lê-se: Mary Sayão.

A tela, que não está datada, apresenta D. Mary em todo o esplendor da sua mocidade, quando findava seus dezenove anos e iniciava os vinte, portanto em 1898.

Como há muito a tela não era limpa, a pintura perdera o colorido. Retirada a camada do verniz sujo com uma mistura de 90% de essência de terebintina para 10% de

álcool, as côres apareceram em tôdas as suas gradações e surgiram com minúcias os claros escuros. Após completamente limpa a tela, que não apresentava qualquer imperfeição, foi posta uma nova camada de verniz, que valorizou ainda mais as tintas.

Maria da Conceição Manso Sayão nasceu a três de julho de 1878, na cidade do Rio de Janeiro, filha de conceituado médico, Dr. José Francisco Manso Sayão e de D. Maria Olimpia Manso Sayão. Descendente pelo lado materno dos antigos troncos dos Avelar e dos Brandão, fazendeiros vas-sourenses e pelo lado paterno neta de um astrônomo, talvez devesse às suas origens a aguda sensibilidade e o grande interêsse pelas manifestações do saber humano.

Seu apelido “Mary”, foi devido ao seu tipo louro, não muito comum no Brasil de então.

Educada com apuro, levou seus estudos mais além do que o faziam as moças de sua época. Dedicou-se desde cedo à pintura e ao estudo de línguas. Graças a isto e em grande parte às viagens que empreendeu com os pais, pôde ainda mocinha, falar fluentemente francês, inglês e alemão.

A quatro de janeiro de 1891, aos treze anos de idade e a vinte e três de dezembro de 1891, aos quatorze anos, prestou exames finais de francês e português respectivamente, sendo em ambos aprovada com distinção, conforme se lê nos Livros de Registros dos Exames Parcelados do antigo Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo.

Na pintura, foi aluna de um dos grandes mestres brasileiros: Rodolfo Amoedo.

Em 1897 é como discípula de Amoedo que expõe três quadros na 4.º Exposição Geral de Belas Artes, sendo um dêles, o retrato de seu pai, Dr. Manso Sayão, dos melhores trabalhos de D. Mary. A primeiro de setembro de 1898 é inaugurada a 5.º Exposição Geral de Belas Artes e nela, mais uma vez como aluna de Rodolfo Amoedo, D. Mary expõe seis quadros, figurando entre êles o seu único auto-retrato, o que acima foi descrito e cuja fotografia ilustra êste trabalho.

Entre os dezenove e vinte anos fez o próprio retrato, uma de suas últimas obras. Pintora de mérito, conforme o atestam os seus trabalhos, seria provàvelmente um dos grandes nomes da pintura brasileira, se não tivesse aban-



Auto-retrato de Mary Sayão

donado a arte ao se tornar noiva de Epitácio Pessoa a oito de setembro de 1898. ⁽¹⁾ O casamento realizou-se as dezoito e trinta horas de oito de dezembro de 1898 na Igreja da Candelária.

Alguns meses depois, o Presidente da Argentina, General Roca, visita o Brasil e coube à mulher do Ministro da Justiça, por estar de luto a esposa do Presidente Campos Sales e ser solteiro o Ministro do Exterior Olinto de Magalhães, o papel temporário de primeira Dama. Abriu a quadrilha de honra pela mão do General Roca, no então Palácio do Catete, atual Museu da República. Assim estreou D. Mary Pessoa nos deveres de representação social como mulher de um homem de vida pública.

Em 1902, Epitácio Pessoa é Ministro do Supremo Tribunal Federal e a sete de junho do mesmo ano, um novo decreto de Campos Sales nomeava-o Procurador Geral da República, cargo então exercido por um Ministro do Supremo Tribunal. A vinte e seis de dezembro de 1912 torna-se Epitácio Pessoa Senador. Em dezembro de 1918 é convidado pelo Ministro das Relações Exteriores, Domício da Gama, em nome do Presidente Rodrigues Alves, para fazer parte da Comissão que o Brasil ia enviar à Conferência da Paz em Versalhes, sob a chefia de Ruy Barbosa. Renunciando Ruy Barbosa a missão, Epitácio o substitui e a dois de janeiro de 1919 parte para a Europa com a esposa e as três filhas.

A vinte e cinco de fevereiro de 1919, em Paris, recebeu o telegrama oficial em que a Mesa da Convenção Nacional lhe comunica a escolha de seu nome para candidato à sucessão do Conselheiro Rodrigues Alves. A treze de abril de 1919 realizam-se as eleições para o triênio 1919-1922 em que Epitácio Pessoa sai vitorioso.

(1) Epitácio Pessoa nasceu a vinte e três de maio de 1865, em umbuzeiro, na Paraíba. Perdendo os pais, Coronel José da Silva Pessoa e Henriqueta de Lucena Pessoa, aos oito anos, foi aluno interno do Ginásio Pernambucano e posteriormente da Faculdade de Direito no Recife. Formado em 1886, inicia sua carreira como Procurador na Comarca do Cabo. Proclamada a República é nomeado Secretário Geral do E. da Paraíba e em seguida eleito Deputado à Constituinte de 1891. Em 1898, após ficar noivo de Mary Sayão, é convidado pelo então Presidente Campos Sales, para Ministro da Justiça. Desejando casar-se antes da passagem do cargo, apressam-se os preparativos.

Chegando ao Brasil a vinte e um de julho de 1919, vai como Presidente da República, morar com sua família no Palácio do Catete, então residência governamental.

A Secretaria com suas várias dependências funcionava no andar térreo. O salão de despachos dava para uma varanda ampla, abrindo diretamente para o parque.

A família do Presidente ocupava os dois pavimentos superiores, com exceção dos salões da fachada que só se abriam em dias de gala. Habitualmente servia-se de duas salas no anexo, uma de refeições a outra de bilhar. Havia também nesse andar, a sala da Capela, onde a mulher do Presidente recebia as senhoras de diplomatas e outras visitas de cerimônia, e o próprio Presidente dava audiências escolhidas. Mary Pessoa dera-lhe nova feição com a colocação de telas, objetos de arte, fotografias e mais peças pertencentes ao casal.

No último andar, estavam os dormitórios. Na fachada do fundo havia três quartos de menor tamanho, que foram os escolhidos pelo casal por darem para o parque e proporcionarem maior comodidade. Eram três peças contíguas; o dormitório entre dois vestiários.

Em Palácio, tanto no Catete como no Rio Negro recebiam com freqüência e era então que D. Mary melhor demonstrava os seus requintes de gosto e elegância. Organizava ela própria nas menores minúcias os programas das festas, deixando ao mordomo apenas o trabalho pesado e aos introdutores diplomáticos as questões controversas do protocolo. Ainda que de saúde delicada, D. Mary não temia cansar-se; atarefava-se até que os preparativos da festa atingissem o ponto desejado. Muito sociável, recebia com perfeição. A mesma inteligência que lhe facilitava qualquer assunto de conversa, servia-a na difícil arte de congregar os convidados, pô-los à vontade, dizer a cada um a palavra adequada. Era, em suma, uma “Primeira Dama”, que com a sua grande cultura, o dom de falar fluentemente várias línguas e a beleza dos traços que a maturidade não desfizera, honrava o nome que trazia.

Em 1920, quando os soberanos Belgas, Leopoldo I e Elizabeth vieram ao Brasil oficialmente, D. Mary dirigiu em pessoa as remodelações e decorações do Palácio Guanabara, preparando-o para receber condignamente os hóspedes reais. Quando êstes aqui chegaram, desdobrou-se para

atendê-los e, com a simpatia que lhe era peculiar, em muito contribuiu para fortalecer os laços de amizade que os ligariam, ela e Epitácio, até o fim da vida aos reis da Bélgica.

Grande colaboradora do marido, atendia a funções sociais, substituindo o Presidente quando possível.

Protegeu largamente a pobreza, socorrendo muitas casas de caridade e fundando uma obra sua no decorrer da Presidência.

Em setembro de 1922, quando das comemorações do Centenário da Independência, presidiu o banquete oferecido pelo Presidente e Senhora às Embaixadas especiais que aqui vieram, na noite de nove de setembro, no Palácio do Catete.

A doze de outubro de 1922 Epitácio Pessoa inaugurou oficialmente o Museu Histórico Nacional.

Deixando o governo a quinze de novembro de 1922, a dezesseis parte Epitácio para a Europa com a família. Indo a Portugal, D. Mary é agraciada com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, que lhe é entregue pelo Presidente da República em exercício, Dr. Antônio José de Almeida, sendo a primeira brasileira a receber tal condecoração.

Voltando ao Brasil em julho de 1923, Epitácio é nomeado Juiz da Corte Permanente de Haia. Deixando o posto em 1930, foi durante este período seguidamente à Europa com D. Mary.

A partir de 1930, voluntariamente afastado da lide política, Epitácio exerceu apenas funções de jurisconsulto e advogado. Nesses dias mais tranqüilos D. Mary recomeçou a dar vazão ao impulso criador, dedicando-se desta vez à atividade literária. Traduz então do original francês um livro de G. Marquis: "Livro da bondade", sob as iniciais M. P. (1).

Epitácio Pessoa faleceu a treze de fevereiro de 1942 e D. Mary enfrentou esta dura prova com o ânimo forte que lhe era característico. Dedicando-se ainda mais a escrever, terminava as suas memórias quando faleceu no Rio de Janeiro a vinte e nove de outubro de 1958.

O estudo de um auto-retrato, levou-nos ao conhecimento de facetas desta personalidade marcante que se projetou na

(1) Livraria Francisco Alves — 1934.

vida da República como companheira à altura do único brasileiro que ocupou os três mais altos postos do Judiciário, Legislativo e Executivo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Catálogo da 4.^o Exposição Geral de Belas Artes — 1897.
- 2 — Catálogo da 5.^a Exposição Geral de Belas Artes — 1898.
- 3 — Livros de Registros dos Exames Parcelados do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo:
 - a) Francês — Fôlha 99;
 - b) Português — Fôlha 138.
- 4 — Pardellas, Carlos Alberto Pessoa — Notas sobre D. Mary.
- 5 — Raja Gabaglia, Laurita Pessoa — “Epitácio Pessoa”.
Volumes I e II — Livraria José Olympio Editôra Rio e São Paulo — 1951.

APENDICE

COLEÇÃO NILO PEÇANHA

MARIA DE LOURDES RODRIGUES DE CARVALHO
Documentarista — nível 17-A

Por disposição testamentária da Exma. Viúva Nilo Peçanha, o Arquivo da Divisão de Documentação do Museu Histórico Nacional, foi enriquecido com um acervo composto de mais de quarenta mil documentos, formado de manuscritos originais, autógrafos, mapas, retratos, títulos, álbuns congratulatórios ou comemorativos, recortes da imprensa nacional e da estrangeira, coligidos pacientemente pela doadora que a iniciou na década de 1880 a 1890, quando Nilo Peçanha também, dava seus primeiros passos na vida pública.

A coleção é rica e variada; é um verdadeiro retrato da personalidade eclética de Nilo Peçanha; ora encontramos o homem comum da vida caseira, ora o político — o mais esclarecido de sua época — o precursor das novas técnicas políticas de atendimento aos problemas de fundo social, até então tidos como de pouca ou nenhuma importância — o administrador sereno e conhecedor dos problemas econômicos e de expansão de seu país; o chefe incontestado de seu partido, mas nunca prêso a simples interesses partidários quando no exercício de qualquer mandato; o ministro hábil e esclarecido na Pasta dos Negócios Exteriores, sabendo orientar a política externa do país em hora difícil, quando pressões internas e externas procuravam influir na decisão dos governantes e, ele soube onde situar os mais altos interesses da nação, e o Brasil formou ao lado dos seus naturais aliados em 1917; encontramos no constituinte de 89 o ardoroso republicano tão jovem na idade mas tão amadurecido para as lides parlamentares; o orador brilhante, “causeur”, argumentador sagaz e temido; o presidente da República, sereno, progressista e atuante, tendo por lema a pacificação

dos espíritos como base do trabalho de realizar sem lutas estéreis de classes, o desenvolvimento material do país.

Liberal progressista aferra-se no entanto à Constituição: acha mais fácil e menos perigoso mudar os homens do que admitir reformas na Lei Magna. Encontramos e lemos com delicia o escritor primoroso observador sagaz que transforma suas viagens de descanso em aprendizado a serviço de sua terra e de sua gente; seu nacionalismo sadio sem xenofobia, seu entranhado amor ao Brasil.

Seus correspondentes vão desde o eleitor matuto, o cor-religionário, ao escritor de fama ou personalidade de destaque na vida pública. Há toda uma gama divertida de estilos e de culturas. A todos ele dá, em síntese, de próprio punho a resposta concisa, sóbria; não deixa nenhuma carta sem resposta, seja ou não de amigo, cor-religionário ou simples postulante.

Entre seus correspondentes figuram Ruy Barbosa, Pinheiro Machado, Quintino Bocaiuva, Raul Fernandes, Maurício de Medeiros, Raul Veiga, Wenceslau Braz, Hermes R. da Fonseca, Campos Salles, Barão do Rio Branco, Epitácio Pessoa, Affonso Penna, Rodrigues Alves, Oliveira Botelho, Francisco Sá, Alfredo Baker e outros.

Organizada, cronologicamente, a coleção de manuscritos é como uma tela panorâmica onde o pesquisador passa os olhos do lirismo rústico da poesia laudatória de um admirador anônimo, às anotações de seu próprio punho, sarcásticas, jocosas, sempre bem humoradas e jogadas com muita propriedade.

Descobrimos facetas de seu caráter, pouco conhecidas do grande público: agradava-lhe a charge política, o “mot d’esprit”. Sabia ser irreverente e impiedoso: em uma lista de candidatos à Assembléia Legislativa fluminense, numerada de 1 a 25, deu a cada um o nome correspondente da lista do chamado — jogo do bicho; gosta do epigrama e da anedota.

O acervo de recortes de jornais é numeroso e variado; abrange todos os fatos históricos e políticos da época, do Brasil e do estrangeiro. Referem-se à política interna e externa; ao descobrimento de novas técnicas e melhoramentos da indústria de países mais adiantados, com anotações de próprio punho advogando seu aproveitamento entre nós; vê-mo-lo interessado sobretudo no incentivo às atividades produtivas; no incremento da lavoura e da pecuária;

na melhor arrecadação tributária dotando o crário de maiores recursos sem o apêlo a novos impostos. — Menos impostos e nada de empréstimos — foi a política que adotou à frente do governo do Estado do Rio e na Presidência da República, e isso é constatado em seus artigos na imprensa e nos recortes colecionados; na busca incessante de melhores métodos de política econômica e financeira, atento à realidade nacional onde a iniciativa privada sempre teve carência de financiamentos e de assistência financeira do Estado.

Não menos importante é a coleção de artigos seus assinados modestamente — “Republicano Histórico” onde vemos o legalista ardoroso, verberando as bases falsas do legalismo de então; as eleições cujo resultado dependia não do voto mas do reconhecimento do poder político, parte interessada no processo eleitoral. Vemo-lo, mais tarde, despir-se das prerrogativas da imunidade parlamentar para solidarizar-se com os revoltosos idealistas de 1922, depois de ter sido mais do que o candidato de uma facção política, o apóstolo da regeneração do regime republicano, a alma da Reação Republicana um dos maiores movimentos cívicos de nossa terra.

Da coleção constam os originais manuscritos de seus livros “Impressões da Europa” e “Política Economia e Finanças” desde os primeiros esboços, assim como as cópias datilografadas, revistas e anotadas de próprio punho por Nilo Pecanha.

A coleção de albuns é interessantíssima pela variedade e riqueza da confecção como dos assuntos e fatos a que se referem. Destacamos alguns como:

“OS LUSÍADAS” — Vol. encadernado em pano couro bordeaux com dizeres em dourado. Edição 1898 — 4.º Centenário do descobrimento das Índias. Com dedicatória: “Ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, a Sociedade de Geografia de Lisboa”.

Grande edição autográfica, 599 páginas, com índice de colaboradores. (Cada estância é reproduzida em fac-símile de manuscritos de diversas personalidades brasileiras e portuguesas da época) — Bom estado.

“APRENDIZES ARTÍFICES DE ALAGOAS” — 1910 — 1 álbum acondicionado em estojo de madeira cor creme, contendo 9 fotografias, mapas estatísticos, quadro do pes-

soal e informações sôbre oficinas e cursos mantidos pela escola. Bom estado.

“OBRAS MILITARES NO ESTADO DE MATO GROSSO” 1907-1909 — 1 álbum encadernado em verde escuro (pano couro) com dizeres em doirado. 13 páginas com fotografias — datado de 9-11-1909, pelo Ten. Cel. Antônio de Albuquerque Souza, da arma de engenharia. — Bom estado.

“LEMBRANÇA DO GOVERNO DE SÃO PAULO” — 1 álbum encadernado em pano couro vermelho com dizeres em doirado, contendo 50 fotogravuras da Capital e do interior do Estado, com dedicatória autografada (assinatura ilegível) datado de Rio, 22-9-1906. — Mau estado a capa.

“MENSAGEM AO CONGRESSO” — Pelo Presidente Affonso Augusto Moreira Penna, datada de 3-5-1909 — 1 volume encadernado em azul, lombada e cantos em couro escuro, com dizeres e armas da República em doirado. 65 páginas autografadas — Máu estado a encadernação.

“ATAS DA INAUGURAÇÃO DA AV. PEDRO IVO, DO PARQUE DA BOA VISTA E ESCOLA MODELO NILO PEÇANHA” — Em 12-10-1910, assinadas por Dr. Nilo Peçanha e seu Ministério. 1 volume encadernado com 8 fôlhas finamente decoradas com iluminuras. Na capa as armas da República em doirado. — Bom estado.

1 caixa com 138 fotografias referentes à campanha da Reação Republicana.

“INAUGURAÇÃO DOS MELHORAMENTOS DA CIDADE DE CAMPOS” — 1 álbum encadernado em papel couro verde, letras em doirado, com dedicatória a Nilo Peçanha, assinada por Chapelin em 19-11-1916, contendo fotografias. — Máu estado a capa.

1 pasta para mesa em couro escuro com desenhos em doirado, contendo 8 fôlhas de mata-borrão. Em máu estado.

A Divisão de Documentação do Museu Histórico Nacional procede, no momento, à análise dos documentos da Coleção Nilo Peçanha para a confecção dos respectivos catálogos e índices remissivos que serão postos à disposição dos interessados.

Maria de Lourdes Rodrigues de Carvalho, Documentarista nível 17-A.

NOTICIÁRIO

Os “Anais” registram com pesar, o falecimento do Dr. Gustavo Barroso ocorrido a 3 de dezembro de 1959.

Criado o Museu Histórico Nacional por decreto presidencial de 2 de agosto de 1922, foi nomeado seu primeiro Diretor o Dr. Gustavo Barroso, que desde 1911 se batera na imprensa pela criação da Casa do Brasil. Exerceu o cargo até 1930, sendo substituído por outro eminente historiador pátrio, o Prof. Rodolfo Garcia.

Reconduzido à direção do Museu em 1932, Gustavo Barroso nela permaneceu até sua morte.

Em 29 de dezembro de 1958, o Museu Histórico Nacional se engalanou para comemorar com brilhantismo e júbilo o setuagésimo aniversário de seu idealizador o qual dedicara trinta e quatro anos de sua vida para situar a Casa do Brasil, entre as instituições exponenciais da cultura de nossa terra.

Nessa ocasião após a inauguração de seu busto em bronze no “Pátio de Minerva”, homenagem dos funcionários do Museu, foi apresentado ao Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, memorial dos alunos e ex-alunos do Curso de Museus, pleiteando que fôsse mantido no cargo de diretor mesmo atingido pela aposentadoria compulsória.

Continuou Gustavo Barroso à frente da direção do Museu até que a morte ceifasse uma vida toda inteira dedicada ao estudo, cultura e divulgação de nossa história, privando o País de um de seus mais ilustres servidores.

Por decreto presidencial, foi nomeado para o cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional, o Acadêmico Josué

de Souza Montello, tendo tomado posse e entrado em exercício em 5 de janeiro de 1960.

Por iniciativa da atual administração e com a presença do Exmo. Sr. Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi solenemente instalado a 15 de novembro de 1960 no antigo Palácio do Catete, o “Museu da República”, destinado a conservar as reliquias históricas referentes ao período republicano.

O presidente honrou o Museu Histórico com a sua presença, ao inaugurar a Exposição Henriquina, comemorativa da epopéia marítima dos navegadores portugueses.

Em agosto de 1961 celebrou-se a data do Exército com uma exposição de objetos e documentos que pertenceram ao Duque de Caxias.

A 26 de março de 1962, foram solenemente inauguradas as novas instalações do “Curso de Museus”, mandadas executar pela atual administração.

Tiveram início em abril de 1962 as aulas do “Curso de Heráldica” ministradas pelo Conservador Profra. Jenny Dreyfus, no Museu da República.

Dêste número em diante os “Anais” serão editados sob a responsabilidade da Seção de Divulgação da Divisão de Documentação do Museu Histórico Nacional.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Diretor — Dr. Josué de Souza Montello.

Museu da República — Prof.^a Jenny Dreyfus.

Divisão de Hist. e Arte Retrospectiva — Prof.^a Otávia Corrêa dos Santos Oliveira.

Divisão de Numismática, Sigilografia, Condecorações e Filatelia — Prof.^a Yolanda Marcondes Portugal.

Divisão de História Artística e Literária (Vago).

Divisão de Documentação e Divulgação — Dr. Herculano Gomes Mathias.

Divisão de Cursos de Museus — Prof.^a Nair Moraes de Carvalho.

Serviço de Administração — Sylvia Oberlaender.

Gabinete de Restauração — Prof. Rui Campello.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
1964